

1940

JUNHO

I SÉRIE

CADERNOS DA HORA PRESENTE

 DIRETOR
TASSO DA SILVEIRA

 DIRETOR-SECRETÁRIO
RUI DE ARRUDA

Administração: MARTINIANO DE CARVALHO, 137 - S. Paulo - Brasil

ASSINATURA

NÚMERO AVULSO

Brasil - sob registro	60\$	Brasil	5\$000
Estrangeiro - sob registro	80\$	Estrangeiro	6\$000

NOTA: Qualquer remessa de dinheiro deverá ser feita nominalmente por vale postal ou cheque ao Diretor-Secretário.

Sôbre "Vida Literaria"

AS páginas de Rosário Fusco, na verdade, mais ainda que páginas de crítica, são páginas de poesia e de pensamento. Elas percorrem uma multiplicidade de assuntos; e em todos o autor se revela inteiramente seguro de si, tendo uma idéia clara em vista, uma finalidade determinada a alcançar, que pode nem sempre ser justa, mas que é sempre fortemente pessoal.

Idéias germinam aqui e ali, que podem originar interessantíssimas discussões, tal é o alcance dos problemas de arte e filosofia que elas envolvem. Seus conceitos sôbre o CONTO e o ROMANCE, por exemplo, sôbre a POESIA, sôbre a própria LITERATURA — e muitos outros — são bastante originais e denotam o espírito de alguém que procura emprestar formas definidas a certos núcleos de impressões que vai recolhendo do mundo exterior. Rosário Fusco faz aproximações de idéias assimiladas em várias fontes — aproximações às vezes inesperadas e vigorosamente marcadas com o seu cunho pessoal. Dessas aproximações éle extrae esclarecimentos, conclusões; com elas constrôe quadros, onde se reflete a sua concepção particular do mundo.

ALMIR DE ANDRADE

R E D A Ç Õ E S

RIO DE JANEIRO: Abgar Renault ★ Andrade Murici ★ Adonias Filho ★ Barreto Filho ★ Benjamin Lago ★ Colrim Neto ★ Francisco Karam ★ Rodolfo Joseti ★ Garrido Torres ★ Hélio Viana ★ J. C. Melo e Sousa ★ Osvaldo Franca ★ Paulo Fleming ★ Miranda Neto ★ Romeu Silva ★ Rômulo de Castro ★ Santiago Dantas ★ Thiers Martins Moreira.

SÃO PAULO: Alceu Cordeiro Fernandes ★ Almeida Magalhães ★ Almeida Sales ★ Amadeu de Queiroz ★ Anita Malfati ★ Antônio Queiroz Filho ★ Aristides Avila ★ Paim Vieira ★ Carlos Pinto Alves ★ Geraldo de Carvalho Silos ★ Edmundo Amaral ★ Guilherme de Almeida ★ Hildebrando Siqueira ★ Lauro Escorel ★ Leão Machado ★ Mário Mazel Guimarães ★ Mota Filho ★ Orígenes Lessa ★ Otacílio Pousa Sene ★ Raulo Prata ★ Roland Corbier ★ Sérvulo Pompêo de Toledo.

BELO HORIZONTE: Aires da Mata Machado Filho ★ Armando Mäs Leite ★ Célio Golata ★ Dantas Mota ★ Edgard da Mata Machado ★ Emílio Moura ★ Eduardo Friello ★ Guillermino Cesar ★ Heli Menegale ★ Hélio Ribeiro ★ Henriqueta Lisboa ★ Herbert Brant Aleixo ★ J. Etienne Filho ★ J. Lourenço de Oliveira ★ José Carlos Lisboa ★ Mário Mendes Campos ★ Melo Cansado ★ Milton Amado ★ Oscar Mendes ★ Waldemar Tavares Paes.

RECIFE: Andrade Lima Filho ★ Arlindo Figueiredo ★ Arnóbio Graca ★ Eduardo Celler ★ Fernando Mota ★ Nehemias Gueiros ★ Tadeu Rocha ★ Telmo Pontual ★ Valdemar Valente.

PORTO ALEGRE: Aldo Obino ★ Anôr Butler Maciel ★ Armando Câmara ★ Arlindo A. Saraiva ★ Ates Damasceno Ferrelra ★ Carlos Galvez ★ Carlos Danta de Moraes ★ Darío de Bittencourt ★ Fábio de Barros ★ Felix Contreiras Rodrigues ★ Mário Ferrelra de Medeiros ★ Manoelito de Ornelas ★ Moisés Velhinho (Paulo Arinos) ★ Oscar Machado ★ Paulo Correia Lopes ★ J. P. Coelho de Sousa ★ Mansueto Bernardi ★ Edgard Fernandes Teixeira ★ Dâmaso Rocha ★ Décio de Souza ★ Oto Alcides Ohlweiler ★ Paulo Tollens ★ Lauro Balduino Schuch ★ Helio Mariante da Fonseca ★ Eduardo Contreiras Rodrigues ★ Hugo de Primo Vaz ★ Francisco Machado Carrion ★ Jaime Castro.

NATAL: Luiz da Câmara Cascudo ★ M. Rodrigues de Melo ★ Oto Guerra.

SALVADOR: Abel Mendonça ★ Antônio Coni ★ Afrânio Coutinho ★ Carvalho Filho ★ Eugênio Gomes ★ Gil Nunesmaia ★ Guerreiro Ramos ★ Herbert Fortes ★ José Valadares ★ José Adonias Aguiar ★ Jenner Barreto Bastos ★ João Pitanguelras ★ Oldegar Viçes ★ Rômulo de Almeida ★ Alexandre Leal Costa ★ Thales de Azevedo ★ José Marianni ★ Jorge Calmon ★ Osvaldo Valente ★ Renato Mesquita ★ Renato Bala ★ J. Silva Campos ★ Godofredo F.*.

GOIAZ: J. Herólio Fleuri ★ B. Vaz.

MANAUS: Adriano Jorge ★ André de Araujo ★ Leopoldo Peres ★ Pericles de Moraes.

©

BUENOS AIRES: Braulio Sanchez Sáez ★ Fernán Felix de Amador ★ Adolfo Garretón ★ Augusto Scarpitti ★ Honorio Siccardi ★ Leonidas Barletta ★ Horacio Juarez ★ Jorge Leyes Lloveras ★ Ariel Maudet ★ Roberto Cugini.

©

As redações dos outros Estados estão sendo organizadas.

SUMÁRIO:



I PARTE

DIÁRIO DE HELENA — Mário Vieira de Melo	7
TECNICA E SENSIBILIDADE DE PORTINARI — Andrade Murici	33
DOIS POEMAS de Francisco Karam	37
OITO POEMAS de Pádua de Almeida	41
EDUCAÇÃO DO CARÁTER E A MORAL CRISTÃ — Tadeu Rocha	43
PROUST, DICKENS E MACHADO DE ASSIS — George Balint	53
DETERMINISMO E MORAL — Otto Alcides Ohlweiler	63
A AURORA DA AMÉRICA — Garrido Torres	57
POSITIVISMO E O IMPÉRIO — João Camilo de Oliveira Torres	106

II PARTE

LIVROS BRASILEIROS

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA — Adonias Filho	121
UM GRANDE FILÓSOFO — José Vieira de Mendonça	131
OLAVO BILAC de Melo Nóbrega — Tristão de Atalida	134
FARIAS BRITO de Jonathan Serrano — Miguel Gonçalves da Silva	136
LIVROS RECEBIDOS	137

LIVROS ESTRANGEIROS

O DRAMA DE NIJINSKY — Tasso da Silveira	138
GEMEAS de M. de C. Pereira — T. S.	141
O CRISTIANISMO E AS FILOSOFIAS de Sertillanges — T. S.	143

ANTOLOGIA

RECORDAÇÕES DE JORGE FALEIROS — Silveira Bueno	143
POEMAS de Jorge Faleiros	149

CINEMA

PRINCÍPIO DE ANO — Otávio de Faria	153
--	-----

ARQUIVO

CRÔNICA INÉDITA de Coelho Neto 156

MEIA-HORA

COM MIGUEL REALE — Geraldo de Carvalho Silos 158

FATOS E COMENTÁRIOS

LIÇÕES E PROFECIAS DE RUI — J. Venceslau Junior . . . 164

O EXÍLIO — Stefan Swelg 166

FOLCLORE NORTE-RIOGRANDENSE — Luiz da Câmara
Casado 167

OUTROS "FATOS E COMENTÁRIOS" 168, 169, 170

CONTO MENSAL

AGORA, SÓU EU — Mário Sete 171

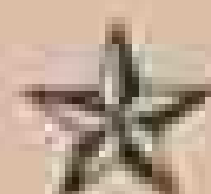
AOS COLABORADORES: Os originais devem ser escritos de um só lado do papel e de preferência datilografados.

AOS EDITORES: Daremos nos CADERNOS o registro de todas as obras saídas durante o mês com as principais indicações, para o que pedimos aos editores a remessa das suas publicações.

ABDIAS NASCIMENTO — Solicitamos o comparecimento urgente desse sr. à Administração dos Cadernos, a fim de cuidar de seus interesses.

★ Previnimos a todos que o referido sr. não trabalha mais para os Cadernos. Os nossos amigos e leitores estão, pois, avisados.

I - PARTE



Farias Brito

Farias Brito, aquele espírito forte e pujante de lutador intelectual, aquela alma delicada e enlevada de sonhador, faleceu, ontem na Capital Federal.

Quem leu as suas páginas esplendorosas e profundas, ricas de pensamentos admiráveis e sempre transbordantes de conhecimentos invulgares, quem, dado aos estudos bellosimos e empolgantes da filosofia, se habituou a estudar tudo quanto copiosamente produziu aquele pensador de estirpe, certamente, ao ler essa dolorosa noticia que nos transmitiu o telegrafo, há de sentir muita tristeza e vivas saudades do inolvidável filosofo.

Era ele, nos tempos atuais, a figura culminante da "Filosofia Brasileira". E nenhum em tôdas as nossas idades, o ultrapassou na abundância da produção, na profundidade dos conhecimentos, no amor constante e ilimitado aos estudos, na erudição filosófica e na sinceridade com que escrevia as suas obras.

Tôda a sua existência, tôdas as suas energias, foram quase que só devotadas ao trabalho da coordenação e da exposição das suas largas idéias.

Nada mais o preocupava senão o mistério do universo e dos destinos do homem. Na sua vida puramente subjetiva concentrava todos os seus esforços, todo o seu pulcro talento de grande pensador, para, através dos míseros e impotentes sentidos humanos, apreender numa síntese, que sempre lhe fugia como a todos os filosofos, a sucessão das formas universais, o segredo dos fenômenos cósmicos, as causas primeiras, os problemas sociais...

E foi ingente a luta a que se entregou o seu espírito de eleito.

Muito moço ainda, batalhando com a sorte que a principio lhe fôra adversa, conta-nos ele, despertou um dia de bellissimo e encantador sonho, que o transportou a alturas inacessíveis do pensamento, e sentiu-se com uma irresistível tendência para sistematizar e escrever uma revoadada de pensamentos e idéias que logo lhe asoberbaram a alma.

E desde esse feliz momento para a literatura brasileira, o Iluminado deu início à construção da sua filosofia.

Passou-se isto na sua terra natal, o Ceará, onde Farias Brito principiou a escrever a série de livros que, sob o título geral de "Finalidade do Mundo", começou a aparecer em 1895.

Foi essa a grande obra do ilustre morto. Além de conter uma critica perfeita e completa — que para a critica filosófica mais se pronunciava o seu pendor literário — dos sistemas e escolas filosóficas, expondo, com nitidez e clareza, as idéias das sumidades da filo-

sófia antiga, moderna e contemporânea, conclue pelos pensamentos próprios do autor, com um sistema filosófico bem arquitetado, abrangendo a explicação de todos os fenômenos universais, conquanto falível, como os demais.

Uma vez atingido o termo desse valiosíssimo trabalho, que por si só bastaria para chamar sobre si a admiração de todo o mundo culto, se Farias Brito escrevesse em uma língua mais conhecida, intentou o infatigável intelectual o desenvolvimento de outra, não menos vasta e profunda que aquela, a que ele pretendia dar o título de "Filosofia do Espírito".

Assim é que, em 1912, publicou a "Base Física do Espírito", com uma história sumária do problema da mentalidade, como preparação para os estudos filosóficos, cujo aparecimento justificou com as seguintes palavras: "Com o trabalho a que aqui dou começo, termino a série de livros cuja publicação iniciei em 1895, sob o título geral de *Finalidade do Mundo*. E dizendo — dou começo — tenho em vista acentuar que, terminando uma série, sou obrigado a iniciar outra, porque o pensamento a cuja exposição me proponho, só pode ser desenvolvido em volumes sucessivos."

A "Base Física do Espírito" sucederam o "Ensaio sobre os dados gerais da Filosofia do Espírito" no qual foram desenvolvidas as seguintes teses: "as novas tendências do pensamento e a questão fundamental: a causa em si e os fenômenos"; o "Ensaio sobre o conhecimento e a realidade", compreendendo três livros, nos quais foram estudadas a *síntese especial, subjetiva, a síntese especial objetiva e a síntese geral*, ou a solução do problema da existência pela concepção do mundo como atividades intelectual; e finalmente, o "Ensaio sobre a lógica da ação", na qual o egrégio escritor passou da ordem especulativa para a ordem prática, e incluiu, assim, o seu magnífico ensaio publicado em 1905, sob o título "A verdade como regra das ações".

Assim pensava ele n'A *Verdade como regra das ações*: — "A Filosofia vem em primeiro lugar, como princípio de atividade; só depois aparece a ciência, como produto dessa mesma ciência; a Filosofia é como uma árvore de que resulta como fruto a ciência".

E, na "Base Física do Espírito", atormentado pela impotência do pensamento e pela crítica, procurou um desafogo na idéia de "Uma Psicologia Transcendente", para justificar o seu espiritualismo.

O morto de ontem foi lente do Ginásio Paes de Carvalho e da nossa Faculdade de Direito, em cuja história deixou para sempre o clarão da sua inesquecível passagem, e, retirando-se há anos, desta cidade, ao chegar na Capital Federal, inscreveu-se logo no concurso que estava aberto para preenchimento da cadeira de lógica do Colégio Pedro II.

Teve como competidor o grande Euclides da Cunha.

Foi essa, na vida intelectual da capital do país, uma das mais belas pugnas do espírito a que raras vezes lhe é dado assistir.

O ponto sorteado para a prova escrita foi infeliz para Euclides da Cunha e ótimo para Farias Brito, porquanto, versando sobre a "Idéia do Ser", dava margem a que voasse o espírito metafísico deste, e desgostou a alma positivista daquele, que se limitou a criticar, acerbamente, e com ironia, a matéria que lhe fora dada para desenvolver.

Euclides da Cunha, no entanto, foi nomeado e, após a sua trágica morte, Farias Brito foi ocupar a sua vaga, que até ontem brilhantemente preencheu.

O grande brasileiro que acaba de desaparecer, não fazia parte da Academia de Letras, mas, se não fossem a política e a estreiteza de elogios mútuos os fatores que ali mais dominam, de certo, há muito, Farias Brito, como expoente da nossa Filosofia, teria ocupado uma cadeira, com um merecimento e por direitos, que poucos lá os têm iguais.

E U R I C O V A L E
(Belém — "Folha da Noite" N.º 7525 de 20-1-17).

Diário de Helena (1.º)

NÃO, não me arrependo do que fiz; sentia-me triste, estava maguada, não podia agir doutro modo. Há coisas impossíveis de evitar, impossíveis. Mas como lamento, como choro sobre o que sucedeu...

A idéia, não sei se partiu de Felipe ou de Laura. Já tinham escolhido um apartamento mas faltava ainda pintar, envernizar, uma porção de coisas. Trabalho para, no mínimo, um mês. Felipe, ao que me disse Laura, havia ficado encantado com Jorge e queria retribuir o nosso jantar. Não era como em casa, onde se fica à vontade, onde se conversa sentado, em pé, andando, conforme se quer. Um "restaurant" é sempre desagradável porque obriga as pessoas a se imobilizarem e a terem como única distração, o olharem para os que estão nas outras mesas. Haviam, por isso, pensado em jantar num casino. Come-se, dança-se, é mais divertido.

Laura expunha as suas razões (ou as do marido) com a meticulosidade de quem está defendendo uma tese. Pelo fio do telefone sua voz me chegava intacta, com tôdas as suas vibrações e tons musicais. "Vai ser divertido" insistiu uma última vez, como se não estivesse certa do efeito ou da verdade de suas palavras.

(1.º). Do romance *História de um casamento* (inédito).

A principio tive a impressão de que Jorge não gostara da idéia. Nada me disse, no entanto, e só mais tarde, na manhã do sábado para o qual ficara marcado o jantar voltamos a falar no assunto. Suas palavras eram as de quem tinha aceito o fato com naturalidade, talvez mesmo com uma certa indiferença. O habitual receio de aborrecer-se com as pessoas, que tanto lhe reprovava parecia estar ausente. Pediu-me que lhe examinasse o "smoking", pois este era um dos pontos do programa para a noite: irmos todos a rigor.

Laura e Felipe apareceram um pouco antes das dez. Sentia-me vaidosa no meu vestido branco, que tinha merecido um elogio de Jorge, mas quando vi Laura, minha pequena satisfação desapareceu, levada pela onda de admiração que me causou sua aparência. Que bonita estava! O vestido cinza caia-lhe sobre o corpo, justo, modelando-o sem excessos, realçando a curva harmoniosa dos quadris, a delicadeza da cintura, o suave relêvo dos seios. Os cabelos negros, levados para o alto da cabeça, deixavam a nuca a descoberto e sobre o peito uma orquídea repousava, roçando as extremidades de suas pétalas espessas e escuras na pele clara e macia.

Quando tirou a capinha, que trazia quase que a escorregar de sobre os ombros, a nudez maravilhosa do busto, dos braços redondos acabaram de me ofuscar e não pude esconder-lhe a minha admiração. Laura sorriu, perguntou-me se aprovava o seu penteado, fez observações sobre a minha "toilette", disse-me que estava "inverossímil".

Sentamo-nos um instante. Jorge e Felipe preparavam um "cock-tail". Estavam ambos de "smoking"; havia entre eles uma certa diferença no porte, na elegância, na distinção. A escolher entre os quatro Jorge e Laura formavam sem dúvida o casal mais atraente.

Estávamos todos muito a vontade, decididamente dispostos a nos divertir; cada um contribuía com a sua

parte para manter no ambiente um sentimento de agradável facilidade.

Às dez horas chamamos um taxi. Felipe foi na frente, Jorge, Laura e eu atrás. A noite estava fresca, agradável, com bastante gente na rua. Sentia-me alegre, com pressa de chegar, de ouvir música, de ver pares dansando. Felipe voltado para nós, contava a dificuldade que encontrara em conseguir uma boa mesa. "Deve estar repleto" dizia e o nosso pensamento devia completar "mas a-pesar-de tudo êle conseguiu".

Laura, desde que entrara no automóvel, permanecia em silêncio. Podia vê-la por detrás das costas de Jorge que se chegara mais para a beira do assento. Não parecia estar prestando atenção às palavras do marido. Jogara a cabeça para trás e respirava com delícia o ar da noite. Os cabelos se agitavam levemente e a mão preguiçosa alisava-os por momentos. Sua capacidade de abandono, seu estranho poder de descansar, em presença de outros, produzia sobre mim uma forte impressão. Havia sempre em mim guardada, a-pesar-de tudo, uma pequena reserva de interêsse, de solicitude para com as pessoas que estavam ao meu lado. Examinava meu marido, via-o conversando com Felipe, sentia nas suas palavras todo o vazio dos momentos de espera. Dizia-me que fôra uma boa idéia, uma ótima idéia e recordava os tempos em que ainda solteira, perdia a cabeça por festas e bailes.

Fôra num deles que conhecera Jorge. A noite distante vinha ao meu encontro sorrindo e eu tinha a estranha impressão de ouvi-la falar: "Não eram justos os meus pressentimentos? não o tens aí, a teu lado, aquele que te trouxe, que conduzi a teus braços? era bem interêsse, era bem solicitude o que traíam os seus olhos tranquilos; aí o tens, é teu marido, aquele que viste um dia, inclinado diante de ti, num esforço visível para se arrancar a um indisfarçável alheamento das pessoas e coisas". As imagens afluíam com abundância, sem esforço, como o vento que me refrescava

e rosto. Via Laura, essa mesma Laura que do outro lado do automóvel se entrega tranquilamente à doçura da noite, surgir de repente, estrêla magnífica na constelação dos pares, lançar-me um olhar cheio de perguntas, fazer-me sorrir, fazer-me sorrir ainda, pouco depois, com um novo olhar, olhar em que punha a sua aprovação.

O automóvel corria sempre. O vento, o extraordinário vento do mar se fizera mais forte. Na calçada da praia moças passeiavam, rapazes assistiam ao desfile, formando aglomerações aqui mais densas, lá mais dispersas. As luzes do casino cintilavam ao longe, outras luzes brilhavam também. Pares sossegados passeiavam mansamente pela calçada abandonada em que roçavam por vezes os pneus velhos do taxi. Escorregávamos por entre os ônibus, víamos diminuir a distância. Felipe, agora, falava sobre o apartamento, dizia-se satisfeito com ele. Laura suspendia a cabeça, lembrava o tamanho dos quartos para temperar o seu otimismo. Jorge se interessava, afirmava que era talvez o que nos convinha. Quanto a mim, continuava a observar o movimento da praia.

Chegamos enfim. O porteiro, de uniforme vermelho veio ao nosso encontro. Saltamos e vimo-nos imersos numa profusão de luzes.

Separamo-nos um instante, minha amiga e eu, dos nossos maridos. No vestiário das senhoras uma moçinha nervosa se obstinava em aplacar uma mecha de cabelo rebelde. Uma outra, parecendo ser sua amiga, passava "rouge" nas faces já escarlates e dizia: "Estas luzes nos poem com um ar de defuntas". Mirava-se no espelho e passava ainda mais "rouge", o que me afligia deveras.

Meu cabelo estava arranjado mas Laura prejudicava o penteado com a posição displicente no carro. Era agora um não acabar de toques levíssimos, seguidos de aproximações, recuos e trejeitos deante do espelho. Voltava-se para mim "Não está horrível?" Pedi-lhe

que me deixasse intervir. Consentiu e durante um momento todo o seu ser recolheu-se como que a espera de um milagre. Pedi-lhe que se olhasse no espelho. Ficava encantada. "Que mão de fada!" exclamava.

Fomos ao encontro de nossos maridos. Reprovação e impaciência era o que queriam exprimir os seus gestos e atitudes. Fizeram-nos confessar quem tinha sido a causadora da demora. Laura fez questão de tomar sobre si o peso da responsabilidade. Jorge moveu a cabeça com desânimo, Felipe sorriu triunfalmente. Soubemos assim da aposta que haviam feito e lembrando-me do que sempre me diz Jorge sobre a minha falta de vaidade não pude deixar de sorrir diante do curioso poder de simulação de que meu marido mostrava ser dotado.

Entramos no "grill-room" do casino. Havia ainda várias mesas desocupadas, mas a animação já era grande. Em frente de uma das orquestras, um negro norte-americano cantava e acompanhava o ritmo da música com movimentos exagerados do corpo. A luz colorida e discreta emprestava ao ambiente um aspecto ilusório, dando uma falsa idéia dos seres, atribuindo a uns as qualidades ou defeitos de que outros haviam sido privados.

A nossa mesa, de fato, ficava num lugar muito bom: ficava imediatamente próxima do espaço que havia para a dança e ao mesmo tempo situada no centro, em frente da porta. Dali via-se tudo, as pessoas que dançavam e as que estavam sentadas.

Uma vez sentados, concordamos todos em jantar sem mais demoras. Estávamos eu, em frente de Jorge, Laura em frente de Felipe. Sentíamos fome e nunca um "garçon" nos pareceu mais moroso. As mesas vizinhas estavam ainda desocupadas. Uma orquestra parou e logo a outra pôs-se a tocar um tango. Algumas pessoas vieram sentar-se, as outras passaram sem solução de continuidade do ritmo alegre e sacudido do

“fox” norte-americano para os movimentos um pouco lânguidos que a música argentina comandava.

O “garçon” nos trouxe, finalmente, uma sopa que nos pareceu deliciosa. Novos grupos apareciam na porta. Tomávamos a sopa em silêncio. Estávamos, com fome, não havia dúvida. Olhávamos, por vezes, para as mesas mais próximas, surpreendíamos um olhar que nos examinava, éramos surpreendidos por outro em nosso exame. Laura conhecia uma moça que se achava numa mesa afastada, a nossa direita. O cumprimento de Laura me havia despertado a atenção pela sua frieza, pelo caráter extremamente convencional do sorriso, logo refreiado de minha amiga. Não tive tempo, não pude ver o cumprimento da outra, mas notei que se inclinava sobre a mesa para falar com o rapaz que lhe estava fazendo companhia. Este virou-se e pôs-se a examinar a nossa mesa.

Lembro-me que no momento fiquei chocada com tal falta de discreção. Pareceu-me que deviam ter esperado mais algum tempo para trocar impressões, para designar minha amiga de um modo tão aberto. Momentos depois mudei de parecer: para mim que os estava observando, sua atitude tinha evidentemente qualquer coisa de chocante. Mas era por Laura e não por mim que o seu procedimento estava pautado. Ora, minha amiga não mais observava sua conhecida, parecia tê-la esquecido por completo, o sorriso que lhe dava dado era disto uma garantia. A outra se entregava pois a um tranquilo comentário, sem cuidados nem disfarces.

No entretanto enganava-me, eu, enganava-se ela. Já tinha esquecido o incidente quando Laura voltando-se para mim, perguntou-me se reparara na pessoa que cumprimentara. Disse-lhe que sim. Contou-me então, com um ar vagamente pesaroso, que quando meninas haviam sido amigas e que uma ridícula história de namorados as tinha separado. Não entrou em outros detalhes mas supôs depois de um novo olhar lançado a

sua antiga amiga, que Laura não tivera uma parte brilhante na história.

O jantar se findava. Esquecíamos o ambiente, recaíamos, por momentos, nos nossos velhos hábitos. Felipe contava uma viagem que fizera ao Sul quando rapazola. Dizia que conhecera a bordo uma moça de grande beleza e com uma fisionomia tão jovem e tão fresca que parecia ter vinte anos. Depois de muito conversarem, de chegarem a uma certa intimidade, a moça lhe havia confessado, ingênuamente que era mãe de seis crianças. Felipe terminava como sempre que contava casos deste gênero, com um largo riso e um olhar súbitamente lançado e que queria dizer: "fiem-se vocês nas aparências". Laura piscava o olho para mim, dizia que as seis crianças talvez nunca tivessem existido, que era talvez uma mentira contada para afastá-lo. Jorge protestava, garantia que nenhuma mulher lançaria mão de tal recurso. Laura sorria, evitava mostrar se estava ou não convencida.

Um grupo composto por três rapazes e três moças vinha ocupar a mesa a nossa direita. Riam-se muito e permaneceram sentados somente alguns minutos. Pareciam americanos.

As moças se levantavam e ficavam em pé, no lugar onde se dansava, a espera de que o companheiro viesse enlaçá-la. O negro norte-americano cantava num ritmo rápido, o corpo todo agitado por um entusiasmo que os instrumentos da orquestra manifestavam também. Seu braço levantou-se de súbito, houve uma curta pausa e logo após a orquestra retomou a mesma música num ritmo mais lento. Insensivelmente meus dedos marcavam, sobre a mesa, o compasso. A melodia exercia sobre mim uma estranha influência. Sentia-me de novo com a alma da menina que entrava nos salões levemente angustiada, o coração batendo, os olhos ávidos para não perder um detalhe. Era uma surpresa poder reviver daquele modo a antiga emoção mas sempre fui assim: nunca pude ir a uma festa como a um simples pas-

saltempo; sempre vi num baile coisa mais séria, a ocasião para acontecimentos que podem ser graves, que podem influir decisivamente nos nossos destinos. Sei que a isto muitos terão um sorriso. Afirmo que não têm razão. E o que conto a seguir mostra o bem fundado do meu sentimento.

Felipe convidou-me para dansar. Enlaçou-me com facilidade, mas seus passos eram prudentes, não acompanhavam o detalhe do ritmo. Dansava com o braço esticado, o que me obrigava a uma posição forçada. Esbarrávamos constantemente nos outros pares, de tal modo havia gente no espaço reservado para a dança. Felipe cumprimentou-me pela minha leveza, dizendo que só sentia prazer em dansar, assim, com pessoas absolutamente leves, que lhe dessem a impressão de estar dansando sozinho. Logo depois, pensando que suas palavras podiam ter, além da física, outra interpretação, explicou com um sorriso constrangido, que naturalmente com aquilo, não havia pedido que eu permanecesse em silêncio. Respondi-lhe que estava tomando muitos cuidados comigo, que eu procurava sempre as melhores intenções. Dansamos um momento em silêncio. Vi Laura e Jorge que se levantavam para entrar naquele mundo dolente, docemente embalado pelo ritmo da música. Perdi-os de vista, tive diante de mim expressões sonhadoras, rostos marcados por uma tranquila irresponsabilidade, fisionomias mortas para qualquer outra realidade que não fôsse aquele ritmo vagaroso, olhos que me contemplavam sem me ver, faces que repousavam serenamente umas sobre as outras. Quando os vi novamente foi como se tivesse recebido uma mordida no coração. Que sensação meu Deus! Jorge estava de costas para mim, mas um pouco de lado; eu podia ver perfeitamente o rosto de minha amiga. Laura não me via. Sorria para meu marido com um sorriso que nunca lhe vira, mas que bem conhecia, que já sentira em mim, que já vira em outras, o sorriso que as mulheres têm para o homem a quem querem agradar. O que

senti naquela hora eu mesma não sei. Creio que estive a ponto de soltar-me dos braços de Felipe, para procurar uma posição qualquer que me permitisse ver como Jorge recebia aquele sorriso. Vi-me súbitamente odiando todo aquele ambiente, aquela tranquila sensualidade, aquela intimidade fictícia. Vi-me atribuindo a ele todo a culpa, tôda a responsabilidade do mal que me feria. Procurava reduzir minhas impressões a proporções normais, encará-las como simples contrariedade momentânea. Dizia-me que por um simples sorriso colhido ao acaso, fruto natural de uma noite como aquela era absurdo consentir em estragá-la. Irritava-me comigo mesmo, por não poder evitar o ciúme. Felipe dizia qualquer coisa. Deixava-o falar e quando compreendia que me tinha feito uma pergunta, pretendia não estar ouvindo. Meu par repetia a pergunta, e então ouvia resposta qualquer, vaga, arbitrária, absurda.

Estávamos agora a pequena distância dos dois. Desta vez fomos vistos, recebemos sorrisos. Sorri também, um pobre sorriso que fui tirar de não sei que reservas de resignação mas logo que foram se afastando e que seus olhos voltaram-se para outras direções, senti as minhas pupilas contraídas fixadas intensamente sobre eles, num exame frio, demorado e doloroso. A ferida entreaberta, dilatou-se então. Meus olhos traziam de sua minuciosa exploração uma série de detalhes horrivelmente cruéis, horrivelmente nítidos. Já tinham desaparecido mas a visão de Jorge enlaçando Laura vibrava ainda na minha retina. Ora era o conjunto, o manso abandono com que minha amiga se entregava aos braços de meu marido, a viril solicitude com que este a recebia o que mais me atormentava. Ora eram detalhes, pequenas coisas sem importância talvez para os que não conhecem as subtilezas de que lançam mão dois corpos que não ousam confessar abertamente que se querem mas que representavam para mim sofrimentos agudos, sempre renovados.

Via ainda, tinha ainda diante de mim a visão das duas mãos procurando uma nova forma de enlace, lentamente, demoradamente, os dedos escorregando com delícia uns nos outros. Via o ritmo da música seguido com minúcia, dando aos corpos um maior poder de união. Via os rostos próximos um do outro, envolvidos no mesmo hálito, encontrando-se ao menor esbarro. Lembrava-me do perfume de Laura e a sensação que me vinha era então insuportável. “Como não previtudo isso! pensava, irritada comigo mesmo. Sentia Felipe a mil léguas dos meus sofrimentos. Seus pés ousavam agora seguir a música de perto mas de vez em quando fugia-lhe o ritmo e seu corpo comprido ficava hesitante, súbitamente excluído daquela comunhão, daquele acôrdo de passos e de gestos.

A melodia ficou ainda um momento no ar, depois, lentamente, como que a contra-gôsto extinguiu-se. Logo a outra orquestra deu início a um tango mas muita gente voltou para as mesas, nós inclusive. Laura e Jorge continuaram dansando e agora no espaço mais livre, era fácil seguir os movimentos harmoniosos de seus corpos.

Pouco depois vinham sentar-se. Forçava-me a recebê-los com naturalidade. Felipe oferecia cigarros, Laura e Jorge aceitavam. Tinha deante de mim a mão de Felipe sustentando a cigarreira, o seu rôsto insistente. Sorria sem dizer sim nem não. Conhecia a sensação desagradável que aquilo viria me trazer e no entanto não recusava. Fazia mesmo o contrário, acabava aceitando. Prendia o cigarro entre os dedos inhábéis e leváva-os aos lábios, aproximava-o da chama do isqueiro que Jorge me oferecia. Sugava com fôrça, engasgava-me, meus companheiros riam, eu ria, engasgava-me de novo, sentia as lágrimas virem aos olhos.

Com isto o tempo passava, a situação se normalizava. Podia agora olhá-los de frente, podia agora prestar atenção ao que dizia Laura, ao que lhe respondia Felipe. Podia até mesmo falar, emitir uma opinião. Achava,

por exemplo, que um abatimento de dez contos para um carro que só tinha um mês de uso, era realmente uma coisa extraordinária...

O tango cessou, teve início uma música de ritmo rápido. Meu marido olhou-me, perguntou-me um tanto hesitante si a música era do meu agrado, levantou-se e ficou esperando por mim. Passei rapidamente pó-de-erroz no rosto para apagar os vestígios das lágrimas e fui ao seu encontro. Seu braço enlaçou-me fracamente. Demos um esbarrão num par já idoso, afastamo-nos um do outro e o braço de Jorge envolveu-me de novo, molemente, como que a contra gosto.

Instintivamente procurei chegar-me a ele mas meu marido pareceu esquivar-se com um leve movimento do ombro esquerdo. Tornou-se claro, de repente, que Jorge fugia ao contacto de meu corpo. Um cansaço mortal invadiu-me. Do pequeno impulso de momentos antes nada mais existia. Com uma clarividência brutal meus sentidos diziam que Jorge guardava dentro de si a sensação do outro corpo e que queria conservá-la por mais alguns momentos. Tornei-me toda uma coisa morta, sem alma, sem instintos, sem forças que me conduzissem. Tinha a todo momento a impressão de que ia cair, desamparada, no meio do chão. Não era fraqueza, não era desfalecimento, era simplesmente um abandono, completo, absurdo, ao vago, ao nada.

Quanto tempo permaneci assim, eu mesma não sei. Só sei que nunca na minha vida havia experimentado uma tal sensação de vazio. Nunca pensei que as coisas pudessem despir-se assim de repente, de todo o interesse, transformarem-se em fantasmas inúteis, incapazes de virem até nós. Nunca pensei que os sentimentos pudessem desertar assim de nós, deixar a alma branca e nua como uma folha de papel, esquecida. Nunca pensei que o sangue pudesse circular através de um coração inerte. Nunca pensei que ainda em vida pudesse ter tamanha sensação de morte...

Jorge me falava mas suas palavras eram sons inúteis para mim. Não o deixava sem resposta, quero crer, mas minhas palavras eram mais inúteis que o resto. Ao meu lado pares dansavam, julgava saber. Mais ao longe homens, mulheres conversavam, bebiam ao redor de mesas cobertas de copos. A orquestra tocava, a luz se alterava, passava de uma tonalidade para outra. Todo um mundo em nada diferente da realidade mas que para mim era pura crosta, pura superfície a esconder a ausência de qualquer substância. Via desocupada a nossa mesa, pensava "Felipe está dansando com Laura" via-os, achava coisa bem natural que com Felipe Laura fôsse outra, pensativa, ausente, longe do momento que passa.

Havia perdido toda a capacidade de sentir. Lembro-me que ao nos dirigirmos para a mesa ouvi o barulho seco de um copo partido. Lembro-me de me ter voltado vagamente assustada e de me ter alguém desviado, evitando assim que eu pisasse sobre os pedaços de vidro espalhados pelo chão. Lembro-me de me ter desculpado, de ter sido tranquilizada por sorrisos amáveis e indulgentes.

Na mesa entregava-me a uma série de ocupações absolutamente irrisórias. Tirava o espelho da bolsa, mirava-me nele, procurava o "baton", acentuava o vermelho dos lábios, endireitava o cabelo. Jorge, em silêncio, seguia-me os movimentos. Dizia-lhe que se penteasse, emprestava-lhe o pente, indicava os lugares em que devia passá-lo.

Houve então uma desordem barulhenta nos instrumentos da orquestra e depois o silêncio. Um homem de casaca branca surgiu para anunciar os "números". Falava espanhol, um espanhol meio falsificado, creio eu, e cada uma de suas frases era envolvida num não acabar de sorrisos.

Laura e Felipe vieram sentar-se. Três sapateadores começaram a executar passos complicados sobre os degraus de uma pequena escada colocada no estrado

para aquele fim. Segui-lhes um momento os movimentos mas logo cansei-me e voltei meus olhos para a penumbra em que as mesas estavam mergulhadas. Sentia-me agora menos deprimida, menos confinada na decepção. Não que julgasse ter-me enganado mas é que pensava comigo mesma "essas coisas acontecem, essas coisas fazem parte da vida." Sentia-me mais resignada, examinava com um certo desprendimento aquelas fisionomias imobilizadas num mesma expressão, fixadas sobre um mesmo interesse. Observava também meus companheiros e achava estranho que só eu, no meio de tanta gente, não tivesse os olhos presos aos pés dos sapateadores.

Pôs-me a contemplá-los também. Recuavam, aceleravam os seus gestos, recuavam mais, aceleravam ainda, faziam movimentos vertiginosos e paravam de súbito. As palmas choviam, os sapateadores curvavam-se e desapareciam. O homem da casaca branca voltava, anunciava outro número, um par elegante surgia e começava a executar os passos de um tango difícil.

Pôs-me então a observar meu marido. Seus olhos seguiam os movimentos dos bailarinos mas no rosto havia a expressão de um sentimento muito mais amplo do que a simples curiosidade de um momento. Era como que uma avidez calma que nunca lhe vira, que nunca suspeitara nele pudesse existir. Assim ficava mais belo; não podia me impedir de notar. Havia perdido um pouco o ar compreensivo, a tranquila inteligência de seu semblante; mas havia ganho em intensidade, em força de expressão. Parecia estar vivendo de um outro modo, sem hesitações, sem voltas sobre si mesmo, lançado de corpo e alma na aventura da vida.

Observava Laura também. Minha amiga conservava o rosto apoiado numa das mãos, o queixo entre o polegar e o indicador. Os números só pareciam interessá-la porque passavam, porque se iam encaminhando para um fim. O alívio com que batia palmas, o ar apreensivo que assumia quando as palmas se prolongavam, cha-

mando os artistas novamente ao estrado, a ansiedade com que ouvia o homem de casaca branca anunciar novos números, todos êstes sinais traíam nela uma certa impaciência. Para mim não havia dúvidas de que Laura desejasse ver tudo aquilo acabando depressa, a dança reiniciada. Nenhum comentário fizera durante o "show". Imóvel na sua posição parecia nos ter esquecido. Achava-a bela, de uma beleza fascinante e perguntava-me se minha amiga tinha inteira consciência da impressão que causava. Julgava-a fadada a inspirar grandes paixões e admirava-me de que Felipe não se mostrasse solícito, cuidadoso, enamorado, não mantivesse uma atitude de ciumenta vigilância, fôsse tão displicente, tão despreocupado, tão protegido contra os sobressaltos a que podia expô-lo uma sensibilidade, ou um sentimento maior. Os artistas apresentavam-se agora todos, num conjunto animado. Avançavam uns, faziam sua especialidade, cediam o lugar a outros. Meus olhos seguiam Laura examinando-se no espelho, passando "baton" nos lábios. A horrível sensação voltava a castigar-me. Sabia que Jorge e minha amiga iriam dançar, sabia que seria para mim uma coisa insuportável vê-los nos braços um do outro. Procurava desesperadamente um meio, um meio qualquer de evitar aquela situação odiosa, Laura nos braços de Jorge, eu procurando seguir os passos incertos de Felipe. Todos batiam palmas, eu batia palmas, os artistas retiravam-se, os primeiros acordes de uma valsa vibravam no ar.

Aconteceu mais ou menos o que fôra previsto por mim. Laura e meu marido foram dançar. Felipe estava talvez pensando em fazer o mesmo mas tive de repente uma idéia tão boa que me fez soltar uma pequena exclamação de triunfo. Certifiquei-me de que Felipe estava a mil léguas dos meus sentimentos. Procurei sorrir de maneira a criar a maior cumplicidade e confessei ao meu companheiro que estava com um dinheiro a queimar-me na bolsa. Disse-lhe que não precisava acompanhar-me, que seria só um instante, que voltaria

logo. Felipe porém fez questão de ir comigo ao salão de jogo. Esperamos ainda um momento e quando Laura e Jorge passaram por perto, Felipe foi-lhes ao encontro e deu-lhes parte da minha idéia. Do lugar em que estava vi a expressão de surpresa de meu marido mas nada pude ver do rosto de Laura. Sentia-me possuída por uma espécie de raiva, dizia-me que agora sim, iriam ficar à vontade, perdidos num mundo de estranhos, fora das nossas vistas, livres para tôdas as carícias. Esgueiramo-nos por entre os estreito intervalos que existiam entre as mesas, atravessamos um agrupamento de pessoas que do lado de fora, assistiam a dança e ficamos à espera do elevador. Tinha Felipe diante de mim e o via como sempre o vira, em tôdas as circunstâncias: sereno, olhando para as pessoas com pouco caso como se o que estivesse fazendo fôsse infinitamente mais importante do que o que outros pudessem fazer.

Subimos com muita gente. Ao nosso lado estava a moça que cumprimentara Laura. De perto, sob a luz forte do elevador, era mais bonita, a irregularidade dos traços era compensada por uma pele alva, macia e lisa contrastando com a massa negra e ondulada dos cabelos.

A sala de jogo estava bem animada. contei a Felipe os palpites que tivera na tarde de domingo em que Jorge me havia levado pela primeira vez a um casino, e ouvi-o lamentar-se e dizer que eram as pessoas com um tal comêço as que mais probabilidades tinham de perder. Sorria com um certo ar convicto e lembrei-me de repente que aquelas palavras, proferidas por êle, representavam mais do que uma simples idéia, dita ao acaso, sob a pressão do ambiente, constituíam um verdadeiro modo de pensar.

Numa outra sala encontramos uma mesa com não muita gente em volta. Indaguei de Felipe a maneira menos desagradável de perder o meu dinheiro e recebi o conselho de imitá-lo. Meu companheiro estendeu ao

“croupier” uma nota de cinquenta mil réis e recebeu em troca um monte de fichas azues. A mim foi dada a côr amarela. Não sabia absolutamente o que fazer das fichas. No momento contentava-me com mantê-las em equilíbrio, enquanto que Felipe debruçava-se sobre a mesa e deixava cair uma, duas, três, várias fichas em diferentes números. Tomei a resolução de lançar-me ao jôgo na próxima rodada e quando vi que a bola branca caíra justamente sobre um dos números em que Felipe mais havia jogado, pensei comigo mesmo que a roleta era a coisa mais distraída do mundo.

Atirei-me pois a aventura. Minhas mãos pouco hábeis deixavam cair sobre os números mais fichas do que era a minha vontade. Esperei nervosa que a bola branca tombasse. Vi que a pá do “croupier” havia respeitado um pequeno monte de fichas amarelas e senti um prazer uma satisfação que nunca imaginára o jôgo pudesse proporcionar-me.

Felipe ganhára também. Sorríamos um para o outro e tratávamos de cobrir novamente a mesa com as côres das nossas fichas. Nova espera ansiosa, nova constatação triunfante de que a sorte nos ajudava. Algumas pessoas abandonaram a mesa, talvez irritadas com a nossa sorte, talvez com boa intenção de nos deixar maior liberdade de ação. Mais uma espera, mais uma vitória. Sentia-me capaz de ficar dias inteiros em pé, junto àquela mesa.

A sorte resolveu então ser-me contrária. Meus olhos decepcionados fixavam o número coberto por fichas de tôdas as côres menos da minha. Felipe sorria e me animava. O amarelo figurava de novo na mesa. A bola branca caía sobre um número absurdo, um número em que ninguém jogara. Minha decepção crescia. Novo desperdício de fichas sobre a mesa, nova espera, nova constatação de que a sorte me era adversa. Não era somente decepção o que sentia, era despeito e também raiva. Nova tentativa, nova espera, ainda desta vez a fortuna me fugia.

Foi então que compreendi o que o jogo pode significar para uma pessoa como eu. Quando mais nenhuma lernura era possível no mundo, quando a dúvida feria de-repente o que tinha de mais substancial então o jogo surgia e impedia que ficasse deante de mim mesma. Via Felipe ganhando e prometia a mim mesma ganhar também. Estava revoltada, indignada com a bola branca. Apanhava as fichas das mãos do "croupier" e espalhava-as raivosamente pela mesa. Decidia-se a rodada e eu suspirava satisfeita por ver que ganhara afinal quando Laura e Jorge surgiram.

Vinham vagarosos, sorrindo e me interrogavam de longe. Eu movia a cabeça, os olhos, procurava sugerir um estado razoável de coisas. Aproximavam-se, viam-me as fichas, mostravam uma risonha surpresa deante de meu ar resolutivo. Estavam displicentes, não pareciam conhecer a sedução, o interesse do jogo. Faziam perguntas ao meu companheiro mas não se mostravam dispostos a saírem de uma tranquila distância. Preocupavam-se com não estragar nossa sorte, tinham escrúpulos em dizer-nos os seus palpites.

Felipe, no entretanto, dava mostras de cansaço. Estava ganhando pouco e perdera, dizia-me enxugando com o lenço o suor do rosto a esperança de uma boa tacada. Na sua opinião eu também não poderia mais fazer grande coisa. Juntando-se a Laura e a Jorge que desde algum tempo diziam ser melhor parar, ter a sorte me fugido, dever eu me contentar com o pequeno lucro que tinha. Felipe causou-me uma irritação, que ainda hoje não compreendo. Insisti em ficar mais um pouco, com essa teimosia de que a gente só tem a coragem em criança. Disse-lhes que fôsem andando, que logo depois eu iria. Ficaram hesitantes e Felipe, anjo da conciliação, propôs um arranjo. Iria ainda experimentar a sua sorte no bacará e me apanharia depois. Mas queria a promessa de, ao chegar, encontrar-me disposta a acompanhá-lo de volta.

Afastaram-se os três. Sentia que não estavam satisfeitos de deixar-me ali sòzinha. Na verdade havia perdido todo o interêsse pelo jôgo e era com olhos indiferentes que via a bola branca tombar sôbre números desprezados por mim. Minhas fichas se iam sumindo rapidamente mas eu não me detinha e só quando me vi com as mãos vazias descansei, sentindo uma espécie de alívio.

Dirigi-me para a mesa do bacará. Felipe estava sentado, concentrado no jôgo. Ia em sua direção, estava mesmo já perto quando de-repente uma idéia inesperada, lamentável, uma idéia de que me envergonho atravessou-me o espirito. Havia notado que muitas pessoas assistiam aos "números" em pé entre as mesas da parte de cima do "grill-room". Parei no meio da sala, encaminhei-me para a escada e já de costas para Felipe lancei-lhe um último olhar que deu-me a certeza de não ter sido vista por êle.

"Vou espiá-los", era a idéia. Em poucos segundos desci os degraus que me separavam da parte superior do "grill-room". Algumas pessoas assistiam à dança, em pé, ocupando o intervalo entre as mesas. Insinuei-me entre elas, fiquei na ponta dos pés e procurei com ansiedade.

A nossa mesa estava desocupada. A animação chegara ao seu auge. Todo o mundo dansava, tinha-se a impressão de que mais um par que quisesse dansar não encontraria lugar. Fiquei atordoada a princípio, um pouco pela agitação e quantidade de pessoas, um pouco pelo nervosismo de achar, no meio daquela confusão meu marido e minha amiga. Procurava, procurava, e eram só desconhecidos. Vi-os de-repente, perdi-os de novo, tornei a achá-los. Uma cruel satisfação invadiu-me. Não fôra em vão, ali estava, era só aquilo que queria saber. Ousavam na minha ausência o que na minha presença não tinham ousado. Dansavam com as faces unidas, com o prazer declarado que lhes dava o contacto dos corpos, dansavam como dois amorosos...

Não sei que vertigem tomou-me então. Afastei-me dali, ignoro ainda como. Encostei-me a uma parede, pús a mão sobre a testa. Estava suando. Respirei um momento, fui até a escada, respirei mais, comecei a subir os degraus. Não sei se fui notada, não sei se naquele momento alguém dirigiu-me a palavra. Não via, não ouvia nada, absolutamente nada do que se passava a minha volta.

Felipe ainda estava no bacará. Virou-se quando toquei-lhe no ombro e mostrou-me uma ficha "E' a última" disse-me e atirou-a para o centro da mesa.

Ao levantar-se seus olhos fixaram-se sobre o meu rosto com uma insistência inquietante "você está desfigurada". Sentia-me já traída mas a sua natural tendência a encontrar uma explicação para tudo salvou-me. "Quanto perdeu você?", perguntou. E satisfeito de ter já consigo a razão do meu abatimento: "E dizem que o jogo é um divertimento".

Encontramos em baixo Laura e Jorge que vinham de novo ao nosso encontro. Houve perguntas sobre o resultado do jogo e falou-se de uma coisa que já sabia, isto é que o "grill-room" ficara ainda mais cheio, na nossa ausência. Pensava comigo mesma o quanto me tinha arriscado.

Não foi fácil chegarmos aos nossos lugares. Havia uma grande desordem de cadeiras desgarradas das mesas a que haviam pertencido e quem estava sentado, muito custava a se aperceber de que havia alguém querendo passar. A hora avançada da noite estava marcada nas fisionomias e na atitude relaxada de toda aquela gente.

Sentei-me afinal, tirei o espelho da bolsa e examinei-me. Estava realmente de uma palidez extrema. Cobri as faces, passei pó-de-arroz sobre o "rouge", acentuei o vermelho dos lábios. A lembrança da mocinha do vestiário dizendo "Estas luzes nos poem com um ar de defuntas" acompanhava os meus movimentos. Nunca me pintára tanto.

Jorge me havia convidado para dansar. O modo pelo qual esperára que eu acabasse de pintar-me já traía nele alguma mudança. Olhava-me agora com mais insistência, parecia, pela primeira vez naquela noite, dar-me a mesma importância que dava aos outros. O fato era notado por mim sem surpresa, sem emoção, tudo parecia-me indiferente. Não procurava explicá-lo, tudo era de tal modo destituído de significação. Laura ao meu lado mirava-se no espelho, endireitava os cabelos. Examinava-a com uma curiosidade malsã, dizia-me que seria agora a sua vez de sentir um pouco de ciúme.

Levantei-me afinal e pús o braço sobre o ombro de Jorge. Enlaçou-me com força desta vez e compreendi que qualquer coisa havia acontecido. No entretanto a idéia de que meu marido me atraía agora, me queria junto a si, nada despertava em mim. Perdera a capacidade de sentir, era como si nada mais pudesse me abalar. Via as mesas com gente ao redor, via o negro cantando, via a orquestra atingida pela alucinação do ritmo que ela própria suscitara, via Laura e Felipe dançando, via outros pares mas aquelas coisas eram letra morta para mim. Creio que dancei durante alguns minutos nesse estado, meio imbecilizada e depois inesperadamente uma idéia repentina aumentou-me a sensação de abandono. Meu marido me atraía sempre, me conservava sempre junto a si. Adivinhava-o querendo o meu corpo, procurando-o, mas não havia em mim nenhum movimento de resposta. Sentia-me inerte, inútil. Era como se um incêndio me tivesse devastado a alma. Pensava comigo mesma que a noite toda havia sido uma tristeza. Julgava compreender o motivo da mudança, dizia-me que Laura agora era para meu marido uma obsessão uma obsessão de que êle estava querendo se livrar.

Dansamos ainda mais algum tempo. Quando fomos para a mesa, Laura e Felipe já lá estavam. Marido e mulher fumavam em silêncio. Jorge aceitou um cigarro e ficaram os três a lançar intermináveis bafora-

das de fumo enquanto eram examinados por mim cheia agora de uma curiosidade doentia.

De todos Laura era sem dúvida a mais distante, a mais ausente. Uma expressão sonhadora amortecia-lhe o brilho dos olhos tranquilamente interessados nas espirais de fumo. Uma vez ou outra olhava-me como se quisesse dizer-me alguma coisa mas logo desviava os olhos e continuava no seu doce alheamento. Parecia feliz, estava de uma tranquilidade assustadora. Nunca a conhecera assim. De vez em quando passava um dos dedos sobre a pálpebra e a alisava docemente.

Jorge mantinha o rosto apoiado sobre a mão. Fumava olhando para os pares que dansavam e de vez em quando tinha um olhar de relance para nós. Parecia impaciente e aborrecido como uma pessoa que não encontra o que fazer. Servia-se de "whisky" repetidas vezes, sempre perguntando se não queríamos acompanhá-lo e levando o copo à boca em seguida para esvaziá-lo lentamente mas sem se deter uma só vez.

Felipe consultou o relógio. Jorge que vira o seu movimento consultou as horas também. Criou-se então uma dessas situações em que cada um quer fugir à responsabilidade de uma decisão embora a vontade de todos esteja bem clara. Felipe estava com sono, era evidente. Sua boca abriu-se irresistivelmente num bocejo indifensável justamente no meio de um protesto à suposição que fazíamos de estar êle com vontade de ir para casa. O fato foi engraçado, riu-se muito e o próprio Felipe reconheceu estar desmoralizado e confessou que tinha um negócio urgente a tratar nas primeiras horas da manhã seguinte. Ajuntou porém que nada disto tinha importância, que uma noite mal dormida não iria enfraquecê-lo, que decidissemos de acôrdo com a nossa vontade.

Consultamo-nos os três. Creio que cada um por um motivo diferente desejava ir para casa. Chamou-se o "garçon", pagou-se a despesa e tratou-se de ir embora. No momento em que nos levantámos a orquestra

produziu a dissonância já conhecida e o homem da casaca branca surgiu para anunciar o número dos sapateadores. Em frente da porta se ia formando a aglomeração de curiosos habitual nas horas do "show".

Jorge e Felipe foram buscar os chapéus.

Ficamos um momento examinando as pessoas. Algumas afastavam a cortina que escondia o "grill-room", espiavam um momento e logo saíam. Outras se acomodavam, pareciam dispostas a assistir ao espetáculo até o último número.

Dirigimo-nos para a porta quando nossos maridos voltaram. Sentia-me quase feliz de estar deixando aquele lugar de tão tristes recordações. O porteiro fez-nos um sinal, levou o apito à boca e um automóvel parou em nossa frente. Jorge foi ao lado do "chauffeur", Felipe ficou entre nós duas.

A noite estava linda. A lua, alta no horizonte abria no mar inquieto uma misteriosa estrada de luz. Era estranho o prazer que se sentia com o espetáculo. Juntava-me a Laura, a Felipe, a Jorge para falar na lua, calma e majestosa, na noite pura, no mar cheio de mistério. O automóvel corria pela avenida deserta, aproximava-se o momento em que iríamos deixá-la. Sentia pena de abandonar a praia, invejava as raras pessoas que se alardavam nos bancos em conversas arrastadas ou numa solidão prolongada com delícia. Sentia com uma veemência que me assustava, vontade de ser livre. Tinha ímpetos de fazer parar o automóvel, de fugir aos meus companheiros sob um pretexto qualquer. Deitaria então na areia úmida, teria sobre mim a majestade noturna do céu, sentiria preso a mim o olhar indulgente da lua. Tiraria sapatos e meias, experimentaria o frio cortante das águas em reboliço, vagaria pela praia até que a madrugada viesse...

Quando o automóvel entrou na rua do Tunnel encontrei-me de novo deante de mim mesma. Que fazer, que pensar? Era como se alguém quisesse forçar-me a um trabalho enfadonho. Não valia a pena pensar, nada

valia a pena fazer. O automóvel corria e aquele rápido passar de casas, de postes, de esquinas não sei porque fazia-me recordar os tempos de menina, em que, meio adormecida no fundo do assento de um daqueles taxis do velho Rio de Janeiro voltava com meus pais de visitas fatigantes a parentes que, por morarem longe, víamos apenas uma vez por ano.

Meus companheiros falavam raramente, deixavam entre uma frase e outra longos intervalos de silêncio. Laura dizia em voz baixa qualquer coisa a Felipe. Meu marido mantinha o braço do lado de fora da portinhola e voltava a cabeça de vez em quando para seguir ainda algum tempo não sei que detalhes das ruas desertas.

Chegamos enfim. Laura e Felipe seguiam para a cidade. A despedida não foi efusiva como devia ter sido. Por mais que fizesse não conseguia evitar uma certa frieza nas minhas palavras de agradecimento. O automóvel tornou a partir e então marido e mulher viram-se sós na rua em silêncio. Em pé no meio da calçada eu examinava nossa casa. Achava curioso o aspecto da fachada aquela hora da noite. Era bem a nossa casa, não havia de que duvidar. Parecia-me ter diminuído como se de volta de uma longa viagem fôsse com os olhos do adulto que a visse e não mais com os da criança que era ao deixá-la. Jorge aproximou-se de mim, passou o braço ao redor do meu ombro. Caminhámos assim abraçados até a porta. Nem um nem outro proferia palavra. Parecíamos dois amantes sem espontaneidade, sem autenticidade. Nossos movimentos eram desencontrados, nossos corpos não se entendiam, caminhávamos e cada um era um impecilho para os passos do outro. A culpa era minha, devo crer. E no entanto não sei, sou levada a pensar que se Jorge me tivesse abraçado com uma certa ternura de que já tenho o hábito, se procurasse ser carinhoso e usasse de uma certa expressão que conheço talvez que eu esquecesse, perdoasse, talvez que no meu coração o gelo se derretesse.

Meu marido procurava a chave no bolso. Meus olhos, curiosos, seguiam os seus movimentos. Jorge punha toda a atenção nos gestos que fazia, fazia funcionar a fechadura sutilmente como se estivesse usando uma gazua, parecia ter esquecido completamente de que momentos antes me abraçara.

Entramos. Não tinha a impressão de estar entrando em minha casa. Via os móveis, os quadros, o relógio e ao reconhecê-los parecia-me estar reatando velhos laços desfeitos pelos anos. Jorge dirigia-se para a copa. Deixava-me cair numa poltrona. Ouvia o barulho da geladeira se abrindo, o entrechoque das garrafas, o ranger da porta empenada do guarda-comida. Examinava a sala, fixava-me em detalhes, experimentava a viva sensação de movimento comunicada pelo gato prestes a pular da mesa, no quadro que meu marido tanto apreciava. Ouvia o gorgolejar da água passando da garrafa para o copo. Ouvia a voz de Jorge me chamando. Levantava-me, ia ao seu encontro, bebia sem vontade um gole d'água.

Subíamos em silêncio, eu na frente. Minha mão apoiada sobre o corrimão da escada, avançava vagarosa. O pêndulo do relógio batia uma vez. Não me sentia cansada mas inútil, imprestável, como se fôsse um objeto. A casa me oprimia, me dava a sensação de um lugar há muito tempo abandonado.

Em cima a escuridão pesava um momento sobre mim. Meus dedos que o hábito deveria ter guiado, tateavam inutilmente a parede. Jorge vinha em meu auxílio e logo o comutador era encontrado.

Antes de despir-me, examinava-me um momento defronte do espelho. Estava muito abatida, com olheiras, como nunca me sucedera antigamente que voltava das festas já dia claro e dansava a noite quase que inteira. Jorge tirava o paletó, fazia uma careta para se desvencilhar do colarinho. Sua cabeça ficava um momento escondida dentro da camisa que custava a sair. Deixava-me cair numa cadeira, tirava os sapatos, puxa-

va as meias com lentidão. Punha os pés nus no assoalho frio. Meu marido passava para o outro quarto. Os botões do meu vestido custavam a sair das casas. Deixava-o cair pelo chão. Do outro lado da parede vinha-me o barulho de chinelas arrastadas. Calçava também os meus, vestia o pijama. Meu marido lavava os dentes no banheiro. Ouvia a sua voz reclamando uma toalha. Nossos gestos eram lentos, nossas palavras raras, nossas fisionomias sem expressão.

Agora eu estava deitada. Meu marido apagara a luz e vinha deitar-se ao meu lado. Ele ficava imóvel um momento. Esperava talvez por mim. Meu corpo não se mexia. Sua mão pousava-me na cintura. Sua voz, voz queixosa, de criança mimada, chegava a mim como um sopro: "você hoje abandonou seu marido".

A minha retina guardava a imagem de Laura, fumando com delícia Jorge me atraía mansamente para si. Não lhe oferecia resistência, não sabia o que fazer. Minhas mãos estavam caídas sobre meu marido, inúteis sem ternura. Era abraçada, acariciada. Qualquer coisa em mim se recusava. Agitava-me fracamente. Jorge se detinha, perguntava num murmúrio "você está cansada?" não obtinha resposta. Admirava-me de que ainda não tivesse percebido. Meu silêncio era interpretado só Deus sabe como, seus escrúpulos se apaziguavam, começavam as carícias. Resolvia-me enfim a empurrá-lo lentamente. Jorge se afastava, uma indizível surpresa pareceu dominá-lo. "Eu vejo" disse com a voz sumida e durante alguns segundos proferiu palavras indistintas para mim. Com os meus ombros escorados de encontro ao travesseiro mantinha-me de cabeça inclinada sobre o peito e de olhos baixos. Ouvi então mais duas palavras "insistência absurda" e de novo o que Jorge dizia perdeu-se para mim. Seu corpo foge ao meu mais e mais, o murmúrio indistinto cessa enfim. "Você hoje não me quer..." digo-lhe eu "não posso crer..." O silêncio pesa sobre nós. Sinto lá nos olhos

lágrimas, arrependo-me, estendo o braço, pouso a mão sobre o rosto querido.

“Você não me foi fiel” consigo dizer.

Sua mão aprisiona a minha, leva-a aos lábios com doçura. Alguns segundos se passam. Nem um nem outro diz alguma coisa. Minha mão sempre prisioneira da sua passeia vagarosamente pelo rosto que não pôde ainda voltar-se para mim. Meus dedos sentem a aspereza da barba que nasce. Sinto que nenhuma resposta me vai ser dada, que nenhuma outra palavra será pronunciada. Sinto-me como se já tivesse vivido muitos anos, sinto-me maternal. Sofro, mas há no meu sofrimento uma estranha doçura.

MARIO VIEIRA DE MELO

Velho tema

SE é verdade que o escritor não deve sacrificar o seu ideal artístico, produzindo obras de fancaria no intuito exclusivo de auferir vantagens pecuniárias, transformando a Arte num grosseiro comércio de livros por encomenda, nivelando-se com o pasquineiro irresponsável e sem dignidade, cuja única ambição é ganhar dinheiro, ou o varejista imbecil, todo entregue à faina de explorar o bolso alheio — não resta dúvida que, por sua vez, o editor deve ser um homem inteligente e honesto, desinteressado até certo ponto, e que saiba distinguir um bom livro, um trabalho original, de uma obra sem valor, manufaturada à la diable, feita expressamente para a tolice humana.

A D O L F O C A M I N H A

Técnica e sensibilidade de Portinari

A técnica de Portinari é um delicado e maravilhoso instrumento. É preciso, porém, que se não procure ver essa técnica. Ela é límpida e transparente. Quando muito reluz, espelha, por sobre a vida mesma, como cristal dútil. Aquele monstro da técnica pela técnica, abusivo e superfectatório, nada tem que ver com o fenômeno criação.

Ora, Portinari dispõe de numerosas formas dentre as de que se valem os homens para se comunicarem, para o milagre da expressão. Criação e expressão, em arte, são uma e só coisa: realização.

Portinari tem se valido de todas as teclas. A sua obra, imensa para um moço, e até para uma vida inteira dum artista de produção em ritmo normal, tem aturdido o senso crítico e a receptividade simplista da maioria.

Numa só exposição, como nesta última, vemos o puro latino, provindo da Toscana, lado a lado com o bárbaro assenhoreado das estruturas essenciais e rudimentares.

*
* *
*

Um grande salão repousa-nos, por muito tempo, da variedade. Nele encontramos esboços, estudos, duma riqueza apoiante e tranquila. Vemos a vida ir surgindo, se delineando, avultando, e se impondo, irresistivelmen-

te. A visão é unitária e forte. Dali poderemos passar com serena segurança para os grandes painéis *a fresco* do Ministério da Educação, para os do pavilhão da Feira de Nova York. Tudo, ali, é construído sobre fundações de monumento. Assistimos a uma visualidade concreta, e a um vigor estável que se exterioriza sem impaciências.

Aquelas massas assentam, por igual, o seu peso, que o espírito aligeira, por sobre as zonas limitrofes da pintura e da escultura. Movem-se com gestos ciclóticos. São seres de humildade necessária, porém de evidente riqueza representativa.

Aquele Portinari é um artista de análise. Nele, intelecto e sensibilidade, a cada momento cedem o lugar um ao outro, mas em sucessividade. Raramente se fundem. A todo o instante percebemos o intelecto vigilante. A curiosidade, a todo instante, e o espírito de aventura, a delícia da pesquisa feliz.

Esse Portinari não se entrega, com simplicidade. Mantém-se alerta. A ação da vontade ali está demarcada, fundamente, ininterruptamente. Ela solicita a nossa atenção sem cessar. O prazer da dificuldade vencida, a volúpia da virtuosidade, o interesse pela transusão da vida intelectual na matéria inerte, sucedem-se. Interesse, vivo interesse, sempre, para quem sabe ver, para quem pode acompanhar ou adivinhar a surpreendente integração do conceito na forma plástica.

*
* *
*

Noutra sala, outro Portinari. Este, dagora, é um artista que abriu os olhos displicentes. Vê como tantos outros viram antes dele. E' que ele tem recursos próprios para realizar essa visão que tantas gerações viveram, e que a humanidade, e talvez todos os séculos não se recusarão nunca a viver.

Parece-nos, então, como um pintor renascentista. Já não se trata dum caso representativo, porém dum caso de generalidade humana. A Renascença foi um momento de síntese instável, talvez mais uma incerta amálgama do que um profundo caldeamento. Através do grego, porém, tocava, atingia o clássico, e esse perduradouro clássico, a que todas as eras e tendências aspiram, é essencialmente e violentamente *generalizado*, e portanto *sinlético*.

Os homens nem sequer percebem a que violento processo de estilização foi sujeito um modelo de Da Vinci ou de Miguel Angelo. É preciso que se lhes anteponha uma figura do Greco ou as joviais e poderosas deformações do velho Brueghel, para que percebam que aquela literalidade simples é, na realidade, apenas aparente. Não é fácil, para olhos desprevenidos, vêr que as madonas de Botticelli ou uma personagem de Holbein estão mais distantes da verdade literal do que um daqueles nús desesperados de Monet envelhecido. Como os gregos, os renascentistas, e os clássicos de todos os tempos, obedecem a um *cânon* tácito, convenção mais bela que a realidade imediata, e que se mantém perante esta em razão de equivalência essencial. O espírito recompõe contrastadamente as suas possibilidades de percepção da vida, sem fugir fundamentalmente desta.

Os belos retratos florentinos de Portinari, são dum Portinari autêntico, porém dum Portinari afastado, por momentos, do particular, do contingente, do imediato.

Para aquele Portinari, a dimensão "tempo" existe. É um Portinari para quem a História, o passado existem. Ele não imita, nem decalca; revive uma experiência secular; por conta própria. Olha com olhos de perenidade. Não há, ali, "pasticcio" porque basta Portinari volver, inconciente ou subconscientemente, às suas origens raciais para poder vêr a harmoniosa rítmica do clássico.

Durante essa sua aventura, Portinari não se apaixona. É o ourives carinhoso, burilando, acariciando, dispondo o esmalte polido.

Depois do fervor intelectual do decorador poderoso ("Café", "O Morro", "São João", os painéis do Ministério da Educação), o artista puro e requintado do retrato da mãe, do pai e do irmão do pintor. Logo, porém, outro aspecto.

. . .

Painéis. Uma floresta heráldica. Todos os elementos, exceto a tonalidade geral, feérica, são brasileiros. O prestígio daquilo, irresistível. Quatro cenas de bichos em plena floresta mágica medieval: uma Broceliande povoada de animais nativos desta nossa terra. Maravilha de minúcia. Todos os pormenores têm valor próprio, prendem, dominam. O conjunto, estático, e como si fôra tapeçaria chamejante de escarlata.

. . .

O frémito de humanidade que dá obscuro eretismo a muitas das suas figuras monumentais, mas que se transmuda, por vezes, em sua produção, na alegria do artifice feliz pela sua própria perícia, vai agora mostrar-se a nú. A ausência de uma virtuosidade muito evidente não lhe diminui o interesse para o espírito. Antes vemos, agora, arte maior, porque técnica e expressão fazem-se numa só realidade de beleza.

Ali, em duas telas, um bebê estupendo, duma vida esperta e vigorosa. Chama-se João Cândido. A arte é sumária e saborosa, feita só de espírito e de meiguice viril. Já nesses Portinari há uma tênue névoa subentendida, de sonho.

Lá adiante, um entérro, como outro assim ninguém viu. Uma alta montanha de penumbra, dando para um indefinível, infinito abismo de luz de aurora. Na encosta do morro, mancha clara na "grisaille", quatro ho-

mens de branco conduzem um caixão de anjinho, todo azul. Aquela nota viva é vida e é morte, mas sobretudo poesia, da boa e da grande. Fatura aparentemente singela.

Poesia. Portinari deixa de ser o construtor e o cinzelador, para ser só o poeta.

Aquela marinha, onde há um farol, e cujas águas agitadas estão prenhes de vida intensa, de vida animal que desborda, que ultrapassa o meio em que vive. Aquelas vaquinhas de cor de cal hostil e fria, lindas naquela paisagem estrita, de pura imaginação. Aquela úmida frescura, docemente colorida, da paisagem debussista dos arredores do seu Brodowsky (na coleção Cornélio Pena). Aquele indescritível "Foot-ball", feito só de valores típicos, necessários, em que tudo é substância de alma, ingenuidade, meninice flagrante, a meninice de alma do Portinari mais profundo: os garotos, admiráveis de verdade, jogando; no fundo o tocante cemitériozinho da vila, inteiro, perfeito, gracioso. Aquele prodigioso *Papagaios*: penumbra de aurora (ainda); penumbra cheia de possibilidades de luz; emergindo, umas pedrinhas que valem por jóias, sobre o solo liso e escuro; depois, os inimitáveis garotos, garotos como Portinari gosta de se sentir; e, no céu só de luz virgem, mas logo acima, de sombra espessa, as notas mínimas, vivíssimas, espirituais dos papagaios, três vermelhos, dois azues.

Agora, nem o mestre artista, nem o espírito de rija e inabalável vontade: agora apenas uma sensibilidade espontânea, espontânea num grau raro e ilustre.

Esse, o Portinari revelador. Essa, a ponta do fio vermelho que nos guiará, através da trama complexa. Aquela ingenuidade garôta é que constitui a "constância" psicológica de toda a sua obra.

.

. .

A técnica multiforme de Portinari é límpida e transparente. Ora acusa a presença quase exclusiva da sua inteligência bem desperta, que um instinto vivaz impulsiona e tenta corrigir: espírito de curiosidade fecunda e decisão inabalável, incansável, de trabalho. Ora o que transparece é o amor da expressão pela expressão: sensualidade da forma e da matéria.

É raro, entretanto, que se não sinta, nisso tudo, o frêmito duma correnteza de comoção.

Essa comoção de Portinari, somos tentados a vê-la apenas ingenuidade, simplicidade, desprevenção. Não é assim. Ela vai até o mistério, talvez involuntariamente extática que é de preciosa qualidade. Em certas fases da sua vida, Portinari tem seguido por outros caminhos, e o que vemos é um espírito voluntarioso, que sabe discernir o que lhe convém naquele momento, e que não procura nem continuidade, nem coerência.

É um eclético, dizem. Os maiores artistas desta hora parecem sê-lo também: Strawinsky, Picasso. O fenômeno talvez se chame "inquietação", e não ecletismo.

Onde a sua personalidade? perguntam.

Onde? Naquela vontade superior de realização, mas também, e sobretudo, naquela mesma ingenuidade, naquela meninice de alma.

Ali está a personalidade de Portinari. Não precisa de outra. Essa lhe tem bastado para criar uma obra importante, e para viver inebriado e suavemente exaltado.

ANDRADE MURICI

Dois poemas de Francisco Karam

DOMINICAL

*Ninguém na missa... E os meus olhos rápidos
Vão pelas cabeleiras, como aves ansiosas.
Correm, pela Igreja, como um grito, chamando-a.*

Ela não está...

*Nenhum vestido é o dela. Nenhum
Tem a graça que o seu corpo dá
Aos vestidos que veste.*

Ela não está...

*E eu rezo. "Mandai-a, Senhor,
Aos meus olhos..."*

*"Fazei que ela não perca a missa..."
(Esse pecado mortal.)*

*E, de-repente, moveu-se, porta a dentro,
A ondulação negra de uma cabeleira
E a blusa branca, mordida
Do sangue e do ouro de uvas e rosais.*

E todo o meu coração se alvoroçou.

CONHECENDO UMA GREGA

Grega de corpo de haste de trigo...

*De seios de frutos
Que não estão maduros...
De cabeleira fulva
Como chilreada de pássaros às manhãs...*

De favos de mel nos olhos molhados...

*De polpa de uvas nos lábios
Escorrendo vinho...*

*Grega de corpo de haste de trigo
Eu vivi toda a Grécia em ti,
A Grécia das jovens sadias
E dos joelhos mansos que as clâmides não cobriam.*

*Eu vivi em ti os deuses antigos
Que andavam nos campos
E se escondiam nas malas
Atrás dos troncos das árvores.*

*E me vi
— Grega de corpo de haste de trigo —
Esperando-te, numa estrada de Atenas,
Ao cair do sol.*

Só hoje é que chegaste...

Oito poemas de Pádua de Almeida

PRECE OBSCURA

Máquina Eternã,

Máquina Eterna;

*O demônio do Fim já pôs o pé na garganta do Mundo;
Deus já acabou na Natureza e agora está em ti;
atende, pois, à minha prece:*

*Faze-me firme como os altos fornos
que mergulham os canos pelas nuvens;*

*a minha fê crepita nas fornalhas,
que se entranham no chão;*

*meu misticismo se prolongue pelas engrenagens e pelas rodas
que talham as distâncias;*

*meu coração lateje nos cilindros;
minha alma gire nas caldeiras;
meu cérebro se tórça pelas chaminês;*

*como temperas o aço,
tempera o meu espírito;*

*como trabalhas os canhões,
trabalha todos os meus gestos;*

*como preparas a dinamite,
prepara-me a vontade;*

*como alimentas os brasidos das casas-das-máquinas dos vapores,
aumenta-me o sangue das artérias;*

*bate os teus malhos em meu destino;
faze-me duro e forte;*

*que eu seja rude como os teus dinamos,
veloz como as tuas chamas,
puro como a tua força,*

Máquina Eterna.

COMBUSTÃO

*E's mais carvão do que foguista,
foguista dos transatlânticos.*

*Noite e dia, sem descanso, atiras o carvão às fomalhas acêsas:
outros, também, te atiram
a outras fomalhas,
dia e noite, sem descanso.*

Arde o carvão e ardes também.

Homem-carvão,

*As tuas carnes e os teus ossos vão alimentar o bôjo
das velhas máquinas sociais:
e crepitam nas chamas da Injustiça,
e espumas entre as brasas da Miséria,
e, entre misérias e injustiças,
vais-te acabando em cinza, em vapor, em fumaça,
nas chaminés atrozes
do Mundo,*

como o carvão

que a tua pá arroja aos fogos dos "steamers".

*E's igual ao combustível
que arremêssas às fomalhas.*

*Teu sangue é como as resinas
que fervem nas pedras negras.*

*Nas mãos torcidas tens tantas bôlhas
quantos filões há nas hulheiras.*

*A poeira entrou na tua carne
como a noite entra na terra.*

*Tens as resinas, o óleo e as trevas
das grandes minas de carvão.*

Homem-carvão.

*Lança no abismo das fornalhas as longas pás esmagadoras,
para aquecer as máquinas,
foguista.*

*E arde, também, nas máquinas sociais,
deixa que a Humanidade te devore;*

sê carvão em silêncio,

sê carvão e mais nada.

foguista, foguista,

— combustível do Mundo.

EVANGELHO DE SANGUE

*Que Messias, surgindo entre metralhas,
virá salvar a Humanidade, enfim?...*

*Das suas mãos, que o fumo dos fusis enegrecem,
escorrerão ondas de sangue sobre as turbas,
para lavar a dor dos homens?...*

*E o sofrimento das multidões
diminuirá se o gume das espadas
e a boca dos canhões arrasarem os povos?...*

*Seu Evangelho é todo escrito com naufrágios,
todo feito de incêndios;
mas os naufrágios e os incêndios bastarão
para guiar as grandes massas infelizes?*

*Suas parábolas contadas
pelo motor dos "tanks" e dos aviões e pelas rodas das carretas,
farão o Mundo menos triste?...*

*O seu símbolo atroz
— uma cruz de cadáveres erguida
no céu, na terra e sobre o oceano —
há-de levar-nos até Deus?...*

*E Deus, olhando os nossos trapos embebidos
de sangue, e as nossas carnes em farrapos,
como há-de receber-nos?*

*Ele dirá, talvez: — "Sejam bem-vindos, desgraçados!
Sejam bem-vindos, monstros!
Monstros e desgraçados, vinde a mim!"*

*E nós iremos todos para Deus,
manchando para sempre a eternidade
com os nossos rastros dolorosos.*

CRISTOS DE FERRO

Que leis se escrevem sobre as engrenagens?

*Que Evangelho há no grito das turbinas,
no soluço dos manômetros,
no arquejo das polias?...*

*Esses Cristos de Ferro chicoteados pela Energia,
crucificados no Vapor*

*também são, como nós, uns infelizes,
desencontrados do Homem como nós somos abandonados
de Deus.*

ASCENÇÃO NAS TREVAS

Dilúvio do Homem.

*Cada um de nós marcha nas trevas,
para lançar-se neste pântano.*

Senhor.

*Há tanto sangue nesta lama,
esta lama é de sangue, é sangue, é sangue vivo.*

*E um sangue vivo: já correu em nós
e agora é nele que corremos.*

*Este pântano, Senhor,
se alarga tanto e vai a tal altura
que os vossos pés caminham entre os nossos.*

*Como Jesus andando sobre as águas do Tiberiade,
pisas em nosso lodo e em nosso sangue.*

*A nossa dor e os nossos vícios
mancham e cobrem vossos pés.*

Senhor :

*paraí a nossa angústia e a nossa infâmia,
porque sãdo vos mataremos,*

Senhor.

*Este pântano avança sem cessar
e toca os vossos tornozelos.*

*O nosso sangue sobe;
a nossa lama cresce;*

*e, assim, esmagaremos vossos astros
abaixo dos nossos pés.*

Senhor,

*tanto subimos,
tanto crescemos.*

OS PÉS PERDIDOS

*Acabaram-se os olhos;
ninguém mais vê; todos cegaram;
agora, só há pés que andam perdidos.*

*Agora, só há pés que vão marchando,
que vão pisando em sangue, sem parar:
estão perdidos.*

Que pés vermelhos !

*Vão andando, vão andando os pés perdidos.
Vão caminhando, sem parar, os pés vermelhos: vão seguindo.
E nunca hão-de parar; estão perdidos pelo Mundo,
porque todos cegaram para sempre.*

Ninguém mais vê e todos marcham.

O SIGNO DO HOMEM NESTE SÉCULO

*Nosso destino
está escrito sob os nossos passos:*

"Morte. Fatalidade. Ódio. Incerteza."

*E o Signo gira assustadoramente
como uma enorme e trêmula ferida.*

Ferida enorme e trêmula, sangrando.

Sangrando em nossa sombra:

"Fatalidade. Morte. Ódio. Incerteza."

E uma ferida sob os nossos passos:

"Fatalidade... Ódio... Incerteza... Morte..."

CEGUEIRA

*Os vossos olhos foram arrancados,
Deus,*

*O sangue das vossas órbitas
cai lentamente sobre nós,
gota a gota,*

*instante a instante,
e nos persegue,
como os minutos na hora da desgraça.*

*Nós hoje estamos cegos
porque estás cego.*

Os vossos olhos foram arrancados
e atirados às trevas.

Quando olhamos vossos olhos,
divisamos, apenas, a escorrer,
duas postas de sangue imóveis e terríveis.

Vós não sabeis o que fazemos
porque não enxérgais,
porque, no rosto,
só tendes duas chagas,
— não dois olhos.

Não nos deis, portanto, a culpa
das guerras e das infâmias que praticamos, dia a dia.

Quem só vê sangue e dôr,
como é que pode ser feliz e puro?
como é que pode amar a Vida?

Tem que buscar a Morte.

Tem que malar, tem que morrer.

Senhor! Como é que um cego
de olhos dilacerados
há-de levar os homens pela mão?

Como é que duas chagas
imóveis e terríveis
hão-de guiar o Mundo?...

Educação do caráter e a moral cristã (*)

NA divisão dos talentos, distribuídos pela Providência desde toda a eternidade, cabe a todo homem, na ordem da natureza e na ordem da graça, o conjunto de meios que lhe permitam ocupar um posto certo e intransferível na disposição ordenada e universal dos seres, para a perfeita execução do plano providencial, a cargo do Governo Divino.

O cultivo desses talentos é objeto da liberdade humana e apanágio daquela dignidade de filho de Deus, que o homem possui, como ser racional feito à imagem e à semelhança do Criador. Liberdade e dignidade que se dirigem a um mesmo fim — o cumprimento da vontade divina: seja a vontade de sinal, expressa nos preceitos, nas proibições, no espírito dos conselhos e nos acontecimentos de cada instante; seja a vontade de beneplácito, que é o ato interior da própria vontade divina (1), muitas vezes até incompreensível e somente aceita com o auxílio da virtude da Confiança.

A vontade de Deus e a liberdade do homem cooperam na escolha de um estado de vida, que Suarez classificou em estado de vida comum e estado de vida de perfeição (2), conforme a criatura se dedique às lutas do mundo, ou se entregue exclusivamente ao serviço de Deus. Aquela vontade incriada e essa liberdade concedida continuam atuando harmonicamente para que, dentro de cada estado, o homem siga o caminho que mais o aproxime de Deus: na vida de perfeição, o apostolado ativo ou a contemplação no claustro; e na vida comum, a profissão ou atividade que lhe facilite o fiel cumprimento dos deveres para com Deus ou que, pelo menos, não lhe oponha barreiras. Esta escolha de uma profissão ou atividade particular, infor-

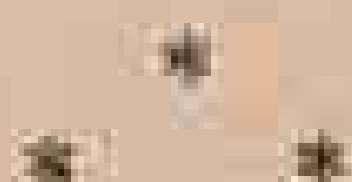
(*) Desenvolvimento da tese — "A Eucaristia Forma o Caráter do Moço para se Preparar para um Estado de Vida" — na secção dos rapazes do III Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Setembro último, na cidade do Recife.

(1) Garrigou-Lagrange — "La Providence et la Confiance en Dieu", p. 168.

(2) Suarez — "De Statu Perfectionis", c. II, 6.

mada pelos princípios da Igreja, é que constitue o objeto da presente tese, em cujo enunciado a expressão — estado de vida — não deve ser interpretada à luz da Teologia ou do Direito Canônico, mas sob a inspiração da Moral, que assim considera as diversas condições objetivas da vida civil, compreendendo todos os ofícios, profissões ou carreiras, a que o homem consagra a sua atividade (3).

Aceito o pressuposto de que entre os estados de vida "stricto sensu" o jovem já se resolveu pelo estado de vida comum, cumpre-nos estudar a influência da Eucaristia sobre o seu caráter, para a feliz escolha de um estado de vida "lato sensu", onde possa, como o deseja acima de tudo, conformar sua vontade com a vontade de Deus, que não o chamou para o estado de perfeição.



A interdependência das faculdades da alma é um fato que se observa nas operações desenvolvidas pelo ser inteligente e que reflete a simplicidade e a identidade substanciais do princípio imaterial da vida humana (4). Sejam tais operações — sensíveis, intelectuais ou volitivas, existe sempre essa correlação, pelo que não se pode afirmar que uma determinada atividade seja exclusivamente volitiva, sensível ou intelectual. E a sua classificação seria incabível se não implicasse, com a predominância de uma faculdade, a participação das outras, que não ficam, assim, excluídas de qualquer operação anímica. Esta mesma predominância é que impõe a atribuição de vários fatos de consciência a uma certa faculdade da alma, fatos estes que se unem pelas semelhanças, como se separam pelas diferenças entre si existentes.

Uma tal complexidade de qualquer fato de consciência deixa entrever a complexidade muito maior do caráter, que já é, de si mesmo, "o conjunto das disposições psicológicas que resultam do temperamento, enquanto modificado pela educação e os esforços da vontade e fixado pelo hábito" (5). O Cardeal Mercier, depois de afirmar ser "impossível definir um indivíduo pelo caráter de sua individualidade", declara que "a Psicologia do caráter não é uma ciência; e sim, uma investigação empírica, que não pode fornecer senão conclusões conjecturais" (6). Todas as faculdades da alma entram na sua composição,

(3) "Dictionnaire de Théologie Catholique", tomo V, 1.^a parte.

(4) Mercier — "Cours de Philosophie", v. III, tomo II, pp. 195 e 229. Sorbais — "Traité de Philosophie", tomo I, p. 41.

(5) Tanqueray — "Compêndio de Teologia Ascética e Mística", Apêndices, n. II.

(6) Mercier — ob. cit., p. 319.

agrupaças no seu elemento inato, com o temperamento e a hereditariedade, e influenciadas pela educação, pelo ambiente e pelos hábitos, que integram o seu elemento adquirido (7). Nesse conjunto de disposições psicológicas e de elementos capazes de as modificar, sobressai a vontade, "que dá ao caráter sua fisionomia moral" (8), permitindo aquela coerência de atitudes e aquela conformidade de pensamento e ação, que constituem o elemento distintivo entre o homem de caráter" e o que não é "senhor dos seus atos".

Mas a vontade não atua sobre o caráter com a facilidade que seria de supor. O seu exercício há-de ser moderado e habilidoso — "non modo despotico, sed politico", no dizer dos moralistas — porque impecilhos de toda ordem surgem no seu caminho, produzidos por diversos fatores de natureza fisiológica ou psicológica, individual ou social, que analisaremos como dificuldades internas ou externas. O elemento inato do caráter, constituído pelo temperamento, pela hereditariedade e pelas inclinações naturais, fornece todos os impecilhos internos à sua educação, como o elemento adquirido produz as dificuldades externas, que se opõem à influência eficaz da faculdade volitiva na sua formação.

O temperamento, que é "o complexo das tendências profundas que derivam da constituição fisiológica dos indivíduos" (9), muito influe nas primeiras reações da pessoa diante dos fatos que lhe interessam. É essa influência é tão manifesta que os antigos classificavam os caracteres pelos temperamentos predominantes, a saber: sanguíneo, nervoso, bilioso e linfático. Uma tal classificação, a-pesar-de seu empirismo, ainda encontra defensores entre os psicólogos modernos, que julgam também empíricas as demais classificações propostas e afirmam, a exemplo do Cardeal Mercier, que a Psicologia ainda não pôde classificar cientificamente os caracteres. Ao temperamento se une a hereditariedade, também motivo de impecilhos internos à formação do caráter, objetivados nas tendências transmitidas pelo sangue, predispondo o homem a certos atos. A hereditariedade comunica aos descendentes qualidades ou defeitos físicos dos ascendentes, como lhes transmite peculiaridades anímicas, de natureza tão só accidental. Na ordem sobrenatural, a lei da hereditariedade também pesa horivelmente sobre o homem, que herda dos primeiros pais os efeitos do pecado original e dos seus ascendentes os efeitos de todos os seus pe-

(7) Sortain — ob. cit., p. 404.

(8) Gillet — "L'Education du Caractère", p. 12.

(9) Tanqueray — idem, ibidem.

Tadeu Rocha

cados. É uma febre que invade e queima a alma humana, quando a graça de Deus, unida aos esforços naturais, não a corta em tempo, impedindo-lhe os funestos efeitos. Concupiscência dos olhos, concupiscência da carne e orgulho da vida: eis em que termos enérgicos S. João caracteriza essa febre moral" (10).

Ainda se encontram como causa de dificuldades internas as inclinações inatas, decorrentes das faculdades da alma e transformadas em paixões, por influência do temperamento, da hereditariedade, do meio físico e do ambiente moral. As paixões são inclinações impetuosas, violentas, dominantes. Na prática, designam "as emoções agradáveis ou desagradáveis" que sentimos constantemente na região sensível da alma" (11). Segundo o Pe. Gillet, "eis o que se pode chamar a gama das paixões: amor, desejo, alegria, ódio, aversão, tristeza, audácia, temor, esperança, desespero e cólera" (12). São forças indiferentes e cegas que cabe ao homem disciplinar, orientando-as numa direção sadia: disciplinar, e não destruir, como os estóicos; nem cortejar, como os epicuristas. Constituindo condição da natureza humana, o próprio Filho de Deus, assumindo-a, não quis ficar isento das paixões, mas suportou o seu peso terrível, devido precisamente àquela qualidade de homem perfeito, inerente ao Cristo. "Os vendilhões do templo, os fariseus, os exploradores do povo exercitaram a sua cólera; chorou deante de Jerusalem infiel; derramou lágrimas sobre o túmulo de seu amigo Lázaro; foi sacudido, na sua agonia, por fortes tremores de medo; teve para com os seus discípulos, na última ceia, sinais de uma ternura apaixonada; desejou ansiosamente comer a páscoa em sua companhia; amou o sofrimento; teve, enfim, a loucura da cruz." (13). A influência das paixões sobre o caráter pode ser modificada pela vontade, que tem sobre as mesmas "um poder real, se bem que indireto". O homem precisa "filosofar com as paixões, como diz Aristóteles, governando-as racionalmente e utilizando o seu poder de ação" (14).

Passando, agora, a considerar as dificuldades externas que devemos vencer para formação do caráter, causadas pelo seu elemento adquirido, analisaremos, primeiramente, os hábitos; depois, a educação e, por fim, o ambiente físico e moral que nos cerca. O hábito "é uma tendência, adquirida pela repetição, a conservar ou reproduzir, com facilidade crescente, estados ou atos anteriores" (15). Em linguagem vulgar, denomi-

(10) Gillet — ob. cit., p. 37.

(11) Gillet — ob. cit., p. 71.

(12) Ob. cit., p. 73.

(13) Gillet — ob. cit., p. 81.

(14) Sortais, ob. cit., p. 120.

(15) Idem, ibidem, p. 416.

na-se hábito o próprio ato repetido; e não a tendência a reproduzi-lo. Assim é que dizemos hábitos bons ou maus hábitos, querendo com isso indicar a qualidade moral de certos atos sempre reproduzidos. O hábito, em si mesmo, independentemente do princípio moral que o informa, facilita a ação e diminui a consciência, pela sua frequência, duração ou intensidade. Pela dispensa de esforço e diminuição da reflexão, não se pode condenar o hábito, aconselhando-se a evitá-lo, pois é uma tendência adquirida, de consequências previstas e desejadas pelo seu sujeito, que a deve aproveitar em sua obra de aperfeiçoamento intelectual e moral, como também espiritual (16). O moço, geralmente, adquire alguns hábitos físicos e psicológicos da pior espécie, que lhe atinge o corpo e a alma, justamente quando ele necessita de um perfeito equilíbrio de funções e faculdades. O seu trabalho deve consistir em substituí-los por bons hábitos, que lhe facilitem a fixação do caráter, no meio de tantas solicitações para o mal e de tão variadas dificuldades que surgem a quem procure agir como "senhor de seus atos".

A educação também cria impecilhos ao caráter, como pode favorecê-lo, quando bem orientada. Entre nós, quase que se pode afirmar, sem perigo de engano, a inexistência de uma verdadeira educação, ou seja o cultivo harmônico de todas as nossas faculdades. Temos, sim, um excesso de instrução, que é a educação da inteligência, para um mínimo de educação da sensibilidade e da vontade. Os programas oficiais de ensino exigem tanto dos nossos adolescentes que pais e mestres encontram alguma justificativa no seu descaso pelo cultivo da vontade e da sensibilidade dos seus filhos e alunos. Mas não se pense que estas faculdades se contentam com tal desprezo: a princípio desorientadas, sempre findam mal orientadas, com imenso prejuízo para o caráter.

E os resultados aí estão, para que todos vejam e meditem: uma mocidade aparentemente super-instruída e, realmente, sub-educada, afirmando como verdades incontestes e normas decisivas toda uma escala de sofismas, que os inimigos de Deus e da Pátria conseguem espalhar com uma habilidade satânica. Para esta mocidade, a moral é o seu interesse; a virtude, a sua conveniência; a verdade, uma questão de atitude; o erro, uma interpretação pessoal. Com semelhantes princípios, não pode haver caráter... Tudo isso, resultado de má educação ou, pelo menos, da ausência de boa educação, como formação simultânea das nossas faculdades. Alguém já disse que a educação do moço deve começar cem anos antes de seu nascimento, para

(16) Mercier — *ob. cit.*, p. 236.

focalizar a responsabilidade das gerações mais velhas na formação moral dos seus descendentes. E não há dúvida que existe uma enorme diferença entre os que são educados um século antes de nascer e os que, em plena vida, não recebem verdadeira educação.

Observando, agora, os reflexos do meio sobre o caráter, analisaremos, brevemente, a influência do ambiente físico, para depois estudar a do ambiente social que nos cerca. É coisa por demais sabida que o clima e a topografia local influem sensivelmente sobre o caráter, pelos hábitos e paixões que produzem ou favorecem. O calor predispõe à preguiça, como o frio conduz à Intemperança. As facilidades das zonas férteis dispensam o emprêgo de energia humana que as terras áridas exigem dos seus habitantes, daí resultando a sua volubilidade ou constância. O morador das montanhas tem hábitos que o homem das planícies não possui, pela sua facilidade de comunicações e de acesso ao lar e ao trabalho. E outros hábitos e paixões podem ser citados como efeito do ambiente físico, prejudicando os esforços da criatura racional em busca de sua dignificação.

Influência, porém, muito maior exerce o meio intelectual e moral sobre o homem, pela circunstância mesma de investir contra o seu caráter pelo desvirtuamento da inteligência e enfraquecimento da vontade, que lhe deveriam fornecer ideal sadio e energia poderosa para a incessante luta contra as suas paixões desordenadas. Sob o ponto de vista intelectual, sentimos uma grande confusão ao redor de nós. Faz cerca de dois séculos que os sábios do mundo dissociaram os elementos constitutivos do homem, exaltando sua individualidade para rebaixar sua personalidade. Desfeita a harmonia fundamental da criatura humana, os filósofos e os sociólogos, os doutrinadores políticos e os cientistas começaram a interpretá-la segundo os seus conhecimentos especializados. E de cada uma das sínteses particulares que elaboraram resultou uma análise profundíssima, que veio revelar, após um cataclismo social, o engano em que haviam caído os seus autores e a possibilidade de uma dolorosa reconstituição integral do homem.

Conjuraram-se teorias e sistemas num sentido como que diabólico de destruir a integridade essencial da pessoa humana. O Positivismo de Comte negou a existência real do homem, para afirmá-la sómente da sociedade. O Evolucionismo de Spencer fez de uma parte do mesmo homem o indivíduo — o fim da sociedade e do Estado. E o Psicanalismo de Freud negou violentamente a espiritualidade e a liberdade da criatura racional, "para dissolver a personalidade humana no mundo

do instinto, do sexo e do sonho", segundo a expressão de um filósofo contemporâneo (17).

Ofuscaram-se os grandes ideais cristãos, que deveriam ser apresentados à vontade, pela inteligência bem esclarecida. E sem grandes ideais não existe homem de caráter. Mesmo, porém, para aqueles que não se deixaram envolver pela confusão intelectual ambiente e tiveram, sempre, diante de si os princípios de uma Filosofia católica da vida, também existe um forte impedimento à educação do caráter, qual seja o excesso de preocupação intelectual. Com menos de vinte anos, o rapaz já conhece uma boa parte da literatura nacional e principia a leitura de livros estrangeiros, com a sofreguidão de quem descobre novos mundos. Surgem, ainda, ao lado das leituras desinteressadas, os estudos indispensáveis à sua formação profissional, aqueles e estes polarizando quase toda a atividade da sua inteligência. O Pe. Gillet classifica uma tal preocupação de "febre do saber" e pergunta que lugar resta para a educação do caráter nesse esforço intelectual tão absorvente, numa idade em que deveriam ser lançadas as bases daquela (18). Não há dúvida que a resposta será muito pouco consoladora para os que se preocupam com o futuro espiritual da mocidade e nada lisonjeira para os moços que têm grandes ideais e não cultivam, porém, os meios de atingi-los.

Moralmente, vivemos no meio de uma tremenda desordem, capaz de opor sérias dificuldades à formação do nosso caráter. A civilização que herdamos da Europa, se bem que informada pelo Cristianismo, tem sofrido crises terríveis, a partir da reforma protestante, dos princípios racionalistas de Descartes e do individualismo de Rousseau (19). De queda em queda, chegamos à desordem social contemporânea, que levou Pio XI a dizer que hoje, "como noutras épocas da história da Igreja, afrontamos um mundo em grande parte recaído no paganismo" (20). Tal civilização é dominada, em conjunto, pelo Cristianismo; observada, porém, mais de perto, nos seus elementos constitutivos, deixa perceber claramente o esquecimento a que relegou o Cristo e a sua Igreja.

As organizações políticas e econômicas dos povos não têm na devida conta que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. A vida familiar situou os princípios cristãos no lugar mais ou menos ridículo das conveniências protocolares, com o desrespeito das normas contidas nos livros sagrados sô-

(17) Jacques Maritain — "Quatre Essais sur l'Esprit", prefácio, p. IX.

(18) Gillet — ob. cit., p. 34.

(19) Jacques Maritain — "Questions de Conscience", p. 26.

(20) Encíclica "Quadragesimo Anno".

bre a constituição da família. Cada homem, em particular, ficou empolgado pela filosofia do êxito, preferindo o bem-estar material à paz de sua consciência, iluminada pela Fé. Enfim, "a sociedade não é mais cristã, no sentido de que deixou de inspirar-se nos princípios do Cristo e nas luzes do Evangelho" (21).

Essa desordem moral no indivíduo, na família e na sociedade refletiu-se nos costumes públicos, passando a reinar a imoralidade na imprensa, no rádio, na literatura, no cinema, nas modas e nas praias. Comentando a carta de Pio XI ao Cardeal Segura y Saenz o Pe. Guerry, depois de afirmar que "a imoralidade se tornou um mal social, pelas condições da vida moderna e pelo que se convencionou chamar de progresso", diz que "a exploração dos sentimentos mais vis, dos instintos mais baixos, das paixões mais repugnantes é organizada sistematicamente, comercialmente, tecnicamente, por sociedades econômicas especializadas numa dessas atividades: o cinema, a revista ilustrada, a canção, o livro, o jornal". E conclui: "a imoralidade posta ao alcance de todas as bolsas, tal parece ser o fim procurado por essas grandes empresas, que são um dos traços característicos da civilização pagã dos nossos dias" (22).



As enormes e várias dificuldades que o moço encontra na formação de seu caráter exigem-lhe um ideal nobre e uma vontade generosa que o conduzam, através dessas terríveis barreiras, ao completo desenvolvimento de sua personalidade. No tumulto de princípios antagônicos e de doutrinas contraditórias, somente a Fé Cristã poderá fornecer-lhe esse ideal e fortificar sua vontade, pela prática das virtudes naturais e pelo dom sobrenatural da graça de Deus.

O ideal humano de dignificação moral e o ideal cristão de santidade coincidem totalmente no sentido de perfeição da criatura racional, feita à imagem e semelhança de Deus e redimida por seu Filho unigênito, que se revestiu da natureza humana para nos servir de modelo e resgatar do castigo a que nos tinha volado a culpa dos primeiros pais. Os planos da graça e da natureza, ambos instituídos pelo Criador de todas as coisas, entrosam-se de tal maneira que os moralistas católicos afirmam, unânimes, que antes de ser cristão, e para o ser, é preciso ser integralmente homem. Condicionam, pois, o exercício das virtudes sobrenaturais ao desenvolvimento das virtudes huma-

(21) Guerry — "L'Action Catholique", p. 170.

(22) Guerry — ob. cit., p. 174.

nas correspondentes, agrupadas em torno das virtudes cardiais da prudência, justiça, fortaleza e temperança (23), visto que "as virtudes que nos fazem concidadãos dos santos e membros do reino de Deus não são somente as três virtudes teologais, mas também as virtudes morais sobrenaturais, que as acompanham e correspondem às virtudes naturais do mesmo nome" (24).

Se o exercício das virtudes divinas pressupõe o das humanas, em compensação as últimas só se firmam com o auxílio indispensável das primeiras, que constituem um dom gratuito de Deus e fogem às contingências da natureza decaída, com a sua fraqueza inata e a sua herança do pecado original, que tanto nos dificultam a aquisição das virtudes naturais. Mas as virtudes sobrenaturais são virtudes divinas em sua origem, em seu desenvolvimento e nos seus efeitos. Somente o próprio Deus as concede, comunicando-nos a sua graça, e somente Ele as aumenta, na medida dos nossos méritos, pelo aumento de vida sobrenatural. A graça é a ação divina sobre a nossa natureza, que a envolve com as suas energias infinitas, aperfeiçoando-a, sem a destruir (25). É a graça que nos faz filhos de Deus, pela participação real e formal de sua vida, ainda neste mundo. As suas fontes principais são os sete Sacramentos da Nova Lei, instituídos como seus sinais sensíveis, para a divinização da vida humana.

Entre os Sacramentos, avulta como fonte de vida sobrenatural a Eucaristia, em que se acham verdadeira, real e substancialmente o corpo, o sangue, a alma e a divindade do Cristo, Filho de Deus, humanado. Enquanto os demais Sacramentos são unicamente veículos da graça, a Eucaristia contém o próprio autor da graça e dos Sacramentos. "O corpo e o sangue do Cristo não se acham sob as espécies no estado de morte. Sendo o Cristo, desde a sua ressurreição, glorioso e imortal, vivendo para sempre na integridade das suas duas naturezas e na unidade indivisível de sua pessoa, está todo inteiro onde se encontre uma das partes de seu ser. A Eucaristia contém, pois, o corpo, o sangue e a alma de Jesus Cristo, isto é, toda a sua natureza humana; e contém, igualmente, a sua divindade. É a pessoa inteira do Cristo — totum Christum — que se acha presente sob as espécies consagradas" (26).

Na inevitável luta contra os imensos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, só a Eucaristia poderá liber-

(23) Gillet — ob. cit., p. 207.

(24) Jacques Maritain — "Questions de Conscience", p. 8.

(25) Gillet — ob. cit., p. 116.

(26) "Dictionnaire de Théologie Catholique", tomo V, 2.^a parte.

tar o moço das suas fraquezas morais, conservando-lhe e aumentando-lhe a graça divina, unindo-o ao Cristo e fazendo-o viver de sua vida. Na Eucaristia, consuma-se a união do Cristo e do fiel, cujo efeito é a sua transformação vivificante. Não é a simples adesão ao Cristo pela Fé, nem a incorporação no Cristo pelo Batismo. É uma união diferente, ao mesmo tempo física e espiritual, do homem com Deus: o corpo e a alma do Cristo unem-se efetivamente ao corpo e à alma do homem, per-lazendo um só corpo e uma só alma, no dizer do Pe. Lebreton (27).

A inteligência do Cristo ilumina o espírito humano com as verdades da Fé, mostrando-lhe a caducidade das máximas do mundo e a beleza das máximas do Evangelho. A sua imaginação e a sua memória unem-se à imaginação e à memória do homem, disciplinando-as e orientando-as para as coisas divinas. A sua vontade comunica à vontade humana aquele poder extraordinário que fazia São Paulo dizer: "Tudo posso naquele que me conforta". Enfim, todos os atributos do Cristo estimulam o amor do homem ao seu Criador, pela consideração da sua fraqueza diante da ilimitada perfeição divina (28).

Pela Eucaristia, o moço interessa o próprio Cristo nas suas necessidades de cada instante e nas suas lutas de toda espécie: os seus esforços naturais serão, assim, divinizados; e o sentido humano das suas virtudes ficará sobrenaturalizado. E ele será integralmente homem, recebendo as virtudes e os dons sobrenaturais, que o inspirarão na escolha de um estado de vida, em que possa realizar o seu duplo fim de criatura racional e de filho de Deus.

T A D E U R O C H A

(27) Citado por Tanquerey — ob. cit., p. 190.

(28) Tanquerey — ob. cit., pp. 191 e 236.

Proust, Dickens e Machado de Assiz

HÁ alguns meses descobri com grande alegria, através das traduções húngaras do sr. Paul Ronai, a poesia brasileira. Agora, cai em minhas mãos um romance brasileiro. Devo a honra do recebimento do exemplar ao ministro deste país sul-americano que m'o ofereceu por ocasião da passagem do centenário do nascimento de seu autor, comemorado no ano passado pelo Brasil. O centenário de Machado de Assiz no país amigo constituiu um acontecimento nacional. Todos os jornais dedicaram páginas inteiras consagradas ao estudo da personalidade do escritor. O livro intitulado "D. Casmurro" tornou-se uma espécie de instituição no Brasil, sendo evocado e citado constantemente. Lá se recorre a este livro como os chineses às obras de Koung-Fou-Tseu. Pais jovem, o Brasil tem uma história curta e pequena tradição. Uma das suas tradições mais sérias é, precisamente, este livro. A leitura da versão francesa fez-me pensar bastante. Os brasileiros devem ser povo feliz, verifiquei não sem alguma inveja.

Devem ser felizes, sim, porque a literatura — e acima de tudo a literatura "pura" — tem importância extraordinária para eles. O romance nacional dos brasi-

NOTA: O sr. Georges Balint publicou recentemente no "Pest Napió", jornal de Bucarest, o presente artigo sobre a versão francesa do romance "D. Casmurro", de Machado. Neste artigo, o escritor europeu expõe a sua opinião a respeito do grande livro brasileiro. Há afirmações que qualquer leitor, mais ou menos esclarecido, não aceitará, mas há também observações de maior interesse. Dentre estas destaca-se aquela em que Balint situa Machado como precursor da obra do autor de "A la recherche du temps perdu".

leiros distingue-se no seguinte dos romances nacionais dos outros povos: nele não se abordam problemas nacionais. Numerosos índices levam à conclusão de que o grande país dos trópicos não chegou ainda ao estado de crise em que a existência ou pelo menos o bem estar duma nação tornaram-se duvidosos. Sem dúvida, os brasileiros — como em geral os sul-americanos — se interessam apaixonadamente pela política, que os diverte e excita. Mas a política, para eles, ainda não se tornou uma questão fatal. Em verdade, não possuem ainda questões fatais. Afirmação que surpreenderá sempre o leitor húngaro, porque a nossa literatura tem se inspirado sempre em questões fatais e trágicas. “São mil anos de sofrimento que reclamam a vida ou a morte!”, exclama Voros Marty debatendo-se no tormento e essa afirmação nós a encontramos em tôdas as obras primas húngaras. Nossos romances nacionais são “O notário da aldeia” ou a “Húngria em 1514” de José Eotvas. Nossos grandes escritores — tratando de qualquer assunto, analisando qualquer minúcia da vida — abordam sempre a grande questão, o problema total — o da vida e da morte, em face da perspectiva tremenda de mil anos de sofrimento. Justamente por isso os húngaros lerão cheios de surpresa o livro nacional dos brasileiros, produzido igualmente pelo XIX século, repassado de acentos soprados pela dôr, mas por uma dôr que não revela nenhum traço de desespero coletivo.

A outra coisa que surpreende neste livro é de caráter estético.

O romance é excelente. Machado de Assiz, filho de operário preto e de lavadeira mulata, na altura de 1880 precede Marcel Proust em mais de um aspecto. Encontra-se nele, já, traços do relativismo proustiano do tempo, da análise penetrante das sensações do passado acumuladas em desordem no fundo da alma. Seu quadro humano lembra também o de Proust. Partindo à

procura do tempo perdido, o homem revolve caprichosamente as lembranças já vividas, e, armado de um conhecimento lúcido dos homens e de cruel sinceridade, revela a própria alma, mostra a sua fisionomia interior, a dos seus próximos e a da vida. Comparado à obra imensa de Proust, é livro pequenino, uma obra constituída apenas de um volume e, entretanto, riquíssima de conteúdo: plena de verdades contundentes e de novos metais arrancados da mina da alma humana. Compõe-se de capítulos curtos, gizados com agilidade, rapidez e vida. Vivos e luminosos. Possui mais reflexões do que acontecimentos. E, apesar disso, a narração não empalidece nunca. Creio que Machado de Assiz aprendeu muito com o seu grande contemporâneo que foi Dickens. Em todo caso, ele nos comunica verdades dolorosas. E num estilo vivo, sempre com humour. Sua maneira de ver é um pouco mais amarga que a de Dickens e é com a resignação calma de um naturalista que revela a imperfeição e a mentira das relações humanas. Em três quartas partes de seu livro, conta idílio da infância, com tinturas de infinita doçura; no fim, conta, à meia voz e num tom reservado, que o idílio se transformou em casamento feliz; depois, numa traição negra; e, finalmente, numa decepção amarga. Raramente se descreveu o desabamento de uma existência com força tão grande, despida da menor intenção patética. Este plano de reserva pudica e fina é o que há de mais inglês no livro, exatamente o que nenhum leitor húngaro esperaria encontrar num livro brasileiro.

Chegamos ao terceiro traço característico deste grande livro. Não é "brasileiro", pelo menos na acepção geral da palavra. Nada há nele de exótico, a não ser os personagens pretos e o fato de certo amigo do herói do livro apanhar morféia. Detalhes sem importância no conjunto da obra, principalmente porque os pretos não apresentam conduta "negra", nem o enfraquecimento psíquico do personagem leproso difere do

de quaisquer tuberculosos ou cancerosos. Machado de Assiz considera o seu brasileirismo fato natural, e não acredita ser necessário fazer propaganda dele, nem explorá-lo para efeito comercial. Sem dúvida, há nele brasileirismo fundamental e profundo, mas que só os brasileiros podem descobrir. O leitor estrangeiro verá somente que um escritor magnífico e educado falava a linguagem do espirito de maneira perfeitamente compreensível para o mundo todo. Voz puríssima no concerto da literatura universal. A maior parte dos europeus — e no meio dela o autor destas linhas — não conhecem pessoalmente o Brasil e não o conhecerão provavelmente. Mas a descoberta de obras primas como o "D. Casmurro" nos compensam o não conhecimento da pátria brasileira. Ao mesmo tempo, dão-nos a certeza da perenidade do espirito europeu, porque si elle morresse na Europa outros povos mais felizes da América continuariam a sua tradição.

G E O R G E B A L I N T

Ninguém mais do que nós venera a nobre figura de FARIAS BRITO. Na história do nosso pensamento elle é, a certos respeitoz, único. Foi quem mais se aproximou do verdadeiro filósofo.

JONATAS SERRANO

Determinismo e Moral

SOB um ponto-de-vista muito geral e apriorístico o senso comum costuma considerar o mundo como composto de dois grandes domínios bem distintos e definidos: um de natureza material e outro de natureza espiritual. É a este último domínio que pertenceriam tôdas as nossas faculdades psíquicas, que nos permitem tomar consciência do mundo físico através de um continuo fluxo de impressões. Estas impressões atribuídas à percepção de objetos, seres e acontecimentos do mundo físico, a-pesar-de fluírem continuamente, não têm, no entanto, uma sequência arbitrária. Bem pelo contrário é possível descobrir uma notável regularidade que nos faculta um certo poder de previsão sobre o seu desenrolar. A esta regularidade devemos a noção de causa e de efeito pois ela faz pensar numa ligação estreita entre acontecimentos que se seguem. Percebidas e admitidas as relações de certos efeitos, estabelecemos leis segundo as quais a determinados acontecimentos há como que uma necessidade absoluta para que um outro se realize. A observação destas regularidades, assim como a sua codificação, são, pois, muito importantes para a coletividade humana, já que nos servirão como regras de ação para a nossa vida. O que é a ciência senão um arquivo da experiência humana registrada através do tempo e legada, de geração em geração, sob a forma de sistemas de relações, sistematicamente coligidas que nos permitem agir da maneira mais cômoda sob circunstâncias novas?

A noção de causalidade e a noção mais precisa de funcionalidade são fundamentais em ciência. Se levamos a ciência a tôdas as classes de fenômenos naturais observados é porque vemos em todos eles relações de causa e efeito ou, como veremos, relações de funcionalidade.

E, pois, muito lógico que surgisse esta pergunta: será a conduta humana igualmente condicionada em relações de causa e efeito ou será ela o resultado voluntário de uma livre es-

colha? Em outras palavras: estender-se-á o determinismo racional até aos fenómenos do mundo psíquico? No caso afirmativo, como deveríamos compreender esta impressão de autodeterminação que todos nós sentimos e que atribuímos a uma estranha faculdade — o livre-arbítrio?

Não nos parece fácil a solução das questões equacionadas e por isso mesmo partiremos de considerações muito gerais, fazendo o estudo e a análise de idéias e conceitos fundamentais.



A realidade cósmica surge e se impõe ao indivíduo na primeira sensação e se firma através da sua evolução, principalmente, na percepção de um complexo de resistências de toda a ordem as quais têm de transpor durante o seu desenvolvimento vital, desde o nascimento até a morte.

Quer parecer-me que esta sensação de resistência é em grande parte a causadora da idéia do não-eu, conjunto, pois, de todas aquelas forças capazes de antepor-se ao indivíduo. Não é, pois, de estranhar que a nossa expressão conceitual do universo seja, desde os primeiros instantes de nossa vida, sintetizada neste dualismo: o eu e o não-eu. Esta diferenciação talvez não possa ser mantida de um modo rígido e absoluto já que há toda uma série de cousas que nos interessam de perto e com tanta intensidade, em uma palavra, são tão "nossas", que nos sentiríamos em situação um pouco difícil se as quiséssemos situar num ou noutro sector. É que, com a integração crescente do indivíduo no meio físico e no grupo social, torna-se cada vez mais difícil traçar uma linha nítida de demarcação entre estes dois mundos: o eu e o não-eu. Tudo se passa como se os elementos integrantes do "eu" — o "eu material" e o "eu social" — se ampliassem cada vez mais, rompendo com as fronteiras do não-eu, formando-se uma como que atmosfera intermediária, e que é naturalmente uma consequência imediata das condições tanto biológicas como sociais da vida que levamos.

Se o não-eu tem ou não existência real independente do eu, eis uma questão que tem sido objeto de intermináveis discussões filosóficas.

Berkeley, num dos mais belos e lógicos edificios metafísicos que se tem erigido, procurou demonstrar que o não-eu era

pura projeção do eu. Para ele o objeto e a sensação são a mesma coisa e não pode haver outra substância do que o Espírito ou aquilo que percebe.

Numa atitude antagônica Kant apresenta o não-eu como um mundo monumental apreensível, de uma maneira deformada através das formas subjetivas de espaço e tempo, pelo eu nos fenômenos.

Em qualquer caso o não-eu tem realidade física. Projeção do eu ou mundo noumenal ele existe. É possível argumentar tanto de uma como de outra maneira, e é como se estivéssemos a expressar a mesma coisa em duas linguagens diferentes. Por motivos de comodidade admitiremos, porque nos acostumamos a ver tudo sob este prisma, que o não-eu existe fora do eu e que as nossas sensações são simplesmente o efeito conciente de reações diversamente: o eu e o não-eu.

Fundiremos sem prejuízo para o nosso fim o eu e o não-eu numa só realidade universal — o cosmos.

Como se nos afigura o cosmos? Podemos concebê-lo como um grande sistema isolado que numa inter-transformação incessante cambia continuamente de estado. Neste dinamismo típico não nos é possível jamais encontrar estados que se identifiquem. Tudo se passa num contínuo vir-a-ser, como se a evolução cósmica tivesse um sentido determinado e unívoco.

Terá, pois, a evolução cósmica um sentido? Falar num sentido determinado é o mesmo que dizer que a evolução não é arbitrária, isto é, que os estados que se sucedem ininterruptamente não podem jamais ser equivalentes a outros passados. Algo deve variar portanto.

*
* *
*

As primeiras sensações de caráter essencialmente passivo e as percepções já de natureza mais ativa são o efeito conciente das reações de natureza mecânica, física e química, que se processam entre as nossas periferias sensoriais e o cosmos.

Notando-se que as periferias sensoriais são extremamente pequenas, comparadas com a grandeza e a exuberância do mundo sensível em primeiro lugar e em segundo que nem todas as correntes nervosas emitidas pelos elementos das superfícies sensoriais chegam a tornar-se concientes, conclue-se que num dado momento apenas uma parcela infinitamente pequena do mundo objetivo pode, primeiramente, reagir diretamente sobre o indivíduo e, depois, somente uma fração desta parcela tornar-se objeto da consciência. O campo da consciência é, pois, duplamente limitado.

As impressões causadas sobre as superfícies sensoriais penetram como correntes aferentes no sistema nervoso continuamente, porém, somente aquelas que, ou por serem mais intensas ou por encontrarem uma menor resistência, chegarem até aos hemisférios cerebrais poderão tornar-se concientes. Pelo que ficou dito, constatamos que nem sempre as mais fortes impressões são as que entre várias chegam ao campo da consciência. Tudo se passa como se uma estranha capacidade seletiva estivesse permanentemente em jogo, funcionando qual um filtro na retenção de certas correntes aferentes e dando livre entrada a outras. A capacidade citada existe realmente e é a ela que devemos a faculdade de nos interessarmos em grau diverso pelos diferentes elementos de um momento cósmico. A faculdade a que aludimos é a atenção: a capacidade da consciência de voltar-se num dado sentido. E este sentido é em cada instante determinado pelo interesse vital do momento.

A limitação do campo da consciência tem, pois, um fundamento físico e biológico. A primeira, de ordem física, é de natureza passiva. A segunda, porém, a limitação biológica tem um caráter francamente ativo e ela que nos ensina a focar o campo da consciência, assim como nos permite ignorar tudo aquilo que em certas ocasiões é completamente estranho e indiferente à nossa vida.

É somente a esta capacidade seletiva de que falamos que podemos atribuir a possibilidade de estabelecermos ordem e harmonia no verdadeiro caos de impressões de toda a espécie de que somos sede.

A atenção nos permite, portanto, um intercâmbio parcial com o cosmos.

É sempre seleção no espaço.

As sensações de uma criança e seus consequentes reflexos psicológicos oriundos do primeiro contacto reacional com o mundo devem dar a ela uma visão de conjunto muito vaga, é certo, na qual tudo é encarado com a mesma indiferença. As primeiras impressões do mundo exterior não poderiam deixar de apresentar este caráter panorâmico porque nelas não há a destacar elementos com maior ou menor interesse biológico.

Já no adulto o espetáculo do universo é totalmente diverso. Levados por motivos de interesse vital somos capazes de dar mais valor a determinados elementos do mundo sensível e aprendemos assim a decompor o universo numa quase infinita multiplicidade de cousas. Estes elementos não podem ser concebidos como tendo uma existência autônoma, independente do mundo objetivo, mas dentro dele existem realmente e

para nós são as cousas, os seres, os objetos, verdadeiros complexos de sensações ligadas entre si numa relativa estabilidade.

Por um processo de análise mais avançado, agora de natureza diferente, somos ainda capazes de decompor as próprias cousas em elementos mais simples, de caráter qualitativo e de natureza puramente ideal. Acontece que nem todos os elementos de um complexo de sensações correspondentes a um objeto são para nós igualmente interessantes sob o ponto-de-vista biológico. É por isso que ante um objeto qualquer somos capazes de ignorar uma série de seus atributos e qualidades para interessarmos-nos apenas por um ou alguns deles.

Esta operação, que é ainda uma operação de análise, e que é da mais alta significação no mecanismo do pensamento, é o que denominamos abstração.

Por meio desta faculdade de abstrair podemos, por uma análise gradual, por em evidência os diferentes atributos e propriedades de um ser qualquer. E assim que estudando um cristal de rocha, por exemplo, podemos nos referir, abstraindo de todas as demais qualidades, à sua cor, ao seu estado elétrico, à sua temperatura, ao seu peso, à sua forma geométrica, à sua constituição química, etc., etc. O mais importante está, porém, no fato de a abstração permitir que se apanhe nos diferentes objetos do mundo sensível propriedades e caracteres comuns donde a possibilidade de agrupá-los e classificá-los segundo o critério de apresentarem em comum um ou mais atributos e qualidades. Para símbolo de cada uma destas classes criamos uma figura ideal: o conceito. O conceito pode ser mais ou menos abstrato, conforme o número de caracteres comuns da classe que simboliza seja maior ou menor.

A classificação dos objetos assim como a criação de conceitos tem a sua razão de ser na própria economia do pensamento. Somente o agrupamento dos objetos, complexos de sensações, notavelmente diferentes entre si, segundo critérios abstratos, nos permite agir num mundo constituído de elementos muito diferentes entre si e em permanente transformação.

Outra faculdade de muito perto ligada às operações que nos permitem a criação de conceitos, é a imaginação. Podemos combinar mentalmente atributos e qualidades sem ligação objetiva alguma formando seres sem realidade física nenhuma.

Condensamos em poucas palavras as operações fundamentais do mecanismo do pensamento.

Mas o pensamento é inegavelmente algo mais do que simplesmente as operações que estudamos. O verdadeiro sentido do pensamento é dinamismo. O pensamento está indissolú-

velmente ligado a ação. O que pensar senão um constante preparo mental para reagir em circunstâncias sempre novas no sentido biologicamente mais útil, levando-nos a esta tendência natural de seguirmos no nosso comportamento as linhas de menor resistência ou do dispêndio do mínimo de energia para a objetivação de nossos fins?

Mas como terá podido o pensamento da simples análise das cousas tornar-se esta alavanca grandiosa que empregamos nas nossas ações? Eis a resposta: formulando regras práticas de ação para a vida. Mas como é isto possível? Vejamos.

A ação do mundo objetivo sobre o indivíduo é permanente e por isso mesmo o efeito sobre a consciência é uma contínua projeção de impressões. A ação de que falamos pode ser considerada em traços gerais de intensidade constante. A reação psicológica sim, varia desde a quase inatividade do sono até aquelas situações em que o homem vive na unidade de tempo com o máximo de intensidade.

E somente por um artifício mental que falamos em estados de consciência, isto é, supostos aspectos estáticos extraídos da corrente da consciência a exemplo de fotografias tiradas de um filme cinematográfico. A fotografia é o estado de consciência. A projeção do filme a corrente da consciência.

Sabemos que o efeito conciente dos fenômenos que se processam no mundo objetivo não é um retrato fiel destes mesmos fenômenos uma vez que este último é sempre condicionado pelo estado do indivíduo ou melhor pela sua esfera de interesses vitais de cada momento. Por um trabalho de tanto valor que estudamos o indivíduo dá, em cada momento, qual os deveres a determinados grupos ou complexos de sensações ou mesmo a determinados elementos destes complexos, que então ficam localizados sobre o campo da consciência, formando os grandes focos de luz em torno dos quais, numa penumbra de intensidade crescente, se acham aquelas sensações de menor repercussão para a vida do indivíduo.

Jamais conseguiremos identificar estados de consciência em toda a extensão, mas assim mesmo encontramos a repetição de certos complexos de sensações, que, devido a constância de relação no espaço e no tempo, contribuíram para a formação da noção de corpo.

Contudo existem relações constantes nas nossas sensações de muito mais valia do que as de natureza citada. Há fatos e acontecimentos que vão sempre ligados entre si ou melhor relacionados. As necessidades biológicas mais rudimentares, assim como a inexperiência do homem primitivo naturalmente fizeram com que as primeiras relações apreendidas tenham sido

as mais simples e acessíveis. Eis alguns exemplos: o aumento de temperatura e a melhoria das condições de visibilidade sempre condicionadas pela presença de um corpo de aparência estável, o sol; o choque provocando o movimento de corpos; o raio acompanhado do trovão, e a chuva que seguia não necessariamente a estes.

Para achar esta regularidade é mister ignorar toda uma série de outros fatos e acontecimentos que se processam simultaneamente mas sem ligação e que aparecem acompanhando fortuitamente aquelas entre as quais é possível estabelecer correlação de sequência ou de simultaneidade.

É abstraindo de todos os processos que se realizam paralelamente no universo, que o homem conseguiu relacionar o aumento de temperatura ao aparecimento de um disco luminoso no espaço. Esta regularidade foi observada em diferentes pontos em que o homem se colocava, donde a observação de inúmeros fatores estranhos àquela relação.

Já que existem fatos estreitamente ligados entre si assim como outros de todo estranhos, como teria o homem primitivo chegado a apreender a existência de tais regularidades e relações? Parece-me de todo provável que foi o sucesso biológico de certas reações humanas, assim como o insucesso de outras, que deram lugar a verificação de correlações de sequência e simultaneidade nos fenômenos da natureza. Reportemo-nos a um exemplo: Suponhamos que um indivíduo ante o mal estar que lhe causa o frio procura reagir e que entrando em contacto com os raios solares passa a sentir-se bem. Em toda situação semelhante a sua reação será orientada no mesmo sentido e não será difícil que ele estabeleça depois de várias experiências que a sua desejada sensação de bem estar somente é satisfeita quando aquele disco a girar no espaço estiver presente. Há muitos outros fatores que em nada influem no seu desejo, tais como o local primitivo, que à noite é incapaz de lhe fornecer o calor. Aquela sensação de bem estar é, pois, provocada pelo calor solar. Eis aí talvez uma das primeiras relações que o homem notou.

Nasce assim a distinção entre fatos invariavelmente ligados entre si daqueles que apenas fortuitamente aparecem simultaneamente, e é desta distinção que se originam as noções de causa e efeito. Denominamos causa ao acontecimento ou fato ao qual relacionamos um outro posterior: o efeito.

As relações de causa e efeito são muitas vezes apreendidas de maneira falsa ou incompleta. Uma relação falsa seria aquela que apresentasse o ribombo do trovão e o efeito luminoso de um raio como causa e efeito ou vice-versa, quando realmente

todos os dois fenômenos, o acústico e o luminoso, tem no fundo outra causa: a descarga de energia elétrica entre sistemas em estado de desequilíbrio. Incompleta é essa relação na qual se toma como causa apenas os fatores mais flagrantes dum processo, no qual, um exame mais atento, mostrará um verdadeiro complexo de fatores circunstanciais que determinam o efeito.

A medida que o conhecimento comum se transforma gradativamente em conhecimento mais sistematizado e de um maior grau de exatidão a noção de causalidade torna-se incompleta e imprecisa.

Quando se consegue caracterizar os fatores determinantes, assim como o efeito, por grandezas e valores mensuráveis dentro de uma expressão matemática a relação obtida não é mais apenas de natureza qualitativa, mas agora quantitativa. Entra em jogo uma relação muito mais precisa: a relação de funcionalidade.

Um exemplo servirá para deixar claro a nova noção de função assim como ela tem de superior em relação à noção rudimentar de causalidade. Todos nós sabemos que uma barra metálica aumenta de comprimento com o aumento de temperatura. A antiga noção de causalidade afirma apenas que o calor é a causa da dilatação da barra. No entanto, nada diz do valor que tomará o comprimento da barra para cada valor de temperatura. Silencia não somente sobre este ponto como ainda mais, pois não diz, de maneira alguma, se o comprimento que alcança a barra é sempre o mesmo para temperaturas iguais. Não prevê, pois, proporcionalidade entre causa e efeito.

Uma observação meticulosa provará que o comprimento da barra é o mesmo para temperaturas iguais como ainda que um acréscimo de temperatura provoca um acréscimo proporcional do comprimento da barra. Numa linguagem mais precisa diz-se que o comprimento da barra é função da temperatura.

Esta relação de funcionalidade tem uma expressão matemática muito simples:

$$dl = kldt$$

Mas a noção de função permite representar relações muito mais complexas, nas quais os fatores determinantes se acham em muito maior número. Por exemplo, a equação dos gases: $PV = RT$.

Sabemos que a complexidade do mundo objetivo não nos permite conhecer os seres por observação concreta, direta ou de conjunto e que a análise é, então, a nossa arma indispensável. E por isso que as relações funcionais e as leis que formu-

lamos para os processos naturais são sempre mais ou menos abstratas, porque são a expressão matemática de fenômenos de determinadas categorias. Quanto menos abstrata é uma lei distante, quanto maior número de categorias de fenômenos ela abraça, tanto mais complexa a sua forma devido ao grande número de fatores determinantes.

A abstração é, pois, o ponto de partida da ciência porque faculta a observação de uma ordem nos processos naturais.

A noção de função e de lei foi gradativamente estendida a todas as classes ou categorias de processos mais ou menos abstratos. As relações de quantidade e de grandeza são objeto da matemática, ciência ideal, da qual procede a mecânica, que é o estudo do movimento e a astronomia que estuda os corpos celestes e seus movimentos. Menos gerais e abstratos são os fenômenos que formam o objeto das ciências físicas e químicas, que estudam respectivamente os caracteres gerais dos fenômenos materiais e as propriedades especiais das substâncias. O conjunto dos estudos das categorias de fenômenos citados e relativos ao mundo inorgânico, constituem o que A. Comte designou por cosmologia. Em ordem de complexidade crescente vem após os fenômenos que se processam nos seres vivos, objetos da biologia e da psicologia e finalmente os relativos ao agrupamento dos homens em sociedade.

Estabelecidas a noção de causalidade assim como a de funcionalidade estamos em condições de compreender o sentido dinâmico e de ação do pensamento. A existência de relações de causa e efeito e de funcionalidade nos permite prever o curso futuro dos acontecimentos em função das condições presentes, com o auxílio da experiência vivida em particular por cada um de nós, assim como daquela que foi vivida pelo conjunto dos homens de todos os tempos e que ficou registrada nos anais da história humana.

A capacidade de prever, essência da faculdade de pensar, é que permite que se formule todo um sistema de regras práticas de ação para a vida que nos orientam no nosso comportamento em cada nova circunstância no sentido mais cômodo.

Muitas vezes nos é impossível firmar previsões sobre o curso futuro de acontecimentos muito complicados. Conheçemos, por exemplo, perfeitamente quais as leis físicas e químicas que regem os constituintes da atmosfera, porém, somos assim mesmo incapazes de fazer a previsão exata do tempo. Ninguém conclue daí que os processos que se realizam na atmosfera fujam ao determinismo das leis da natureza, mas apenas que os fatores determinantes são em tão grande número que se torna

muito difícil tomá-los todos em consideração, como ainda dar a eles o devido valor.

Pensar é, portanto, prever para agir.

•
•

Parece-me que o fato de se ter podido formular relações de causalidade e de funcionalidade para os fenômenos da natureza, em outras palavras, a existência de sistemas deterministas, é apenas o reflexo da evolução cósmica num sentido determinado. Não consigo compreender estas relações para os fenômenos de um mundo cuja evolução fôsse completamente arbitrária.

Se assimilarmos o universo a um sistema isolado, o segundo princípio da termodinâmica nos mostrará que efetivamente a evolução cósmica tem um sentido determinado.

•
•

Admite-se que todos os fenômenos se processaram à custa de algo desigualmente distribuído no universo e que se convencionou denominar energia. Esta energia, assim como a água desigualmente disposta nos tubos comunicantes, tende ao nivelamento, à homogeneização. Em outras palavras a energia representa a aptidão de um sistema para reagir, e os fenômenos naturais são simplesmente trocas de energia entre sistemas.

Concebendo a energia como algo absoluto, isto é, como se fôsse possível estabelecer um zero absoluto para termo de comparação e, portanto, de avaliação da grandeza energética de sistemas quaisquer, os físicos enunciaram a chamada lei da conservação da energia. Esta lei foi formulada de uma maneira geral por Helmholtz em 1847, mais ou menos nos termos seguintes: um sistema isolado conserva invariável sua energia total quaisquer que sejam os câmbios experimentados por cada uma das diferentes regras de energia que intervém no sistema.

O princípio enunciado admite a perfeita equivalência das várias formas de energia, donde a possibilidade de se falar, por exemplo, no equivalente mecânico do calor. Os estados cósmicos seriam, pois, todos equivalentes como o seriam todos e quaisquer estados iniciais e finais de um sistema isolado.

O primeiro princípio da termodinâmica é incapaz de evidenciar se existe ou não um sentido determinado segundo o qual se realizam as transformações energéticas. O princípio

da conservação da energia postula que em toda transformação energética entre sistemas a energia cedida por um deles é exatamente igual a absorvida pelo outro. No caso da irradiação do calor temos: o calor cedido por um sistema é igual ao absorvido pelo outro. Este princípio teria um valor absoluto se os processos naturais fôsse reversíveis. Em tal caso as trocas de energia poder-se-iam efetuar em sentidos quaisquer. Mas os processos naturais não são reversíveis. É impossível, por exemplo, fazer passar calor de um sistema frio a um sistema quente, sem a ocorrência simultânea de um fenômeno acessório. O primeiro princípio é, pois, insuficiente para determinar o sentido das transformações energéticas sem ambiguidade.

A insuficiência do princípio da conservação da energia advém simplesmente de uma conceituação muito pouco precisa de energia. Eu pergunto: que sentido pode haver em se falar na energia de um sistema em equilíbrio e isolado? Nenhum e por duas razões: primeiro porque carecemos de um zero absoluto para ponto de referência e em segundo lugar porque a energia de um sistema somente pode ser posta em evidência em relação a outro sistema. A orientação nova e sábia do segundo princípio foi justamente esta, de jogar não mais com quantidades absolutas de energia mas com diferenças de energia.

A aptidão de um sistema para reagir não é, pois, dada pela energia total de que trata o primeiro princípio, mas sim pelas diferenças de energia entre ele e os outros com que reage, isto é, pela energia livre.

O sistema com menos energia é sempre o zero relativo. Os fenômenos naturais de acôrdo com o segundo princípio são simplesmente transformações energéticas ou escoamento de energia dos sistemas de maior energia para os de menor energia. Em outras palavras, a energia livre desaparece.

Idêmos dois corpos da mesma natureza e com as mesmas dimensões, porém, desigualmente aquecidos, por exemplo, 0° e 100° e isolados. Suponhamos que por um artifício qualquer estes dois sistemas sejam dispostos de tal forma que se torne possível a troca de calor entre os mesmos. A temperatura final nos dois sistemas será finalmente igual a 50° . Apartemos novamente os dois corpos. É fácil conceber que, se aproximarmos a qualquer de um deles um terceiro corpo, ainda de natureza e dimensões iguais e a 100° , que a quantidade de energia capaz de fluir deste último para o outro não é mais igual àquela que fluia no primeiro caso. A energia escoada no segundo caso é menor porque o sistema tornou-se menos apto para reagir. Tudo se passa, pois, como se o zero relativo estivesse no segundo caso colocado mais alto ou como se algo nos sistemas aumen-

lasse continuamente de valor. Diz-se que a entropia do sistema aumenta.

Tôdas as transformações naturais se desenvolvem no sentido do aumento da entropia que é, portanto, uma grandeza que aumenta continuamente de valor.

O universo pode ser assimilado a um sistema isolado heterogêneo e instável em constante transformação para um estado homogêneo e estável. Em outros termos, o universo tende para o máximo de entropia.

A evolução cósmica é, pois, perfeitamente determinada e os fenômenos naturais são simples processos de degradação da energia.

.

Ante a concepção determinista do universo, imposta pela ciência, e segundo a qual os fenômenos naturais são representáveis por funções algébricas, integradas pelos fatores determinantes, e os próprios estados cósmicos são sempre determinados pelos estados imediatamente anteriores, ante a concepção determinista do universo, como dizíamos, surge uma questão delicadíssima.

Dentro do determinismo reacional como situar o comportamento humano? Fugirá a nossa conduta aos quadros deterministas? Poder-se-á, então, sustentar a noção do livre-arbítrio, ou será esta uma destas muitas questões metafísicas, sem sentido para a ciência, mas que se arrastaram dentro dela através dos séculos, levadas por mil preconceitos que o interesse de uns e a covardia de outros têm impedido de que sejam destruídos.

Situar a priori a conduta humana em uma situação privilegiada e estranha a qualquer determinismo reacional seria uma atitude pouco científica. Não se trata mesmo de adotarmos a solução aparentemente "mais digna" para a satisfação da vaidade humana, mas sim de encontrarmos a solução científica de um problema fundamental, porque a ele estão ligados muitíssimos outros de importância vital para a organização da própria sociedade humana. Ninguém ignora as estreitas relações da questão posta em discussão com a Moral e, consequentemente, com o Direito e com a Política.

.

É fácil conceber que no comportamento humano há muitas realizações que somente podem ser compreendidas dentro dos agrupamentos sociais a que pertence o homem: são os movimentos coletivos.

Ninguém nega que é sempre possível estabelecer relações de causa e efeito nestes movimentos coletivos e nós o veremos em uns poucos exemplos logo a seguir. Foi esta possibilidade que permitiu e deu lugar à criação de duas disciplinas científicas que são respectivamente a filosofia da história e a sociologia.

Citemos alguns movimentos coletivos nos quais são flagrantes relações de causalidade: os povos protoárricos no começo da era atual acompanhando o rangifer na sua fuga para o norte em procura de regiões frias; as tribus americanas do neolítico seguindo o bisão conforme as estações; o nomadismo dos povos de pastores a procura de pastagens; a fixação dos homens em regiões ricas em recursos de água, de terras férteis, e com ótimos materiais para construção, tais como a Mesopotâmia e o Egito. Poderíamos continuar através da história e veríamos no fundo de todos os movimentos causas, frequentemente muito complicadas. Esta complexidade é as vezes tão grande que se torna sumamente difícil estabelecer as verdadeiras causas e ainda mais nas suas justas proporções, de um movimento social. Também por esta razão uma previsão sobre o curso futuro de tais fenômenos é impossível de ser feita com toda a precisão. Mas, contudo, não prevíamos desde muito, a irrupção de uma guerra entre as potências que hoje se defrontam, muito tempo antes mesmo que os atuais dirigentes dos povos em luta estivessem à testa dos altos postos?

. . .

Ainda que possam ser estabelecidas relações de causalidade para os fenômenos coletivos, de ordem social, e que a possibilidade de se formular relações funcionais é teoricamente possível, mas praticamente inoperável, pelo número extraordinariamente grande de parâmetros a considerar, não podemos com isto concluir que a conduta de cada individuo em particular seja, em seus detalhes, determinada pela resultante das forças, tanto internas, fatores individuais, como externas, fatores circunstanciais. Em outros termos, não estamos capacitados para encararmos a conduta humana sob o ponto-de-vista do determinismo da mesma forma como qualquer outro fenômeno natural.

Os fenômenos sociais são mais do que simplesmente a soma dos movimentos individuais. Os movimentos coletivos são fenômenos que se desenrolam numa esfera diferente e de categoria superior.

Pode-se portanto, afirmar que, em princípio, as leis estabelecidas para os movimentos coletivos não significam, em absoluto, que o comportamento individual esteja sujeito a leis deterministas. Poder-se-ia mesmo argumentar que as leis que regulam os movimentos coletivos são leis para grandes números, a exemplo das leis cinéticas dos gases e da lei da desintegração das substâncias radioativas, e que, como estas últimas, nada nos dizem do comportamento das partículas elementares (moléculas e átomos), nas quais imperaria a mais franca arbitrariedade de ação, também aquelas poderiam ser formuladas para indivíduos cujas ações fugissem aos quadros do determinismo.

Se alguém se dispusesse a determinar o valor total resultante da soma dos valores parciais de um grande número de jogada de dados verificaria a existência de uma lei que permite calcular a soma dos valores parciais em função do número de jogadas. A lei em questão é uma lei para grandes números e a experiência mostra que ela é tanto mais precisa quanto maior o número de jogadas. Podemos enunciar-la assim: a soma dos valores parciais é igual ao número de jogadas multiplicado por 3,5. O cálculo das probabilidades permite obtê-la teoricamente. Todos os números do dado, desde 1 a 6, tem a mesma probabilidade de aparecerem, portanto, em n jogadas teremos $\frac{n}{6}$ vezes cada valor e a soma será:

$$\frac{n \cdot 1}{6} + \frac{n \cdot 2}{6} + \frac{n \cdot 3}{6} + \frac{n \cdot 4}{6} + \frac{n \cdot 5}{6} + \frac{n \cdot 6}{6} =$$

$$n \left(\frac{1+2+3+4+5+6}{6} \right) = 3,5 \cdot n$$

A constante 3,5 representa a média dos valores de um grande número de jogadas.

A lei formulada é incapaz de nos dar o valor de uma única jogada, mas isto não quer dizer que o aparecimento de um número qualquer seja completamente arbitrário.

Sempre que formulamos leis para grandes números admitimos uma hipótese mais ou menos arbitrária sobre o comportamento dos indivíduos para atribuir-lhes valores médios para

certas grandezas. Assim na teoria cinética dos gases se admite que cada sexta parte das moléculas contidas em um centímetro cúbico, por exemplo, tenham seus movimentos orientados em direção perpendicular às faces do cubo e, além disso, que as velocidades das particulas sejam iguais a um certo valor.

Nas leis para grandes números não se toma em consideração a variabilidade de certos fatores cujos valores oscilando em torno de valores médios podem ser porisso mesmo substituídos por estes. Assim nas leis cinéticas se atribue a moléculas trajetórias retilíneas e uma única velocidade igual para todas elas. Realmente cada molécula segue uma trajetória muito complicada e possui um valor próprio e variável para sua velocidade.

Da mesma forma como a lei que estabelecemos para o jogo de dados não nos pode dar o valor para uma única jogada, também as leis cinéticas são incapazes de nos mostrar, em cada momento, a velocidade assim como a direção do movimento das particulas elementares. Daí, porém, a afirmar que os processos elementares são estranhos às relações de funcionalidade há um grande erro.

É lógico que, não podendo figurar um estado inicial para um tão complicado sistema, como o constituído por uma massa gasosa, devido a falta de meios de observação, nos é impossível achar a lei segundo a qual os valores para as grandezas acima variam em função do tempo.

Passando, porém, do microcosmos das moléculas para o sistema planetário, onde a nossa observação chega facilmente com o auxílio de instrumentos pouco complicados, estabeleceram-se leis, as de Kepler, que nos permitem fazer a distribuição atual dos planetas.

A lei que estabelecemos para os dados nos dá apenas o valor total para um grande número de jogadas em função deste número e nada nos diz sobre o valor que aparecerá em cada caso. A relação funcional que nos daria este valor seria de natureza completamente diferente. Nela o valor estaria relacionado com vários fatores, tais como a posição inicial do dado, intensidade e direção da força com que é lançado, topografia da superfície em que cai, distância desta à posição inicial, etc. Nas leis para os grandes números todos estes fatores aparecem englobados na probabilidade que tem um processo elementar de se realizar.

E', pois, com razão que diz Mach: "a lei dos grandes números de J. Bernoulli não pode se deduzir a não ser de hipóteses deterministas e as proposições do cálculo das probabilidades somente tem valor se os acasos são regularidades mascaradas por complicações".

Mas voltemos aos fenômenos humanos que eles tem de semelhante aos processos elementares, abordando o problema da conduta humana ou do espírito como é do agrado dos espiritualistas.

Equacionado o problema procurarei fazer um rápido retrospecto histórico para que tenhamos uma idéia sobre o que se tem pensado a respeito do mesmo, que, digamos de passagem, está estreitamente ligado ao problema da consciência.

Foi em relação a esta questão, mais do que a qualquer outra, que os filósofos tem desprezado o método científico.

Para o racionalismo metafísico o espírito, dotado de uma faculdade sobrenatural, a intuição, é sempre o mesmo na sua estrutura e segundo alguns, ainda, eterno. Os princípios pelos quais o espírito não somente se eleva acima do mundo objetivo assim como ainda o conhece, constituem a razão que com seu caráter de universal e necessária dita suas leis à natureza. Esta concepção do espírito eterno e imutável faz dos fenômenos psicológicos um sector nitidamente diferenciado dentro da fenomenologia cósmica: de um lado a evolução reinando no mundo material e de outro a imutabilidade do espírito.

Ademais os fenômenos do espírito se oporiam a todos os outros fenômenos naturais em um outro ponto muito importante. Enquanto que nestes últimos a ciência admite que uns sejam consequência de outros, isto é, que hajam relações de causalidade, o racionalismo metafísico nega a existência de leis regulando a vida do espírito. Se a razão dita suas leis à natureza, o determinismo universal seria obra sua. A razão escaparia, pois, às consequências do determinismo.

A psicologia experimental é de data recente. Começa com os trabalhos da psicofísica levando a medida até aos fenômenos psicológicos mais rudimentares. Após surgem os estudos da frenologia de Gall, que com seu método anatômico procura fazer a localização cerebral das funções psicológicas pela determinação das lesões nervosas que corresponderiam às anormalidades de certas funções psicológicas. Digno de registro são também os esforços da psicologia patológica e da psico-análise, principalmente, em relação às suas pesquisas sobre o inconsciente e a vida afetiva, com seus reflexos sobre as manifestações superiores da atividade psicológica. Finalmente devemos lembrar a tentativa de ligar os fenômenos psicológicos aos biológicos pela aplicação das noções de evolução, seleção e adaptação, tiradas da biologia, aos estudos dos fenômenos psicológicos.

Todos os estudos de psicologia positiva citados, ainda incipientes, não conseguiram impressionar os adeptos do racionalismo metafísico. Como poderiam estar os fenômenos que se processam no espírito sujeitos ao determinismo das leis se uma simples observação direta, introspectiva é sempre o suficiente para nos mostrar que é a nossa vontade, sempre presente em todas as nossas atitudes, que nos indica a direção a tomar? Não temos, pois, consciência imediata de nossa liberdade?

Não quero fazer a crítica dos resultados obtidos pelas escolas de psicologia experimental, nem tão pouco é meu pensamento negar a existência desta noção que todos temos de liberdade. Desejo apenas certificar-me se esta noção apreendida em um exame introspectivo resiste a ação da experiência.

Sempre me pareceu que o senso de liberdade nasceu do fato de termos consciência de podermos reagir em determinadas circunstâncias em vários sentidos, e que o sentido da reação é sempre determinado pela vontade do indivíduo, isto é, produto de uma livre escolha.

Considerando, pois, um ato qualquer consumado, os partidários do livre-arbítrio afirmam que ele poderia ter sido diferente do que realmente foi.

Portanto, para que a noção de liberdade tivesse um sentido seria preciso, antes de tudo, que houvesse possibilidades de se reconstituir integralmente as condições e um determinado ambiente e nele colocar sucessivamente um mesmo indivíduo, também sempre em condições idênticas e, então observar experimentalmente reações diferentes, isto é, tomadas ao arbitrio pelo indivíduo. Esta experiência é, no entanto, impossível de ser realizada. Ainda que as condições do ambiente possam ser aproximadamente reconstituídas, o mesmo não acontece com o indivíduo, pela razão muito simples que toda experiência vivida é sempre um fator diferenciador da capacidade reacional do indivíduo.

Ademais é um fato de observação que o mesmo indivíduo em estados biológicos e psicológicos semelhantes e em circunstâncias semelhantes reage semelhantemente. Tanto é assim que podemos prever com grau maior ou menor de precisão as atitudes e os acontecimentos futuros relacionados com certas pessoas. Prevemos a vitória ou a derrota de nossos amigos na vida. E ainda mais, podemos prever fatos de muito maior particularidade. Quantas vezes ante a afirmativa de que um nosso amigo A, que conhecemos profundamente, em circunstâncias X, Y, Z... reagiu no sentido L levantamos nossas dúvidas? E quantas vezes em situações como estas não só não admitimos francamente a veracidade do fato relatado nas circunstâncias

expostas, como ainda juntamos que para que tal acontecesse, as circunstâncias não seriam X, Y, Z... mas X', Y', Z'... ou, então, que a reação observada nas circunstâncias X, Y, Z... somente o poderia ter sido em relação ao indivíduo B.

Devemos, pois, considerar a atividade humana como o efeito de reações que se processam entre o indivíduo e o meio físico, biológico e social em que vive. Ante as variações do meio o indivíduo tem a faculdade de reagir com modificações de seu estado material tendendo para estados de menor desequilíbrio com o meio. Assim encarada a questão pode-se passar, com perfeita solução de continuidade, desde a rudimentar irritabilidade do protoplasma até os complicados movimentos orgânicos e reações psicológicas verificadas no homem.

As variações do meio exterior, e que podem ser de natureza mecânica, térmica, luminosa, química, elétrica, etc., funcionam como estímulos sobre a matéria viva. Os efeitos mais rudimentares destes estímulos sobre a matéria viva vamos encontrar na irritabilidade do protoplasma e que se manifesta sob a forma de movimentos do próprio protoplasma ou mesmo do próprio organismo a que pertence o protoplasma. Estes movimentos são designados de uma maneira geral por tropismo e conforme a natureza dos estímulos que os provocam recebem a designação especial do termotropismo, fototropismo, quimotropismo, eletrotropismo, etc..

E por efeito de estímulos térmicos que certos infuzórios do gênero *Paramecium* colocados num meio diferentemente aquecido, por exemplo, com as temperaturas extremas de 24° e 38°, se dirigem para as imediações do extremo mais quente (termotaxis positiva), enquanto que outros tipos mostram preferência pela região mais fria (termotaxis negativa). As plantas frequentemente estão dotadas de fototaxis positiva, isto é, pela ação da luz são capazes de se orientar para receber o máximo de irradiações luminosas necessárias para a realização das reações que constituem a função clorofiliana a qual se deve a elaboração dos hidratos de carbono (fotossíntese). Existem também casos de fototaxis negativa. Pela ação de estímulos elétricos certos indivíduos do gênero *Paramecium* se orientam de tal modo que o extremo anterior de seus corpos se voltam para o cátodo (galvanotaxis catódica). Os estímulos mecânicos provocam também movimentos vários as vezes de caráter francamente defensivo: é o caso, por exemplo, de certos Cefalópodes que sob a ação de estímulos mecânicos difundem na água substâncias corantes que a enturvam; alguns animais reacionam emitindo luz como alguns Protozoos. Reações ante estímulos mecânicos são também observáveis nas plantas, não só nas in-

feriores, como também nos vegetais superiores como a sensível e as plantas carnívoras. Também as variações químicas de um ambiente provocam reações diversas como a observada em certos infusórios que procuram no meio em que vivem as regiões mais ricas em oxigênio; há casos de quimotaxis negativa sendo um exemplo o que se verifica com os infusórios que se afastam de cristais de cloreto de sódio colocados no meio em que vivem.

A observação das plantas inferiores demonstra que a excitabilidade delas e de seus órgãos, assim como os movimentos decorrentes, são em todos os sentidos equivalentes aos dos animais inferiores. Não são raros os vegetais inferiores providos de órgãos intensificadores da sensibilidade, como lentes para a excitabilidade luminosa.

Um fato altamente significativo e que serve para demonstrar que os movimentos das plantas se realizam sob a influência de estímulos sensitivos é o de que os anestésicos podem agir sobre as plantas de uma maneira semelhante à ação exercida sobre os animais. É sabido que a sensível colocada numa atmosfera de éter torna-se incapaz de executar qualquer movimento mesmo que fortemente sacudida.

Parece, portanto, que a sensibilidade das plantas resulta não somente de uma percepção elementar, como também da existência de um sistema condutor elementar através das células vivas.

Quando se sobe na escala dos seres vivos nota-se que tanto mais complicados os organismos vivos tanto mais complicados são os movimentos e reações a estímulos do ambiente. Esta complicação é ainda maior porque nos organismos superiores a energia, acumulada sob forma de reservas, permite ações de grande vulto ante excitações extremas muito fracas. Neles não há proporcionalidade entre a intensidade do estímulo e a intensidade da reação. Ao passo que nos seres rudimentares, os protozoários, p. ex., a reação é direta e imediatamente provocada pela excitação do meio.

Já que a faculdade de opção que ligamos a noção de liberdade não pode ser mantida e que o determinismo reacional pode ser levado até a atividade psicológica, concluimos que o nosso senso de liberdade é uma ilusão. Uma ilusão da mesma natureza daquela que vive um indivíduo que, durante a vigília a uma hora marcada executa uma ordem que lhe foi sugerida no estado de hipnose e que no entanto, considera o ato praticado como obra exclusiva de seu livre-arbítrio. O interessante é que os indivíduos em situações semelhantes dão, também, de

seus atos explicações que lembram aquelas dadas por indivíduos não sugestionados.

. . .

Considerando os fenômenos do espírito sob um ângulo diferente dos demais fenômenos o racionalismo metafísico edificou toda uma filosofia moral com suas consequentes projeções na Política e no Direito.

Segundo a moral tradicional o homem possui uma consciência moral, através da qual, pode ou não, mas deve, moldar seus atos. E na justificação do dever moral que divergem as filosofias morais.

De um lado, portanto, o determinismo regendo os fenômenos do mundo material e possibilitando a organização da ciência e de outro a teoria do livre-arbitrio assegurando as teorias morais.

Filho do racionalismo metafísico e irmão das teorias finalistas a propósito da vida o espiritualismo proclamou a eternidade e a imutabilidade do espírito e consequentemente a eternidade e a imutabilidade dos princípios morais.

Peca, portanto, a moral tradicional por fundamentar os seus princípios sobre uma teoria insustentável: a do livre-arbitrio.

Já na antiguidade pagã os filósofos Sócrates e Platão procuraram justificar a conduta moral, fora de quaisquer cogitações religiosas, pelos efeitos sobre a felicidade individual na vida terrena.

Para Epicuro há um supremo bem e um supremo mal: o prazer e a dor. O fim da moral seria o de ensinar a arte de evitar a dor e conquistar o prazer. Também, segundo os estoicos (Epíteto), o homem deve viver conforme sua natureza e esta natureza tende para a felicidade. Porém para os últimos a felicidade não é feita necessariamente de prazeres. A felicidade seria simplesmente a ataraxia, aquela paz interior e aquela serenidade que constituem a harmonia moral dos homens satisfeitos consigo mesmos e com o mundo. A verdadeira sabedoria moral, fonte de toda a felicidade consistiria, pois, em encarar, como indiferentes aquelas coisas que independem da vontade.

Não é possível encontrar ligações entre estes sistemas de moral e as religiões greco-romanas. Para todos o homem tem uma natureza a ser satisfeita e que tende para a felicidade. O defeito de todos os sistemas citados está no sentido individualista que os impregna. As regras morais não existem para a

realização da felicidade individual, mas antes, como teremos ocasião de ver, para assegurar a existência de um estado social. Ademais o conceito de felicidade é tão pouco preciso que ninguém saberia dizer, a-pesar-do desejo de sermos felizes o que desejamos propriamente.

Uma orientação completamente nova é dada pelos filósofos judeu-cristãos para os quais a moral tem um fundamento teológico. A-pesar-dos homens trazerem consigo uma consciência moral de gravação divina as regras morais são estabelecidas e elaboradas sobre verdades reveladas pelos profetas. Para os cristãos Cristo impôs a lei moral definitiva e esta lei está contida nos livros sagrados. Os homens são livres de seguir ou não a lei divina, mas sobre aqueles que a ignorarem far-se-á sentir a ira divina.

No fundo de tôdas as morais metafísico-nacionais e metafísico-religiosas, diferentes na forma, nos fins e nos princípios com que justificam o dever moral, é sempre flagrante o desprezo à experiência e a crença no absoluto. Além do mais repousam, como já dissemos, na existência de uma consciência moral.

E pelas razões expostas que tôdas elas são impotentes para explicar a diferenciação da moral no espaço e no tempo. Todos os conceitos morais, tais como justo, bom, etc., diferem no espaço e no tempo. As próprias instituições sociais consideradas justas e boas, isto é, concordes com os princípios morais, em tempos passados ou em determinados centros de cultura, podem tornar-se amorais em tempos vindouros ou serem taxados como tal em outros círculos.

Assim a antiguidade greco-romana considerava a escravidão uma instituição plenamente injustificável, tanto é verdade que o próprio Aristóteles a admitia. Também a civilização cristã a admitiu em relação a certas raças consideradas inferiores e ainda hoje persiste em certos povos.

Segundo as leis romanas a mulher e os filhos eram propriedade do marido. Hoje, ao menos entre os povos mais cultos, há apenas uma situação de relativa superioridade dêste em relação àqueles.

O matrimônio é outra instituição na qual podemos observar profundas diferenciações, de uma e outra natureza, tanto na modalidade (monogamia, poliginia, poliandria), como na forma (indissolubilidade, divórcio) e na ordem sob o ponto-de-vista da família (endogamia, exogamia).

E possível, portanto, construir uma geografia e uma história da moral.

As regras morais não podem porisso ter aquele caráter de absoluto e de definitivo que lhe imprestaram as morais metafísicas, e estão, como bem mostra a diferenciação no espaço e a evolução no tempo, em estreita relação com o estado social. A moral deve ser, pois, de origem e de natureza social.

E talvez em Hobbes que vamos encontrar esta concepção pela primeira vez. Segundo este pensador há duas épocas bem distintas na história da humanidade: primeiro o chamado estado natural, verdadeiro regime de guerra de todos contra todos e finalmente o estado social caracterizado pela formação dos grupos sociais de complexidade sempre crescente.

E claro que a explicação de Hobbes tem muito de esquemática. Não há propriamente aquela distinção nítida em duas épocas e o próprio estado natural não deve ter tido nunca aquela forma primitiva de vida isolada e independente no qual os homens teriam vivido em uma luta permanente com seus semelhantes. A verdade é que as instituições sociais em seu conjunto, portanto, a própria sociedade, tornam-se sempre e cada vez mais complexas na forma e na estrutura, podendo-se porisso idealizar um primitivo estado em que as relações sociais eram mínimas e a atividade humana profundamente egoísta e asocial. Este estado caracteriza-se antes de tudo pela ausência quase total de regras morais. Entre o estado primitivo e as sociedades romanas atuais há toda uma continuidade.

Podemos constatar facilmente através da evolução social uma especialização crescente das funções necessária ao sustento da vida. Em outras palavras há uma divisão crescente do trabalho. Ora, divisão do trabalho quer dizer atividade produtiva maior com menos dispêndio de energia.

A causa da organização social assim como da evolução social deve ser, pois, a tendência natural do homem de viver com o máximo de bem estar e com o dispêndio mínimo de energia, isto é, segundo as linhas de menor resistência do ambiente vital.

Organizado um estado social ainda que primitivo, este estado tende a perpetuar-se por força de sua inércia na sua forma inicial. Assim aquelas primeiras regras que representam dentro do grupo primitivo as linhas de menos resistência para a conduta humana no que refere às relações sociais, tendem a cristalizar sob a forma de regras e preceitos morais definitivos.

Em todos os tempos e em todos os povos os costumes e regras de ação condicionados pela inércia social e que acarretariam a perpetuação do estado social e que formam as regras e os preceitos morais tem sido justificados de várias maneiras. As justificações ora de natureza teológico-religiosa, ora de na-

tureza metafísica, deram lugar à criação de vários sistemas de moral insuficientes, como vimos, por carecerem de uma base científica. As próprias práticas totêmicas e as proibições, compreendidas na expressão tabú, possivelmente podem ser classificadas na categoria de primitivos preceitos morais e correspondentes pseudo-justificações para a conduta moral.

Mas como bem diz Abel Rey "êstes pretensos sistemas de moral estão, a propósito de nossa conduta social, como o estavam os sonhos dos magos caldeus, dos sacerdotes egípcios ou dos filósofos pitagóricos, a propósito dos números; dos alquimistas a propósito das indústrias da tinturaria, do vidro ou dos metais preciosos; dos médicos ou antes dos curandeiros até o último século".

Assim como as artes técnicas se originaram duma atividade extracientífica, mas que encontraram posteriormente uma fundamentação em conhecimentos científicos, assim também a moral até então simples conjunto de regras ligadas a preconceitos e convenções tradicionais deverá encontrar sua fundamentação científica.

E é este o ponto-de-vista de Lewy Brühl que na sua obra já clássica, "A moral e a ciência dos costumes" defende duas teses essenciais. Primeiro que as morais tradicionais se propuseram uma tarefa impossível: a criação de regras eternas e imutáveis baseadas sobre princípios metafísicos indemonstráveis. Segundo, que, a-pesar-da impossibilidade de se erigir uma moral teórica universal, é possível fundar uma ciência dos costumes.

Mas, se a organização social é consequência da tendência dos homens de seguir as linhas de menor resistência do ambiente vital como poderemos formular leis de conduta e estabelecer costumes, uma vez que as linhas de ação, onde o dispêndio de energia é menor, diferem de indivíduo para indivíduo dentro do mesmo estado social?

E lógico que ante determinados estímulos dentro de um estado social, a reação é específica, isto é, característica para cada indivíduo. As reações diferem porque elas são função da natureza do indivíduo. Porém as diferenças neste sentido não são absolutas e por isso não são as reações absolutamente diferentes.

Assim como estabelecemos leis para grandes números adotando valores médios para certas grandezas, podemos também formular para um determinado estado social aquelas regras

de ação que facultam aos indivíduos considerados em conjunto viver o mais comodamente possível. Estas regras representam, portanto, a média das linhas de menor resistência e sobre elas devem basear-se os costumes e as convenções sociais.

Num determinado momento histórico uma sociedade apresenta-se como função de uma série de fatores. Para este momento suponhamos existir um sistema de costumes, perfeitamente de acordo com a natureza da sociedade, e que é formado daqueles costumes que marcam em média as linhas de menor resistência para a conduta social dos homens que dela fazem parte. Os fatores determinantes da evolução social variando dão lugar a que a sociedade em um outro momento histórico tenha uma estrutura diversa. As regras de ação e os costumes deverão acompanhar esta evolução sob pena do grupo social passar a ser regido por preceitos morais cristalizados em formas arcaicas.

Por outro lado, nem sempre o indivíduo reage segundo as linhas consideradas, para a média dos indivíduos, como aquelas de menor resistência. Quando um indivíduo reage de uma maneira intensa fora destas linhas ele poderá mesmo deslocá-las pela modificação do ambiente social. É sob este prisma que deve ser encarada a obra dos reformadores sociais.

Podemos, agora, enunciar a tarefa da ciência dos costumes:

1.º Traçar dentro de um grupo social as linhas médias de menor resistência e criar por todos os meios, principalmente através do organismo estatal, um verdadeiro sistema compressor com o fim de forçar a convergência das linhas de menor resistência e com isto garantir a perpetuação do sistema de costumes enquanto perdurar o estado social.

2.º Adotar como úteis as reformas sociais, em todos os sectores da atividade humana, uma vez que o novo estado social que elas acarretam seja mais perfeito que o atual, fazendo ainda com que as regras de conduta e os costumes acompanhem a evolução.

O nosso modo de conceber a moral, tanto no que diz respeito ao seu valor, como ainda sobre a sua origem, sua natureza e seu fim, explicam cabalmente a diferenciação dos conceitos morais através do espaço, assim como a evolução dos

mesmos no tempo, o que não pode ser compreendido pelas concepções metafísicas sempre ávidas do Absoluto.

É claro que, se a moral é de origem e de natureza social, e que a estrutura da sociedade é condicionada por fatores geográficos, raciais, etc., e função, na sua evolução, de fatores econômicos, está explicado o relativismo moral. Não é, pois, de estranhar que certas instituições sejam consideradas pouco dignas e amorais por um povo e não por outro, ou então em épocas idas e não mais atualmente.

Assim, por exemplo, poderia alguém considerar amoral uma sociedade na qual o número de homens fôsse permanentemente menor ao de mulheres, — uma sociedade fundada sobre um sistema de guerras constantes —, pelo simples fato de nela imperar a poligamia? Estou certo que, se um tal agrupamento humano tivesse suas condições sociais modificadas por uma transformação das condições de vida e que a anomalia citada deixasse de existir, a prática da poligamia seria, em breve, considerada odiosa e amoral.

No Tibet a poliandria é praticada de uma forma muito singular. Uma mulher pode conviver com dois ou mais irmãos, visando esta forma matrimonial apenas reunir as propriedades dos irmãos.

A monogamia existente, já, em quase todos os povos em estágios inferiores de cultura não pode ser considerada como fruto de cogitações e de princípios morais. Nestes povos, como nos superiores, a monogamia é a modalidade de matrimônio mais usual, porém, estabelecida por necessidade, ou melhor, por ser a forma mais de acôrdo com a estruturação da maioria dos grupos sociais. A monogamia é, portanto, praticada porque na maioria dos agrupamentos humanos a posse de várias mulheres, ou o contrário, é tornada difícil pela proporção numérica dos sexos.

Finalmente, devemos dizer que, como há tãda uma série de condições, "sine qua non" para a formação dos agrupamentos sociais, não é de estranhar que os costumes e regras de conduta de todos os tempos e regiões tenham pontos de contacto.

OTO ALCIDES OHLWEILER

A aurora da América

I

RESOLVERAM os países americanos reunir-se em conferência afim de assentar as bases de sua neutralidade em face do atual conflito europeu, assim como de estudar os recursos de que poderão lançar mão no sentido de remediar os males que advirão para o seu comércio, decorrentes daquele conflito e que já se vão fazendo sentir.

Para todos os que acalentam no recesso do coração a esperança da realização do ideal panamericanista, e nem só no que este ideal tem particularmente continental, mas, sobretudo, no que representa de aspiração humanitária, de expressão de solidariedade internacional, de compreensão e respeito entre os povos, de culto aos valores morais que marcam o progresso da civilização do Ocidente, de exemplo ao mundo enfim, surgiu a Conferência do Panamá no momento asado, como uma oportunidade única que não deveria ser desperdiçada para que os desejos de conagraçamento panamericano se consubstanciassem no terreno das coisas concretas, não mais continuando como chapa batida do lirismo diplomático.

E' tempo de fazer cessar a retórica inflamada e inconsequente, substituindo-a pelo estudo sério e frio das possibilidades reais — e entre estas ocupam lugar de destaque as comerciais — de modo a emprestar ao pa-

namericanismo uma sólida e indestrutível base, como sóe ser, por exemplo, a da cooperação econômica.

Analizando em outro trabalho publicado em 1937 (1) as consequências funestas para a economia americana da política de exclusivismo imperial que as potências do Velho Mundo de há muito vêm praticando, no sentido de desenvolverem em suas colônias da Ásia e da África a produção de grande parte dos artigos que hoje importam da América, ao mesmo tempo que procuram completar o círculo econômico suscitando nas referidas possessões mercados consumidores das suas manufaturas, praticando, embora de forma mais natural, a mesma autarquia das nações sem colônias ou sem capitais, tive ocasião de apontar a situação em que ficariam os países deste continente, principalmente aqueles cuja produção é quase tôdas constituídas de matérias primas, no dia em que suas exportações para aquele destino, que representam mais de 50% nas respectivas balanças comerciais, fôssem praticamente nulas. Via no fato uma grave advertência nos impelindo para a firme determinação da entrada em uma fase de *americanismo orgânico*, em que a organização da América, sob o aspecto econômico, devesse ocupar o primeiro plano das cogitações (2).

Hoje, a guerra européia vem ao encontro dessa necessidade, convertendo-a num imperativo inelutável e

(1) "Política de Americanismo Econômico", n.º 35 do Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, julho de 1937. Traduzido e transcrito pela revista da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira, n.º 265, outubro de 1937, de Buenos Aires. Transcrito no vespertino "O Povo", de 24/12/37, Rio.

(2) Na reunião plenária da Conferência do Panamá, de 30 de setembro de 1939, foi aprovada uma proposta para a criação de um *Comité Consultivo Econômico e Financeiro Interamericano*, o qual se deverá compor de 21 membros e assistir aos governos em todas os problemas daquela natureza. Este Comité, que se destina também a estudar a criação de dois institutos panamericanos, um comercial e outro financeiro, representa um aperfeiçoamento sobre uma proposta peruana, e é um seguro passo dado no sentido da instituição daqueles organismos, segundo decisão tomada em Lima e lembrada no Panamá pelas delegações do Uruguai e da Colômbia.

imediatos, sob a forma da nossa urgente defesa econômica, tornada esta possível mercê da compreensão do problema, que havendo sido confusa ou negligenciada por muito tempo, presentemente se mostra clara nos discursos e nas disposições de industriais, comerciantes e dos responsáveis pelos governos das nações deste hemisfério, expressamente formulada como foi nas atribuições da reunião do Panamá, e aprovada na forma preliminar do *Comité* referido (3).

Sem esclarecidos entendimentos no campo comercial, e até mais amplamente no econômico e financeiro, é que não sei como poderá a almejada união transformar-se em fato. Sem o preenchimento dessa condição, continuará a política econômica desenvolvida em mu-

(3) Em importante discurso feito no Senado, em 3 de outubro p. p., e dirigido especialmente aos homens de negócios de sua pátria, conceitou-se o sub-secretário do Comércio dos Estados Unidos, sr. Edward Noble, a desenvolverem todos os esforços afim de intensificar as importações procedentes do continente, oferecendo-lhes para isso a colaboração do Governo. São suas palavras textuais: "Espero que não desviareis o nosso interesse particular pelas nações da América Latina. As nossas relações políticas são naturalmente dirigidas nesse sentido. Relações econômicas sãs e sólidas estão na base de todas as relações políticas, sociais e amistosas. Procuremos constantemente aumentar o nível de salários para o nosso povo. Espero que chegará o dia em que veremos igualmente altos salários no Canadá, no México, nos países das Antilhas e nas nações ao Sul destes. Um tal desenvolvimento da economia dos países em questão enriquecerá tanto a eles quanto a nós mesmos." "Toda vez que uma fonte de abastecimento satisfatória puder ser encontrada ou desenvolvida nas Américas, deve ser nossa política bem determinada utilizar essa fonte de abastecimento o mais possível." "Cabe-vos dirigir o nosso comércio internacional no sentido mais adequado a favorecer a verdadeira prosperidade entre os nossos vizinhos do hemisfério ocidental." ("O Globo", 10/10/39).

Há pouco foram fundados em New York dois organismos com esse fim: o *National Foreign Trade* e o *Latin American Trade Centre*. O segundo tem, sobretudo, por finalidade, fomentar a exportação para os Estados Unidos de artigos manufaturados, recebidos até agora da Ásia e da Europa, e auxiliar para tanto, por todos os meios, a sua produção nos países latino-americanos.

Haverá quem diga, com certeza, que todo este movimento significa muito mais o interesse que têm os Estados Unidos em, muito importando, levantar o poder aquisitivo das massas dos outros países, para que estas, por sua vez, mais também lhes comprem, do que, propriamente, uma amizade pura e platônica... Mas uma tal ponderação, positivamente, seria risível. E' o caso de se perguntar: qual a inconveniência em que esse intercâmbio se verifique? E quem conhece a capacidade de absorção do mercado lanque sabe que horizontes se abrem à exportação desses países...

tos Estados, a contrariar em seus resultados a de outros, gerando assim o alheamento de interesses, gérmen de indiferença e quiçá de luta futura. Parece que o inverso disso deverá ser feito, tornando complementares umas das outras as diferentes economias nacionais, em observância ao fenómeno da distribuição desigual das riquezas.

União é interdependência e a necessidade desta já Roosevelt a encarecera em discurso pronunciado no Rio (4), dizendo: "Todos nós aprendemos as glórias da independência. Aprendemos agora as da interdependência. Económicamente, podemos suprir as nossas necessidades; intelectualmente, mantemos um constante e crescente intercâmbio de cultura, de ciência e de pensamento; espiritualmente, a vida de cada uma de nossas pátrias pode contribuir para enriquecer a tôdas as demais." E' preciso não esquecer, além disso, que é impossível haver harmonia e relações amistosas entre os povos, quando seus interesses se contrariam.

Um dos mais esclarecidos e autênticos economistas do Brasil, o Sr. Pedro Cintra Ferreira, com a grande autoridade que mais do que os seus estudos teóricos, lhe dá o conhecimento direto de tais questões (adquirido na direção de uma grande companhia inglesa — a *Brazilian Trading Company*), diz a certa altura de um trabalho seu, ainda inédito: "Na verdade, a amizade coletiva não existe e as simpatias isoladas não possuem força de ação. O que estabelece entre os povos relação de cordialidade é o interesse comum, sobretudo o comércio nas suas variadas modalidades; o resto não passa de amabilidades e sorrisos diplomáticos."

Esta é uma dura lição de realismo. Nas relações entre as nações, a lei que tem prevalecido no sentido de aproximá-las tem sido, não há que contestar, a do *in-*

(4) Oração proferida na sessão conjunta da Câmara dos Deputados, do Senado e da Corte Suprema, a 27 de novembro de 1936, pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt, de passagem por esta Capital e a caminho da Conferência da Paz, reunida logo após em Buenos Aires.

terêsse, e a que as tem regulado não foi outra até agora senão a da *fôrça*. Se nós, na América, desejamos banir a segunda, ou melhor, o que é mais razoável, eliminar o seu predomínio sobre a Moral e o Direito, escravizando-a à condição de servidora dêstes, deveremos também tirar ao comércio o aspecto odioso de competição desenfreada e deshonestas, subordinando-a a normas éticas, sem desconhecer ou desprezar a importância da sua função, nem tão pouco afastá-lo da cogitação dos idealistas. Na América, porém, a política econômica dos diversos países não seguiu paralelamente o desenvolvimento da linha de ação diplomática.

Não será difícil citar o pensamento de autorizados estadistas e de competentes técnicos, na demonstração desta verdade, e ainda há pouco tempo, o ministro Hélio Lobo, na qualidade de delegado do Brasil, ao encerrar-se os trabalhos da Comissão de Estudos Econômicos da Conferência de Buenos Aires, lastimava não constituir o continente americano, quanto à economia, o bloco que se devera orgulhar de ser, pois "se grande parte do seu comércio se faz entre países vizinhos, ou ainda, entre os Estados Unidos e as demais Repúblicas da América, o grosso das correntes mercantis encaminha-se para outros continentes, principalmente a Europa."

E' pois necessário que da Conferência do Panamá tenha resultado uma nova orientação mais prática, mais realista, consultando inteligentemente não apenas as presentes conveniências, mas de modo duradouro, as de um futuro de união indissolúvel.

II

Ora, é aqui que devo afirmar estar sinceramente convencido de que não creio nas possibilidades de sucesso real do movimento americanista (sucesso que importa não ficar para as calendas gregas) com a exclusão do fator que é a sua maior garantia — os Estados Uni-

dos (5). E é correndo o risco de exorbitar do tema e ser incompreendido por muitos que a adotam, que vou tentar mostrar o quanto essa atitude tem de romantismo político anacrônico e de base falsa.

Em que pese o ponto-de-vista dos que teimam em não associar a um legítimo movimento americanista os Estados Unidos, sob o pretexto de que esse país cometeu em seu passado alguns pecados de imperialismo (num tempo em que não só ele na América — já para não falar no mundo — foi imperialista...) e é ainda hoje uma ameaça (6), entendo que se poderá admitir sem deturpação ou desvio, a evolução do americanismo bolivariano partido do ponto inicial que foi o da tentativa de unificação com especialidade das nações hispano-americanas (então necessária para a manutenção da liberdade que vinham de conquistar), incluir o Brasil, mais ou menos indiferente na época, e acabar por integrar na sonhada comunidade a nação norte-americana. Faz-se preciso que aqueles que assim não pensam, deixem, de uma vez por todas (quando estamos todos em embrião, apenas começando) de vêr o grande país do norte com as lentes deformadoras e preconcebidas do nosso *latinismo* de espírito e de raça, em contraposição ao *anglo-saxonismo* dos americanos do norte (7), teimando em querer herdar na América divisões humanas e preconceitos europeu que aqui não têm sentido e se devem dissolver no formidável caldeamento de tôdas

(5) Do ponto-de-vista econômico, pelo menos, não creio ser passível de contestação. Para tanto seria preciso ignorar o que representam os Estados Unidos para as economias dos demais países da América. O Brasil, por exemplo, ainda em 1938 vendeu para lá 34,32% do valor total da sua exportação, calculada em libras ouro. E outras nações há, como o México, Colômbia, Cuba, Bolívia e a Venezuela, que ao mercado importador e aos capitais norte-americanos devem, parcial ou totalmente, a invejável situação em que florescem suas principais indústrias.

(6) Muito se tem deblaterado contra a doutrina de Monroe. Tenho para mim, porém, que o mapa político do continente seria bem outro sem essa doutrina...

(7) Convém não esquecer, aliás, a dose latina na formação racial dos Estados Unidos, que não é nada desprezível.

as raças e de tôdas as culturas, se é que se deverá operar algo de novo. A única herança a conservar intacta — porque universal — é, para mim, a religião cristã, que certamente terá em terras e gentes da América um clima muito mais propício a uma experiência mais confortadora, do que encontrou nas da Europa.

Irrita ouvir a insistência nos lugares comuns com que a imbecilidade, a ignorância ou a ingenuidade fazem eco aos agentes da propaganda anti-estadunidense. A muitos de boa vontade tem faltado perspectiva histórica, sem o que não cometeriam o erro de responsabilizar a presente e as futuras gerações norte-americanas pelas faltas dos seus antepassados, os quais, afinal de contas, não foram nem melhores nem piores do que os antepassados das gerações de outros países continentais (8).

“Nossa solidariedade de interesses políticos, econômicos e sobretudo morais com os Estados Unidos e com a América Espanhola, crescente de dia para dia, requer que, pelo menos nas suas linhas gerais, conheçamos as condições e lances da sua evolução de pouco mais de

(8) Julguemos os homens bem como os países sempre dentro das circunstâncias do seu tempo. Muito curioso seria ter verificado o que fariam outros povos da América com o poder de que dispuseram e dispõem os Estados Unidos... Julguemos os povos sem perspectiva histórica e chegaremos a conclusões interessantíssimas... Acharemos que os bárbaros tiveram um procedimento inqualificável destruindo o Império Romano: que os romanos, a-pesar-de criadores do Direito, cometiam o crime de escravizar os vencidos; que o Brasil jamais devera ter-se oposto à independência do Uruguai, e assim por diante...

Julguemos homens e nações mais pelo que são do que pelo que foram, se temos em vista o presente ou o futuro. A propósito, será interessante citar Herbert Hoover, que, recordando em artigo recente (“Porque Devemos Ficar Neutros”, O Jornal, 15/10/39, Rio) o que foi a atuação de Wilson na França para o estabelecimento da paz após a Grande Guerra (do que foi testemunha ocular), disse que este “Esplanou o idealismo americano na mesa da paz. Argumentou, gritou pedindo razão e justiça — não porque ele sentisse que os inimigos estavam isentos de culpa, mas porque sentia que o povo devia voltar a sua face para o futuro e suas costas para o passado” (é meu o grifo). A voz de Wilson não foi ouvida e hoje o canhão atoa aos ares que ele tinha razão. Mas a voz de Wilson é a Voz da América e por isso esta não ficará surda aos seus próprios clamores!

quatro séculos”, recomendou o bem informado Oliveira Lima (9). Uma acurada revisão histórica, eis o que se impõe no sentido de libertar as inteligências dos prejuízos e fantasmas do passado, que só persistem porque aquela revisão ainda não foi feita de forma lúcida-mente ponderada e humanamente compreensiva.

É uma injustiça que serenamente não se pode praticar, essa de apontar, por exemplo, nas afirmações categóricas do Chefe do Governo ianque, de que é preciso, para o fim de atingirmos o ideal comum, “*abandonar a linguagem perigosa da rivalidade*” e “*afastar as frases vazias dos triunfos diplomáticos e dos acordos leoninos*”, esquecendo “*qualquer pensamento de hegemonia, de alianças egoístas ou de equilíbrio de potências*”, porque “*esses falsos deuses não têm guarida na América*”, o disfarce do desejo de amplexos de tamanduá... Há, além disso, nas elites pensantes da referida nação e muito particularmente na nova geração, o mesmo ou maior fervor pelas coisas da América, que se traduz de modo evidente e altamente eficaz na atividade científica dos seus centros de estudo, universitários ou não, e nas homenagens que lá se prestam às grandes figuras dos demais países.

O Sr. Pedro de Alba, a-pesar-de hispano-americano, muito à vontade se sente para identificar a concepção estadunidense do panamericanismo com a dos países de origem latina: “*Bolívar encabeza la marcha, no hay pueblo alguno en el Continente Americano que no consagre veneración a su memoria. En los Estados Unidos del Norte (o grifo é meu) se le han erigido monumentos; se le dedican estudios históricos en los que se evidencia cabal comprensión, se repasan sus teorías en cátedras universitarias dictadas con amplio espíritu americanista.*” (10) Respondendo aos que antepõem o

(9) Prefácio da “História da Civilização”, pág. 4. 1921. Cia. Melhoramentos de S. Paulo.

(10) “El Panamericanismo Clarividente y Generoso de Bolívar”, in Boletín de la Unión Panamericana, n.º de Julho de 1938. Pág. 330.

argumento de que Bolívar não queria saber dêsse país na unidade que sonhava, diz de Alba que a objeção que opôs o Libertador ao convite aos Estados Unidos para que participassem do Congresso do Panamá, foi motivada pelas simpatias que queria guardar para com a Inglaterra, a qual havia ajudado sua obra e talvez visse "con malos ojos la intervención de los Estados Unidos del Norte en la América del Sur". Não havia, pois, limitações nem exclusivismos na sua doutrina, e tanto assim que, quando se inteirou do novo estado das relações entre os dois países, logo mudou de atitude, confessando até mais tarde, em uma missiva a Revenga: "Me alegro que los Estados Unidos manden enviados al Istmo, *sea como fuese*", mudança essa que se deu entre 1824 e 1826, devido ao interêsse demonstrado por Adams e Clay no bom entendimento com o resto da América, acedendo em enviar representantes ao Panamá.

Não é de outra maneira, portanto, que entendo o pensamento de Plínio Salgado quando diz que "Temos de reatar o fio da política bolivariana, iniciando porém, a campanha por um esforço no sentido de uma unidade sentimental, cultural e econômica" (11).

Há na atitude de agressão ao povo norte-americano, uma como que revolta dissimulada pela situação de inferioridade em que nos achamos, a qual é mascarada com a pintura carregada dos defeitos que aquele, como todos os outros povos, possui. Dai, a estigmatização de imperialista, quando os interêsses daquela nação no mundo, decorrentes da sua posição de ascendência, a levam a tomar medidas de ordem política que os acautelem. É a coisa mais razoável e natural (e para estranhar seria que assim não acontecesse) e, no entanto, são essas medidas tidas e havidas por arreganhos de imperialismo (12).

(11) In Panorama, n.º 1, pág. 7. S. Paulo. Janeiro de 1936.

(12) Na opinião de muita gente, o Brasil e nações equivalentes têm sido sanguessugados pelos argentários judeus de Wall Street, por meio de empréstimos de juros escorchantes. Admitamos o argu-

O nacionalismo exacerbado, tocando as ráias do jacobinismo (que é a sua modalidade patológica) tem perturbado a serenidade do intelectual como das multidões que, aflitos pela hora de desvario que o mundo atravessa, vivem procurando uma causa a que atribuírem a culpa da crise que está subvertendo instituições e valores. Já se disse, porém, que não há unilateralidade mas pluralidade de causas. E o fenômeno imperialista, espantalho tão usado e explorado pela propaganda comunista com o fim de intrigar as nações que, por serem jovens e estarem crescendo, muito naturalmente, de uma maneira ou de outra, precisam de ajuda das grandes potências (campanha que disfarça, aliás, a própria feição também imperialista dos Soviets), esse mesmo fenômeno tem sido ultimamente apenas apresentado pela face negativa, não se querendo reconhecer, por outro lado, que tem sido uma constante histórica, à qual talvez não se haja furtado povo algum em fase de prosperidade, e que os benefícios que tem acarretado à civilização têm sido tão grandes que seguramente serão maiores do que os malefícios. Que tem sido a história do mundo senão uma sucessão de imperialismos? Não são eles os capítulos dessa história? (13) No caso dos Estados Unidos, contudo, convém observar que se esse país mereceu o epíteto de *imperialista*, dele hoje se re-

mento, que afinal é procedente, (mesmo escurecendo a conviência dos políticos que os contrataram e o *desemprêgo* em que colocaram o dinheiro) e ainda assim poderemos confiar em que não continuará a ter a mesma força convincente doravante, uma vez que o Estado abandonou a função de *guarda-costas* do Capitalismo e que nos Estados Unidos tenha longa duração a política rooseveltiana, de divergência com os *gras-bonnets* da alta finança, do que foi um fiel reflexo o episódio das expropriações das companhias petrolíferas, levadas a efeito pelo governo mexicano. Hoje a política exterior norte-americana é a política da nação, enquanto que no passado ela o foi muitas vezes de um grupo financeiro. Socialmente como politicamente, este grupo tão opressor era externa como internamente. Roosevelt, porém, tem reagido em nome das outras classes que são a nação, e, assim acautelando os interesses destas, consulta, em corolário, as conveniências dos outros países influenciados pelo mesmo grupo financeiro.

(13) O imperialismo é o tipo do fenômeno constante na História. Modernamente, ele assumiu feições variadas, sendo rico de aspectos, contando-se além do da dominação territorial e política, o financei-

dime, sendo talvez a única potência que de bom grado e espontaneamente promove a independência de povos, como o filipino, que poderia continuar a dominar e que, entretanto, não só isto não faz como até tem pacientes cuidados no período de transição que vai da submissão à liberdade, educando-os para esta e permitindo-a gradativamente, afim de que a passagem de um estado para outro se opere sem traumas ou perigo de desequilíbrio contra-producente.

Há quem veja, por exemplo, na obra do canal do Panamá um autêntico ato da prepotência ianque. Eu fico pensando que os que assim julgam devem ter do americanismo uma concepção estática. Para mim, ele é e deve ser dinâmico, desenvolvendo-se paralelamente à evolução da vida no continente, embora coerente consigo mesmo. Não posso compreender que Bolívar entendesse de modo diferente. Seria crível que imaginasse ter, de uma vez por tôdas, cristalizado a doutrina? Ou teria admitido, como é razoável, que esta, como alguma coisa que condiciona a vida, iria evoluir através os tempos que se iriam desdobrar, se bem que essa transformação só se operasse no que ela tinha de accidental, de extrínseco, dependente do espaço e do tempo, e não de essencial? Assim haveria Bolívar, por exemplo, de ser contrário a que a nação que o podia fazer, rasgasse o canal para servir aos vitais interesses comerciais e militares, não apenas seus, mas também das demais nações americanas, e quicá do continente, só por que com isso se destruíra um símbolo, já nesta altura, um tro-

ro, o económico, o ideológico, o racial, etc., que ora aparecem isolados ora conjugados. Por entender que tem tido o imperialismo seu sentido desfigurado, e que, não obstante, se bem interpretado, é rico de lições de filosofia política e histórica, de grande significação para o Brasil e países economicamente semelhantes, decidi tentar um livro que será (ou está sendo) um trabalho de especulação do fenómeno e das suas consequências passadas e futuras. Desde logo se pode perceber que, á falta de uma organização universal com idoneidade para julgar e ver respeitadas suas decisões, não há como fugir-lhe. E' o que tem acontecido. Hoje, que a humanidade alcançou o grau de madureza para isso compreender, o que fará depois da actual crise?

pêço? Veja-se, por outro lado, o que representa mais como princípio, como espírito de solidariedade, do que mesmo como possibilidade material, a criação da zona marítima de segurança, agora resolvida. Em 1914, por ventura, já para não falar no século passado, foi isso cogitado? E deixará por isso de ser uma medida inspirada no mais genuíno espírito americanista?

Não se justifica, pois, a aversão à grande república do norte.

Aos que se deixam, ademais, contaminar por êsse sentimento (que no fundo, como já acentuei acima, é motivado pela nossa posição de inferioridade), eu ou-saria reportar ao livro "Alegria Criadora", onde Tasso da Silveira cristãmente coloca o problema, repensando-o com aquele seu admirável equilíbrio.

Explorando o veio de uma superior concepção de psicologia individual de Nestor Vitor, que ensina o recurso da consagração imediata de qualquer novo valor cujo aparecimento nos começa a incomodar, como o meio mais eficaz de matar em nós o sentimento inferior da inveja ou de superar o nosso orgulho, o conhecido escritor católico adapta a lição à esfera das nações, luminosamente afirmando que a rivalidade entre estas "não é elemento de progresso senão enquanto se confunde com o puro sentimento de estímulo recíproco, isto é, com o reconhecimento generoso e franco, por parte de tôdas, das realizações a que cada uma attingiu. Como simples rivalidade, só pode levar à mútua irritação, aos desentendimentos perigosos, às lutas desleais. *Não sabermos admitir as conquistas legítimas de um povo, não sabermos admirar a superioridade que alcançou neste ou naquele sentido, é privarmos nossa própria alma de povo do íntimo dinamismo que nos levaria também a tais conquistas. É fecharmos nosso espírito à larga compreensão do espírito dêsse povo, e por tanto opor barreiras ao nosso próprio desenvolvimento.*" (O grifo é meu) Este me parece que deverá ser, verdadeiramente, o espírito americano.

Não posso deixar de citar, linhas adiante, quase todo um parágrafo, em que o problema da colaboração da América Latina e da América Inglesa é claramente discernido. Essa colaboração se deverá processar de modo a permitir uma interpenetração de culturas, dela emergindo apenas a *América americana*, de unidade monumental e variedade riquíssima. Bem sei que isto é obra para se completar em séculos, mas também não esqueçamos que da orientação que hoje fôr seguida dependerão os resultados, venham êles em futuro remoto.

Com a consciência adquirida da forma por que devemos dirigir a política panamericana, não devemos receiar as arremetidas da barbaria continental (tantas vezes manifestada no caudilhismo que levou à guerra países irmãos) pois, ao espirito cumpre desviar a vitalidade de que é soberba expressão, para o bom sentido dos altos fins a que se quer atingir (14) e que são uma aspiração do continente inteiro, sobretudo dos países hispano-americanos, e mais até dos Estados Unidos do que do Brasil (15).

E, entretanto, precisamente nesse rumo que a clarividência de Tasso da Silveira nos dá um ensinamento de pura americanidade quando afirma que "uma força que se vai criando aos poucos e será, para o futuro, formidável, estreita cada vez mais, entre latinos e saxões da América, os laços de solidariedade: o espirito continental. Depois, diz ainda, *seria inópia (o grifo é meu) negarmos as energias generosas que profundamente trabalham a alma ianque*. Erros políticos, e graves, tem êsse povo cometido. Do ponto-de-vista de uma ética internacional mais rigorosa, muitos dos seus gestos

(14) Como se faz com as forças físico-naturais, que sôltas são catastróficas e que, no entanto, o homem doma e coloca a serviço do seu conforto.

(15) Não obstante o Professor John F. Norman, que em seu livro "The Struggle for South America" acentuou o "continentalismo americano dos brasileiros, em contraste com o europeísmo da Argentina", segundo declara em carta endereçada a Rubens do Amaral, publicada pela "Pólis da Manhã", de S. Paulo, em 7 de outubro de 1939.

* para com povos vizinhos são absolutamente condenáveis." No entanto, as deficiências do espírito político norte-americano desaparecerão por certo" porque "pela própria expansão de nossas forças morais e espirituais provocaremos na alma ianque benéficas reações de que nascerá mais profundo respeito pelo nosso ser. Vencido este obstáculo, nada mais nos restará do que (o grifo ainda é meu) *aceitarmos e reconhecermos amplamente a grandeza desse povo, e sabermos captar em nosso favor aquelas energias generosas a que acima se aludiu*". (E que são por nós ignoradas, infelizmente...)

A este respeito muita injustiça temos praticado com a leviandade só própria dos superficiais. Porém, já se vai aos poucos penetrando o verdadeiro sentido do espírito norte-americano.

"A visão unilateral dos fatos americanos, diz um jornalista, é responsável pelas falsas interpretações do destino da grande coletividade. Para os europeus (e importante ver surgirem como por encanto as cidades babilônicas, os edifícios lançados contra as nuvens, as pontes e os monumentos ciclópicos, as fortunas inauditas, deixando em plano ridículo a fama de Crespo, do que considerar a realidade da intensa atividade do espírito, a floração de inteligências da América, o influxo de ideais renovados atestando o deslocamento do primado da civilização para um outro plano."

Mas há os que preferem assinalar a mentalidade ianque negando-lhe idealismo, dela distilando uma série de inconveniências, que, influindo sobre nós, trariam as mais graves consequências. A esses convém lembrar ou esclarecer que os norte-americanos "Não caçam o dolar nem o empilham para aumentar o luxo e o gozo pessoal e nem sempre o deixam em herança para a família, senão que o transformam em bem estar para os homens, em saúde, vigor e amparo para as crianças, em prêmio para as boas ações. Esse dinheiro dos milionários americanos ergue universidade na China,

palácios na Europa, reconstrói a Catedral de Reims, restaura Versalhes, combate as febres malignas nos cinco continentes, (o nosso país experimenta este benefício com a Fundação Rockefeller) educa milhões de indivíduos, envia sábios para estudar as florestas tropicais, multiplica-se em empreendimentos que enobrecem a civilização." (16)

Realmente, porque não desejar que na civilização americana, (que deverá ser a síntese de tôdas as demais), cuja feição inédita deverá a tôdas que a precederem superar pelo seu sentido ao mesmo tempo continental e universal, essas tão superiores qualidades morais e intelectuais inerentes ao espírito anglo-saxão completem as do espírito latino, não esquecendo sequer as parcelas do negro, do vermelho e de tôdas as outras raças que aqui se mesclam, dando-lhe um caráter ecumênico? É preciso evitar que a influência bárbara da terra (em função da qual escreveu Eduardo Prado todo o seu célebre livro, argumentando em face do futuro com os desacertos do passado, frutos do barbarismo te-lúrico americano em tôdas as latitudes, para o qual não admitiu educação) predomine sobre o imperativo do espírito cristão que exige essa unidade. Não é porque no passado os povos lutaram entre si que se há-de perpetuar com tradição o ódio das guerras latino-americanas e das incompreensões latino-ianques. Se é possível na América apagar-se a rivalidade e o prejuízo histórico que separaram lusos e espanhóis na península ibérica, também o mesmo se poderá verificar em relação aos americanos do norte, de quem, afinal, copiamos normas e costumes políticos, o que já é uma forma de entendimento.

Se na América isto não fôr possível, é porque ela terá falhado à missão a que a julgamos destinada.

(16) "A Influência Espiritual Americana", conferência pronunciada no Instituto Brasil-Estados Unidos, em 25/4/38. O A. levanta um balanço da atividade intelectual dos Estados Unidos no século XIX, focalizando cada uma das suas grandes figuras, de cujo confronto com as européias acha difícil distinguir supremaçias.

VII

Os que admitem que a América está madura, pela consciência que nela reina, para que seja atacado o problema de sua organização (sem que esta acarrete o mal do desaparecimento das soberanias políticas e das características peculiares a cada povo, permitindo e preservando, ao contrário, a faculdade de acentuação das diversidades nacionais na unidade continental) não podem conceber a realização da empreitada à revelia do esforço ianque, que é a sua condição de êxito. Essa organização comporta realidades como a econômica, a financeira e a da defesa militar, que se não podem olvidar como fatores decisivos para um entendimento cada vez mais íntimo, sincero e honesto, o que quer dizer que, sem a peça norte-americana na engrenagem, impossível será de fazer a máquina funcionar satisfatoriamente. (Que me perdoem os românticos a dureza da metáfora...)

Por se afigurar deveras prosaico, não tem o problema das possibilidades materiais da união panamericana merecido da maioria das inteligências que dela se têm ocupado, o necessário cuidado. A HORA da América parece haver soado. Nunca será demais insistir, entretanto, que se queremos construir nesta parte do planeta uma civilização aperfeiçoada, isenta dos preconceitos que infelicitam as demais; se daqui desejamos fazer uma mansão de paz e de liberdade, de compreensão universal, em obediência ao espírito cristão que informa a nossa mentalidade, começando uma nova Idade histórica, então convém, inicialmente cuidar de tornar possíveis êsses ideais, colocando a seu serviço os instrumentos hábeis. E o mais hábil de todos êstes é o Comércio. Foi assim, pelo menos, que entenderam grandes vultos cujos pensamentos se transformaram em patrimônio cultural da humanidade. Um deles, Montesquieu, positivamente admitiu que "o comércio insufla, naturalmente, a implantação da paz". Um outro,

Brandeau, grande pensador e economista, eloquentemente afirmou que "os povos tanto mais se aproximam, se conhecem, se respeitam e se estimam, quanto mais se unem por interesses comerciais." (17)

Façamos, pois, do comércio interamericano a grande arma com que combateremos pela efetivação do ideal unionista. Compreendamos e avaliemos o que êle significará para um geral conhecimento através de outras modalidades de intercâmbio, para as quais abrirá caminho. Forcemos esta política que em pouco tempo poderá transformar em realidade majestosos planos como o da rodovia transcontinental, da moeda americana e o da exploração de nossos sombrios sertões, onde se guardam intactas riquezas inesgotáveis de que carece a humanidade para seu conforto, pela aplicação que nesses empreendimentos poderão ter capitais que permanecem improdutivos, riquezas que poderão dispor de mercados certos, acarretando, em última análise, a elevação do padrão de vida das populações. Ponderemos que se os Estados Unidos muito têm a lucrar nos mercados latino-americanos (com os quais estão tentando substituir os asiáticos e europeus que têm perdido), êstes não menos nos colossais mercados ianques. Tudo depende da maneira inteligente por que nos soubermos aproveitar da oportunidade. Lembremo-nos, por último, de que tudo isso trará no bojo, inevitavelmente, uma contribuição nova em todos os sentidos, da América à história do mundo, e que, se nos revelarmos incapazes de merecer o quinhão que recebemos, por dele não sabermos fazer o necessário bom uso, que na posse do mesmo talvez não continuemos por muito tempo

(17) Uma citação de Foerster, a êsto respeito, tirarei também do livro "Alegria Criadora": "O presidente do Cobden Club, lembra êle, lord Farrar, demonstra... que a lei do Sermão da Montanha, quando bem compreendida, se aplica também ao comércio mundial; um povo que não ama a seu próximo como a si mesmo se arruína pela sua estreteza de coração, porque a lei da economia mundial, é a lei da solidariedade dos povos." Pág. 186. 1.^a edição, 1932, Rio de Janeiro.

mais, quando há outras regiões do globo menos ricas, super-habitadas por povos extraordinariamente adiantados, que se consideram com direito à conquista de espaços mais amplos e que para tanto dispõem de meios e armas que neutralizam muitos obstáculos naturais, inclusive o da distância — o que não nos deve deixar muito tranquilos.

Este deve ser o lado positivo e realista da *conciência continental* e uma política pelo continente que nele não se inspirar, me parece fadada ao mais redondo dos fracassos. Conjuguemos os nossos interesses e teremos sintonizado os nossos ideais. Em suma, demos *organidade* ao americanismo.

Rendendo justa homenagem ao gênio imortal de Bolívar e proclamando a legitimidade de sua preponderância nos destinos do continente (a despeito de Monroe), afirmou Sumner Welles, no belo discurso pronunciado a 25 de setembro passado, no Panamá: "*Todos nós que aqui nos reunimos hoje reconhecemos que esta assembléia constitui a realização de um ideal — a realização da visão que Bolívar teve há mais de um século — ideal que naquele tempo e depois pareceu jamais poder ser alcançado. Está no dever de todos nós que temos o privilégio de representar nossos governos, aproveitar esta ocasião não apenas para assegurar a fidelidade a esse ideal, mas para assim fazendo, assegurar o estabelecimento duradouro e pacífico de uma forma de cooperação prática e de interdependência entre Estados Soberanos, em perfeita igualdade, (os grifos são meus) numa escala que o mundo raramente tem testemunhado e que neste momento é mais do que imperativa.*" (18)

Dadas as circunstâncias de todo em todo excepcionais da hora que vivemos, a qual faz acreditar no *Crepúsculo* europeu, se da Conferência do Panamá tiver

(18) "Correio da Manhã", de 26 de setembro de 1939. Rio de Janeiro.

advindo uma orientação que dela faça o marco inicial da era da *bôa vontade* e da *ausência do espírito de hegemonia*, tão ardentemente aguardada, em que as vibrações espirituais das diversas nacionalidades não sejam dissonantes mas harmoniosas pela posse do ideal comum, então será chegado o momento de anunciar à humanidade sofredora, que surgiu no horizonte da História o arreból dos Tempos Novos, do Último Ocidente e do Primeiro Oriente, que despertou, enfim, para a glória de Deus e dignificação do Homem — a *AURORA* da América!

Este estudo é um ato de fé.

GARRIDO TORRES



...Neles, (nos Cadernos) a luta pela formação do caráter da mocidade brasileira dentro do sentido espiritualista e cristão, encontra um baluarte sólido de cultura bem orientada, cultura corajosa e sem reservas mentais.

MÁRIO MARROQUIM

Autor do livro "A língua do nordeste" (col. Brasileira)

Positivismo e o império

O movimento positivista apareceu no Brasil durante o Império. E à sua sombra organizou-se e cresceu, sendo uma das filosofias orientadoras da República, ao se dar a substituição de regimens operada em 889. Digo *uma* das filosofias ordenadoras do regimen republicano, porque as correntes orientadas pelo partido republicano e em maioria dos "adesistas", seguiam um liberalismo à Rousseau. Entretanto, quais foram as relações entre o regimen imperial e o positivismo durante este período de vida em comum?

Essa questão tem de ser estudada sob vários prismas. Como o Império tratou o Apostolado Positivista no Brasil e os seus seguidores e como os comlistas encararam as instituições e homens do regimen imperial. Temos de ver como as idéias e os homens que as representavam se defrontaram.

No domínio das idéias, no "mundo noumenal" temos dois inimigos face a face. O Positivismo, sendo uma filosofia dotada de um vasto programa de ação, tinha, naturalmente, a sua concepção política. Aliás, a "Politica Positive" de Comte era o conjunto da parte normativa da obra do filósofo: sociologia, moral, religião, política, etc. Ora, Comte, pessoalmente, era republicano. Mas, republicano ditatorial. Uma espécie de De Maistre sem Deus nem Rei. E indiscutível que A. Comte tinha o "senso grave da ordem". Mas, desde cedo abandonando a fé de seus pais, essa ordem teria de ter um principio puramente humano. Ele era "direitista" por temperamento. Mas as idéias revolucionárias do século XVIII combinaram-se com este temperamento dando o lema "ordem e progresso"...

Os positivistas brasileiros, porém, seguiam religiosamente as prescrições da "Politique Positive", como criam piamente no que ensinava a "Philosophie Positive". Ora, Comte determinava que a república fôsse o estado final da evolução política da humanidade. As monarquias se baseavam no "Direito Divino" e no feudalismo. Causas do "estado teológico", com a sua civilização feudal-guerreira. Seja, aliás, dito de pas-

sagem que A. Comte, (como a maioria de seus contemporâneos) não tinha a melhor noção do que era verdadeiramente o Direito Divino. Só conheciam a sua interpretação absolutista post-Bossuet. De modo que ele combatia um fantasma e não a verdadeira concepção tradicional de monarquia cristã, e o que Sto. Tomaz chamava "Direito Divino". Aliás, Comte andou matando muito fantasma criado por ele mesmo, ou por outrem.

Se a monarquia era a forma de governo própria do estado teológico, o parlamentarismo liberal-democrático caracterizava o estado metalístico. Agora, o estado positivo "pacífico-industrial", deveria ser republicano e "tecnocrata".

Como se pode verificar, Augusto Comte distribuiu, ao longo da história as 3 formas de governo da classificação aristotélico-tomista. Isto me faz lembrar um fato interessantíssimo. Andaram por aí comparando Comte a Aristóteles. Realmente, tem certos pontos de contacto. A classificação das 3 formas de governo do Estagirita foi reproduzida imperfeitamente por Comte.

A doutrina dos três graus de abstração, da mesma forma, exposta pela marcha do conhecimento ao longo da evolução humana, seguindo a lei dos 3 estados. A famosa lei de Comte é na parte relativa às ordens de governo e graus do conhecimento, reprodução das teorias de Aristóteles sobre estas questões. Na realidade, a única diferença essencial é que na concepção peripatética estava situado em planos lógicos diferentes o que no positivismo se achava ao longo do tempo. Para Aristóteles, um mesmo homem pode possuir ao mesmo tempo os três graus de conhecimento, passagem de um para o outro se dando naturalmente pelo exercício da razão. Para Comte, não. A teologia, a metafísica e a ciência são inimigos. E, à medida que vão dominando a razão, destroem a anterior. É o tempo que passa devorando tudo. É indispensável ter-se em conta que esta não é a única diferença entre as 2 concepções: a análise de Aristóteles, completada pela filosofia escolástica é muito mais penetrante do que a de Comte.

Uma primeira interpretação para esta diversidade de posição, nos é fornecida por Spengler. Segundo ele, os gregos não tinham noção precisa do tempo (veja "La Decadência de Occidente", I volume, passim). Aristóteles, como bom heleno seria incapaz de situar no tempo os seus planos de abstração e formas de governo, numa relação de causalidade, e segundo uma linha de evolução. Comte, dominado pelo sentimento da continuidade histórica, de importância essencial no mundo moderno, teria completado a obra de Aristóteles.

Em compensação, Aristóteles, com a sua magnífica agudez do espírito e poder de abstração, situava em planos lógicos diversos as formas de governo e graus de abstração. Realmente, as teses de Aristóteles sobre graus de conhecimento e sobre formas de governo, exigem força abstrativa bem maior do que a lei dos três estados. É muito mais fácil admitir-se que a monarquia, aristocracia e república se sucedem no tempo, do que considerá-las em abstrato, indiferentes às condições locais. No entanto, seria uma falha do filósofo de Estagira o seu desconhecimento do conceito de evolução, ignorância provida da ausência da noção de tempo na Hélade, como queria Spengler. Assim, fica havendo uma espécie de empate no cotejo Aristóteles-Comte.

Mas, as cousas na minha opinião, podem ser interpretadas de modo diferente. Dizer-se com Spengler que os gregos antigos não possuíam a noção do tempo, creio ser afirmação sobre-modo exagerada. É bastante a recordação do nome de Heráclito. Neste filósofo já se achavam os germens das filosofias de Hegel e de Bergson. Então o precursor do filósofo da "evolution créatrice", da "durée", como sendo a dimensão da vida espiritual, não conhecia o tempo como nós outros? Que cousa não é o "fieri", senão o tempo como fundamento de uma interpretação do universo? Além disso, todos os filósofos gregos estudaram o tempo e os seus conceitos não estão em desacôrdo com as nossas categorias.

Aristóteles, que é o pensador que nos interessa presentemente, estudou o pensar grego que lhe antecedeu. E *criticou a concepção fundamental de Heráclito*. Para o Estagirita, o "fieri", na sua marcha evolutiva perene, destruía a essência do ser. E, a doutrina peripatética do movimento (potência e ato), foi uma saída ao impasse Heráclito-Parmenides. Com a sua crítica ao "fieri" de Heráclito, Aristóteles refutava as bases de todos evolucionismos futuros. A diferença entre Augusto Comte e Aristóteles está em que Aristóteles conseguiu dominar e ultrapassar o tempo e Comte foi um homem de sua época, subjugado pelo tempo metafísico e pelo seu próprio tempo com todos os seus prejuízos e modas. Isto é natural, pois, Comte viveu em época muito agitada, quando sistemas velhos de séculos vinham abaixo estrepitosamente. E, é bom que se diga, ele conheceu muitas formas culturais em épocas de decadência, e de morte, não nas podendo conhecer e avaliar senão muito imperfeitamente.

Por estes e outros motivos, principalmente porque as idéias de progresso constante da humanidade eram geralmente aceitas em seu tempo, Comte concluiu que as formas de governo como

as formas culturais se sucedem no tempo segundo uma relação de causalidade — uma evolução.

Este ponto-de-vista que não era original dele (a lei dos três estados foi apenas a sua interpretação da tese do progresso indefinido), mas comum na época: Hegel, Spencer, Marx, Darwin, Haeckel, seguindo aos enciclopedistas e um sem número de pensadores com maior ou menor êxito desenvolveram o princípio que a humanidade tende a uma "idade de ouro", situada no futuro. O que equivale a uma interpretação otimista da história, contrastando com as interpretações antigas, mais ou menos aparentemente pessimistas. Aparentemente, apenas. Porque, os ideais de vida a que se referem a maioria dessas concepções otimistas da história, se referem a uns paraísos inteiramente "pequenos burgueses"... Entretanto, a Grande Guerra veio mostrar ao mundo, que o Homem não passava de um bruto, mais ou menos domesticável. E que uma civilização artificial que não tomasse em conta a verdadeira natureza do homem, nada mais lhe daria que uma "casquinha" de polidez. O homem não é tão altruista como queria Comte. E a história em lugar de levar a humanidade aos paraísos terrenos, pode por obra das paixões humanas, desembocar num inferno. O certo é que a Grande Guerra fez mudar o ritmo da história. E a partir de Spengler começaram aparecer as teses contra o otimismo beato do "estúpido século XIX". Dizia Schopenhauer e com muita razão, que o pessimismo bem entendido é necessário, pois, mostrando onde está o mal pode permitir a realização do bem. E, hoje, todos são forçados a reconhecer que as formas culturais e as formas do governo do passado podem voltar, naturalmente que, animando matéria nova. É pena que elas nem sempre voltem em função do seu valor de verdade e sim de seu valor de ação. Afinal de contas, temos que achar o "eterno retorno" de Nietzsche e de Vico mais de acordo com a realidade histórica que as diversas leis de três estados que têm aparecido nestes últimos séculos. E que ninguém nos venha com leis sociais rigorosas como leis científicas, que, aliás, são por sua vez, contingentes segundo a tese do grande e desprezado Boulroux.

Mas, como era natural, os nossos positivistas não pensavam isto e seguiam "mol a mol" a doutrina de Comte. E, portanto eram republicanos e, se não eram anti-clericais — não eram católicos. Professavam a Religião da Humanidade, que tinha dogmática e liturgia próprias, sendo uma religião definida e acho bom não a confundir com possíveis religiões da humanidade de filantropos e outros tais. * Ora, naquele tempo o Brasil possuía religião de estado. O Imperador no juramento da coroação prometia defender a Religião Católica. Assim, os

membros do Apostolado Positivista no Brasil eram duplamente subversivos: atacavam o regimen político e a religião oficial.

Mas, bons comtistas que eram, não empregavam meios violentos e esperavam pacientemente que se cumprissem os tempos e as leis e as profecias de seu mestre fôsem realizadas. Combatiam o Império por motivos teóricos e mantinham a discussão neste plano. Os defensores do regimen imperial também, não emprestavam a força pública para combater o nascente Apostolado. Mesmo não lhe apresentando quase reações teóricas.

Assim, as primeiras manifestações do comtismo entre nós, se deram à sombra do poder imperial — foram defesas de teses em concursos públicos, muitos com a presença do Imperador. O que vem mostrar mais uma vez a tolerância incontestável de D. Pedro II. A atitude do monarca para com os positivistas é uma resposta formal às acusações que lhe fizeram estes. Haja vista o caso de Miguel Lemos. Tendo sido aprovado num concurso para a Biblioteca Nacional, sua nomeação foi impugnada. O Imperador não discutiu e nomeou ao jóven apóstolo, independentemente de suas idéias. As preterições de Benjamin Constant nunca tiveram motivos doutrínarios. E, segundo afirma Alberto Rangel, o futuro "Fundador da República", sempre encontrou no soberano um defensor. E, assim por diante. A benevolência paternal de D. Pedro II cobria, também, os discípulos de Comte. Causa muito natural, pois, papel impresso (e gente que nisto trabalhava) era "tabú" para o Imperador. Restos da notável educação que lhe deram o Marquês de Itanhaen e o "padre-mestre", frei Pedro de Santa Mariana, nos longos dias da preparação do infante imperial na austera calma de São Cristóvão.

Mas, se os comtistas não pregavam a revolução nunca entenderam todavia o Imperador. Atacaram-no ferozmente, antes e depois de 15 de novembro. Não lhe reconhecendo as qualidades de estadista e de homem particular. Declararam falsos todos os elogios que lhe foram feitos. Aceitaram todos as acusações de seus inimigos. Miguel Lemos em suas circulares anuais, Teixeira Mendes, no "Esbôço biográfico de Benjamin Constant", na resposta ao Manifesto do Príncipe D. Luiz de Orleans-Bragança — veiculam estas opiniões dos positivistas contra o monarca. Sendo o estudo das relações entre os positivistas e a pessoa do soberano e vice-versa, tema diferente da apreciação da atitude dos positivistas brasileiros em face do regimen, já fiz sobre isto estudo aparte.

E as duas concepções? Como se entendem mutuamente?

Raimundo Teixeira Mendes, escreveu um ensaio muito completo sobre este tema. Ai sintetizou toda a obra de A. Comte sobre esta questão, assim, como tudo o que fizeram neste sector os positivistas do Brasil. É a brochura "O Império Brasileiro e a República Brasileira perante a Regeneração social", Rio 1913, edição do Apostolado Positivista do Brasil. — Este ensaio foi escrito em resposta ao "Manifesto" de S. A. I. o Príncipe D. Luiz de Orleans-Bragança, filho de D. Isabel a Regentora e, então, pretendente ao trono imperial do Brasil. O manifesto do ilustre representante da casa de Bragança teve grande repercussão no Brasil, mercê de suas críticas severíssimas ao regimen republicano, considerado intangível nos seus moldes de então — os da Constituição de 1891.

Teixeira Mendes, no seu comentário a este importante documento critica o Império em primeiro lugar "sub especies eternitatis" — filosoficamente e depois — como realidade histórica e social. Em seus antecedentes lógicos, e em suas consequências práticas. Estática e depois dinamicamente.

A parte teórica da critica foi muito simples. Já estava feita na obra de Comte. Pois, de acôrdo com a lei dos três estados, as repúblicas sucederiam aos reinos. O Império Brasileiro era uma obra de transição, com *ficções* do estado teológico — direito divino, religião de estado, etc.; e umas tintas de metafísica democrática. É claro que a nossa história foi estudada e interpretada por Teixeira Mendes exclusivamente segundo a lei comteana. Critica apriorística no mais alto grau, naturalmente... Assim, diz T. Mendes; "a fase imperial — ... correspondeu na realidade, à inauguração do regimen republicano" (op. cit. pg. 17). Isto afirma, não porque o inferisse dos fatos históricos uma evolução da Independência à República, como sentido principal de nossa História, hipótese corrente até hoje. Não. Deduziu da lei dos três estados, que, sendo o regimen *republicano-pacífico-científico e industrial* o estágio definitivo da evolução da humanidade — tudo, *necessariamente* tenderá a elle. Assim sendo, o que contrariasse esta evolução — a reação conservadora da Maioridade, a Coligação, por exemplo — seria anti-natural e accidental.

Entretanto, já se interpreta diferentemente a história do Brasil, como tendo um sentido nitidamente imperial, e sendo o catolicismo a "ratio brasilitatis", e a república, o liberalismo, o positivismo (em certos aspectos), etc., desvios à nossa evolução natural. Para esta corrente, a linha de fuga à autoridade e à ordem realizada pela marcha Inconfidência-Independência-Abolição-República, foi um desvio semelhante ao operado pelos três "rr", Renascença-Reforma-Revolução. Houve mesmo

um autor que dividiu a nossa história em: antes de D. Pedro II e depois de D. Pedro II. Têm sido representantes mais ou menos acentuados destas correntes "direitistas" da História do Brasil, entre outros, Eduardo Prado, Afonso Arinos, Afonso Celso e outros nos primeiros tempos da República, o já citado D. Luiz de Orleans-Bragança, Jackson de Figueiredo, e hoje, Arlindo Veiga dos Santos, Sebastião Pagano, Manoel Lubambo, Helio Viana, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Pedro Calmon, Oliveira Viana, e muitos mais. Uns salientando certos fatores e os demais outros. São muitas as correntes, diferentes as suas interpretações, a-pesar-de possuírem pontos-de-vista comuns e semelhantes. Mas, estão, tôdas estas correntes, em posição aposta ao positivismo, e sua interpretação da História do Brasil. Para Teixeira Mendes, entretanto, todos os elementos que contribuíram para êsses autores inferirem as suas diversas concepções históricas são meramente acidentais. O essencial é a evolução Independência-Abolição-República (geralmente admitida por influência do positivismo) e, oficializada pela República, muito logicamente. Trata-se, de uma série de fatos interpretáveis segundo a lei dos três estados, logo, verdadeira. As correntes, digamos, direitistas, diriam ser uma evolução mais aparente que real. A Independência do Brasil, por exemplo, tomou a forma Imperial, o que contrasta com o que fizeram as demais nações do continente. Como êstes muitos fatos vêm a favor da tese que diz ser a república, o liberalismo à Rousseau, etc., plantas exóticas em nosso país. Entretanto, outros, tratam o regimen republicano como *realidade do fato* e, sem considerá-lo estágio supremo da nossa evolução política, aceitam e procuram modificá-lo na sua estrutura. Afinal de contas, uma porção de teses diferentes, mas tôdas essencialmente "a posteriori". Interpretando as nossas realidades, segundo um critério experimental — positivo, portanto. E tôdas, perfeitamente provisórias, pois, a nossa História está por ser escrita.

Ora, Teixeira Mendes fez obra de dogmático e interpretou a nossa história, não de acôrdo com ela, mas ajeitando aos moldes da "Politique Positive" os fatos e fatores da história do Brasil. A "Constituição" elaborada por Lemos e T. Mendes ("Bases para uma constituição política, ditatorial, federativa para a República Brasileira"), é uma réplica positivista à "Politique d'après la Sainte Escripture", de Bossuet. E, do mesmo jeito que o grande bispo fez obra inconciente de protestante (adaptou ao Catolicismo a teoria do "Leviathan" de Hobbes) a Constituição positivista dos nossos "Apóstolos" é a cousa menos positiva do mundo. É a grande antinomia entre positi-

vo e positivista. Confundem os métodos sistematizados por Comte com os resultados por ele obtidos na aplicação desses métodos. "A letra mata, o espírito vivifica" — ... E, ciência positiva é ciência experimental. É ciência indutiva. E a indução, como o conhecimento indutivo é coisa inteiramente definida desde Aristóteles, completado por lorde Bacon. Agora deduzir uma constituição da Bíblia ou da "Politique Positive", é trabalho de dedução e de dogmatismo. Não tem nada de experimental. E a Política deve ser experimental, como dizia De Maistre.

Mas, para Teixeira Mendes, o critério da verdade era a obra de Comte, ("Antes arrancar os olhos que negar a "Física" de Aristóteles"). Dêsse ponto-de-vista, é para ele essencial na história do Brasil o que fôr realização das teses comteanas. O resto é accidental. Mesmo a nossa origem católica. Comte reconhece grande valor histórico (e só histórico) ao catolicismo. Assim, todo o nosso passado cristão nada mais foi do que o prolongamento até nós do Estado Teológico. Como já disse acima, esta interpretação é hoje muito posta em dúvida e discutida. Esboçam-se novas concepções da história do Brasil, ainda não definidas, pois, são movimentos novos e somente há pouco tempo se vem processando a revisão de nossos conhecimentos históricos. Somente com base positiva se pode interpretar a história...

Com esse critério apriorístico os positivistas brasileiros, sintetizados os seus pontos-de-vista na citada brochura de T. Mendes, não deram a mínima importância às notáveis instituições criadas pelo regime imperial no Brasil. O que fôsse passagem para o *regimen-pacífico-científico-industrial* era coisa valiosa. O resto, remanescentes ócos de estádios atrasados ou, então, resultados de empirismo grosseiro. O Poder Moderador, o Conselho de Estado, o Senado Vitalício e outras criações mais ou menos originais da Constituição Imperial, e que serviços inestimáveis prestaram ao Brasil, não mereceram nunca dos positivistas o menor comentário, mesmo contrário. O Parlamentarismo à moda Inglesa, este, recebeu boas descomposturas. Em primeiro lugar, Comte era anti-parlamentarista. E, depois, era imitação, ou adaptação inteligente, (quem sabe?) de costumes ingleses, em lugar de ser "a verdadeira política deduzida das leis certas e indiscutíveis de Comte. Interessante é que, se os organizadores do Império imitaram alguém, imitaram aos ingleses, que faziam da política uma ciência (aliás uma arte) experimental. Muito empírica, está claro. A política é arte, de geral só tem os princípios morais. E, os nossos estadistas da Independência olharam as experiências alheias

e aplicaram os seus resultados ao nosso caso. Não nego que este método seja muito inconveniente. As circunstâncias sendo diferentes, diversos serão os resultados de processos transplantedos de um clima a outro. Mas, era o melhor que poderiam eles fazer, a falta de experiência própria. E, estavam fazendo mais política positiva do que todos os positivistas que até hoje escreveram sobre sociologia no Brasil. Nunca, aliás, foi tão grande a antinomia entre o Positivismo e a ciência positiva como entre nós. Muitos sociólogos de inspiração comtista fizeram obra positiva — Levy Bruhl, por exemplo. Mas, os nossos...

A crítica de T. Mendes aos fundamentos teóricos do regimen imperial pode ser resumida em poucas palavras.

Segundo A. Comte, ele considerava as monarquias como de "Direito Divino", na concepção post-Bossuet. (Ao que me parece, os positivistas nunca ouviram falar na obra política de Sto. Tomaz, assim como nos trabalhos de Suarez e Belarmino.) Por isto, negou o valor abstrato do regimen.

Está fora de dúvida que as bases teóricas do Império brasileiro e sua estrutura política seriam riscadas pelos positivistas, mercê de seu critério de verdade. E, na prática, estas instituições fariam resolvido a contento os problemas que lhes apresentou o destino?

O Apostolado Positivista no Brasil, pela totalidade de seus membros responde com um "NÃO".

Ora, segundo Teixeira Mendes, na sua citada resposta ao manifesto do Príncipe D. Luiz de Orleans, o Império fracassou na prática. As suas realizações não corresponderam à expectativa. Não obedeceu a monarquia aos imperativos de seu destino. Isto para Teixeira Mendes e seus correligionários, é claro. Mas, para que o Império Brasileiro merecesse a aprovação histórica do Apostolado Positivista no Brasil era necessário correspondesse ao "sublime programa de contribuir para a completa organização do regimen pacífico industrial" (estado positivo). Contribuindo para a realização das doutrinas comtistas, teria cumprido o seu destino. Em caso contrário, não.

E, ao que parece, a dinastia de Bragança, não soube realizar este destino. Ao menos, é o que diz Mendes na sua obra citada. Em favor desta tese expõe uma série de 8 itens, constituindo o programa a ser seguido pelo Império para merecer a aprovação póstuma do Positivismo. (pg. 17).

São os seguintes os quesitos do arresto:

- 1.º Abolição da escravidão africana; 2.º) Proteção aos selvícolas; 3.º) Separação entre os poderes espiritual e temporal; 4.º) Manter a liberdade industrial; 5.º) Regimen Federativo; 6.º) "Preparar lealmente a eliminação da *ficção dinástica*"

(!!!); 7.º) "Sistematização puramente humana da Família, pela Pátria, mantendo segundo as tradições latinas a monogamia indissolúvel, rejeitada a retrogradação protestante do divórcio; 8.º) Pacifismo absoluto em política exterior.

O Império Brasileiro seguiu este programa? Se tal fizesse estaria reabilitado pela posteridade positivista. E, Teixeira Mendes discutiu ponto por ponto este programa e compara-o com a obra do Império. Em geral conclue pela condenação do regimen depositado a 15 de novembro de 1889.

Para começar cito o 6.º quesito — eliminação da monarquia. Ora, é evidente que ninguém se suicida conscientemente... A menos que tenha razões muito fortes para isto. E o Império ia até muito bem. A-pesar-de certas falhas, de seus aspectos negativos e contraditórios, a monarquia levava o Brasil em paz e com ordem na senda do progresso. Não havia, pois, motivo para que os naturais defensores do regimen operassem uma substituição de formas de governo. É uma coisa que entra pelos olhos. Esta sugestão dos positivistas a D. Pedro II para que proclamasse a república foi uma das coisas mais ridículas dos nossos positivistas. Um mínimo de bom senso teria evitado uma "gaffe" tão grande. É a nota cômica da história do Positivismo no Brasil...

Vamos escutar cuidadosamente a T. Mendes e a sua acusação ao Império.

Com relação ao 1.º ponto do "sublime programa", diz Mendes que a monarquia falhou ao seu destino, não tendo realizado a Abolição mais cedo. Ora, o estudo posterior do problema da escravidão, consequências práticas da Abolição e da atitude do governo Imperial no caso em aprêço, respondeu a todas as acusações que os republicanos fizeram a D. Pedro II, sobre isto. — "A Justiça de Deus na voz da História"... Portanto, não preciso responder às acusações que T. Mendes expôs no folheto em estudo. Não passa toda esta calilnária de repetição do que escreveu no seu "Benjamim Constant", na "Pátria Brasileira" e do que disse Miguel Lemos em muitas circulares. A quem quiser estudar melhor o problema, indico os multiplisimos trabalhos sobre o segundo Império publicados nestes últimos tempos. Ai a questão é suficientemente estudada. É a figura do Imperador reabilitada.

Quanto à civilização dos indios (2.º quesito), o Império não tem tanta culpa como querem os positivistas. Em primeiro lugar, o abandono em que se achavam os indios era velho. Data do tempo em que Sebastião José de Carvalho, Marquês de Pombal ("o esclarecido ministro de D. José", no dizer de Teixeira Mendes — "o imortal") expulsou os jesuitas. Sem

os seus protetores e mestres naturais, os pobres dos índios ficaram entregues ao léo da sorte. Mas, a obra do Império, não foi nem nula nem nefasta. No tempo do 1.º reinado, temos Guido Tomaz Marliere, protegendo e aldeando os índios do rio Doce, em Minas. No segundo reinado a obra magnífica do grande Couto de Magalhães, o homem que compreendeu melhor os índios brasileiros. Logo, a coisa não era tão "preta", como dizem os positivistas.

Em seguida, o autor ataca o ponto mais fraco, o da organização imperial — o regalismo absolutista, herança do Marquês de Pombal, tão adorado pelos positivistas. Inegavelmente que o regimen de relações entre a Igreja e o Estado estabelecido na Constituição do Império, era nocivo à Igreja que ficava amarrada ao carro do Estado. E, pelos efeitos morais e sociais deste estado de cousas, afecta, êle também a segurança do estado. Temos dois exemplos de como êste regimen chegou a tomar proporções desastrosas, ou quase: na Questão Religiosa levantada por Feijó, que pretendia separar a igreja brasileira da Sé de Roma, e a luta entre D. Vital e a maçonaria, com as consequências que todo o mundo conhece. Afinal, já disse, foi êste o ponto mais fraco da organização do Império.

Mas, logo depois (4.º quesito) vem uma defesa. T. Mendes honestamente reconhece ter o Império mantido a liberdade industrial. A única ressalva é o privilégio da Misericórdia. Mas isto é uma coisa mais complicada do que parece e vem desde o tempo de Anchileta.

Podem dizer que sou espirito de contradição, mas tenho para mim que êste *elogio*, parlando de um comtista é quase critica. Liberdade industrial para Comte, consiste na abolição dos diplomas académicos, das regulamentações do trabalho, etc. Um "Laisser aller, laisser faire" louco. Ora, nós estamos numa época do socialismo, de estatismo...

A outra critica se refere "à manutenção das liberdades locais mediante a instituição do regimen federativo" (item 5). Mas, se a primeira preocupação do Império foi salvar a unidade nacional. Federação naquele tempo seria secessão. Mesmo estabelecida em 89 não deixou de ser prematura. O espectro do separatismo várias vezes ameaçou o nosso país. E uma das mais belas obras do Império, foi sem dúvida, o Brasil unido do Amazonas ao Prata. E, quanto ao respeito às liberdades locais, o Império vinha realizando, desde a Regência, uma obra segura e progressiva, no sentido de alargar estas liberdades. E claro que aos homens do Império, como aliás aos da República, não agradava a existência de *Pátrias Brasileiras* e sim da **PÁTRIA BRASILEIRA**. Porque T. Mendes achava o separatis-

mo o termo natural de nossa evolução... Que Deus nos livre do estado positivo nestas condições. E, como o Príncipe D. Luiz atacasse no seu "Manifesto" a transformação do regimen federativo nas célebres oligarquias estaduais, que compara ao feudalismo, "indigno de nossa civilização", sai o Vice-diretor do Apostolado Positivista no Brasil e toma a defesa do feudalismo. E acaba dizendo ter o Príncipe insultado o feudalismo, comparando-o à Federação brasileira... Tipo da atrapalhada louca esta — o neto do Imperador, atacando a deturpação do federalismo pelos políticos republicanos, compara-o com o feudalismo. E um positivista defende o regimen feudal da acusação de se parecer com a República Brasileira...

É que D. Luiz de Orleans-Bragança conhecia a história e sabia que os seus antepassados, tanto em França como em Portugal — sempre lutaram contra os senhores feudais pela unidade nacional.

Naturalmente que no quesito 7.º, só teríamos que combater o regalismo, (é claro que não achamos que o ensino e as atividades científicas sejam atribuições exclusivas do poder espiritual). Afinal, ao menos em teoria já foi dita a última palavra sobre a questão: "Dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus"...

Teixeira Mendes termina as suas acusações ao Império Brasileiro, condenando a politica externa da monarquia. Aliás, no seu "Esboço biográfico de Benjamin Constant", ele já desenvolve longamente esta tese de nossa culpabilidade em tôdas as guerras em que tomamos parte, principalmente na do Paraguai. Para os comtistas, o Brasil sempre foi um tirano para os seus vizinhos. Trata-se de uma tese impatriótica, injusta e falsa. Toda a nossa história prova o contrário.

Como vimos, para Teixeira Mendes — e com ele a quase totalidade dos positivistas brasileiros — o Império foi um fracasso por não ter realizado o programa traçado pelo Apostolado Positivista. Se os estadistas daquela época fôsem verdadeiramente grandes deveriam ter "compreendido o sentido da evolução do mundo para o estado positivo". Mas, tal não se deu. E, independentemente de programas a serem delineados em épocas mais ou menos remotamente futuras por possíveis e vindouros comtistas, é preciso reconhecer a grande obra do Império, esta vasta organização politica da nação, "cuja experiência por tantas décadas vira o Brasil marchar acionado por êsse aparelho de estabilidade e desenvolvimento", como tão bem frisou Alberto Rangel (op. cit. pg. 393).

Afinal, se reduzem a pó tôdas as acusações do Apostolado Positivista no Brasil à obra do Império. Pode-se dizer que do requisitório de Teixeira Mendes só continuam sem resposta os ataques a erros do Império resultantes do regalismo e do padroado, originários, contudo de Pombal e de seu "iluminismo".

JOÃO CAMILO DE OLÍVEIRA TORRES

A intransigência das idolatrias

*N*ÃO neguemos os méritos do poeta; reconhecemos-lhe, porém, as fraquezas inevitáveis a qualquer artista. E se a penumbra, por vezes, nos parece demasiadamente espessa, lembremo-nos de que o mal está em nós, em nossos olhos, por se houverem acostumado ao brilho intenso e não suportarem, sem estranheza, opacidades que o empanem. Em artistas menores toleramos bem mais fortes imperfeições, achando, sempre, meios e argumentos para diminuí-las ou atenuá-las. Em Bilac, não. Queremô-lo sempre nítido, cristalino, firme. E quando se empastia, ou se embaça, ou esmorece, o desencanto repercute desmesuradamente ampliado em nossa sensibilidade afeita à perfeição. É a intransigência das idolatrias, que nos leva a perdoar defeitos graves às mulheres desconhecidas e a ser intolerantes com as faltas venais das que prezamos e estimamos.

Mas ainda aí, nessa intolerância egoísta, a meditação corrigirá rigores de julgamento. Que, não sendo nem o mais imprevisto, nem o mais empolgante, nem o mais colorido de nossos poetas, Bilac foi, por sem dúvida, o mais equilibrado, o mais regular.

M E L O N O B R E G A

II - PARTE



Farias Brito

FARIAS BRITO exprime, de um modo impressionante, a fase mais angustiosa do pensamento humano ao alvorecer do século XX.

A sua obra, em conjunto, dá-nos a impressão de um navegante em alto mar tempestuoso, ao verificar que todas as cartas de roteiro estão inçadas de emendas, de rasuras, de alterações aflitivas, incapazes, portanto, de oferecer o caminho seguro à direção do barco.

Já não era o contraste dos sistemas filosóficos, o entrelheque das idéias e a discussão das escolas. Era, assinalando o fim do século XIX e o começo do presente, a própria crise de todas as filosofias.

A ciência progredira demasiada e rapidamente, avançando pelo campo do conhecimento. Vastas áreas que pertenciam antes aos domínios das elocubrações filosóficas, eram arrancadas e anexadas definitivamente à soberania do experimentalismo científico. O avanço da astronomia num extremo e da química no outro; o desenvolvimento da física e da história natural; e, principalmente, as conquistas no campo da biologia e da antropologia, — reduziam, cada vez mais, a extensão do território filosófico.

Cercada por todos os lados, como um "iceberg" em degelo, a filosofia, ela mesma, proclamava-se vencida através dos porta-vozes dos sistemas positivistas, submetendo-se completamente ao senhorio dos "conhecimentos exatos" oriundos das experiências incontestáveis. Essa capitulação efetiva-se, de um modo humilhante em face, principalmente, da fisiologia, de

cuja lei se tornavam simples corolários as conclusões da psicologia.

FARIAS BRITO surge nesse instante de crise; coloca-se nos imprecisos limites da ciência e do pensamento; e quando toda uma geração entra nos espasmos da dúvida, no desespero de uma época de transição de que Euclides da Cunha aponta duas expressões no prefácio às poesias de Vicente de Carvalho (a do desalento dissolvente e a do otimismo panteísta) a voz de Farias Brito se ergue, para afirmar o espírito.

Proclama o renascimento da filosofia do espírito. O mundo objetivo, tudo o que vemos em nós e fora de nós, todos os aspectos da natureza e todas as expressões da matéria, não passam, para FARIAS BRITO, de um espetáculo para a contemplação do Espírito e de um cenário onde o Espírito se agita.

E o espírito que elabora idéias, produz o pensamento, cria a ciência, interpreta o universo. Para FARIAS BRITO, "negar o espírito é negar-se e negar-se é dizer: eu sou e não sou". E afirma: "o espírito é o princípio dos princípios, a verdade das verdades, o fundamento de toda a realidade e a base de todo o conhecimento".

A obra de FARIAS BRITO não pôde deixar de ser conhecida pelos brasileiros. Ela marca o fim de um século e o começo de outro; assinala o término de uma concepção filosófica e o alvorecer de uma nova filosofia. Estabelece os limites entre o experimentalismo científico e aquela zona impenetrável às pesquisas de laboratório e só compreensível pela contemplação e interpretação do próprio espírito.

FARIAS BRITO não foi apenas o maior pensador e filósofo brasileiro; foi o maior das duas Américas e um dos mais destacados vultos do seu tempo.

Conhece-lo é dar o primeiro passo para uma nova vida, um novo mundo, um novo poder de compreensão do panorama grandioso do Universo e de todos os seus misteriosos aspectos.

Linio Salgado

Livros brasileiros

Considerações sôbre a critica

QUANDO se procura conceituar a critica, subordinando-a aos trabalhos de arte, surge um problema amplo, relacionado com todos os mundos da intelligência. E a própria intelligência que se expressa, definida em seus elementos constitutivos, plasmada em suas manifestações mais profundas. E os fundamentos que se consegue, as noções que se adquire, são quase inúteis para uma determinação rigorosa. Em verdade, ilimitada na sua realidade, possuindo dupla caracterização como qualquer realidade, a intelligência recusa apresentar-se e, nessa recusa, implica o maior problema, talvez o único possível entre as fronteiras da analítica estética.

Analítica estética, nós o dizemos, porque se trata do conceito de critica, e de um conceito de critica subordinado à arte. Vê-se, por aí, o esboço inicial do problema como sendo um esquema de bases distendidas entre a intelligência e a arte. A intelligência, sim, porque é mesmo ela quem absorve a natureza da critica, quem transforma a critica em *fenômeno de intelligência total*. Identifica-se à critica — diga-se de uma vez. Mas, se a critica é a própria intelligência, se a intelligência recusa uma determinação específica — como determinar a critica, como fazer para conceituá-la? E o problema se esclarece, muito lógico, nos seguintes termos:

— como a intelligência, também a critica não pode existir aprisionada em um conceito. E é partindo daqui, dessa ilimitação absoluta da critica, que chegamos a compreendê-la como *um attributo personalista* por excelencia. É o indice mais vivo, a afirmação mais convincente, da presença de um personalismo humano. E por que o é? Precisamente porque não se determina, existe ilimitadamente, e, como a pessoa, está *fundida numa realidade obscura*.

A crítica, pois, subordinada à arte, aceita como fenômeno de inteligência total, como atributo personalista, vem exhibir-se na matéria de uma realidade obscura. Essa realidade, assim conhecida, e possuída naturalmente de dupla caracterização, não pode ser desprezada antes de um exame minucioso, um conhecimento mais ou menos completo. E o que, antes de mais nada, tentaremos fazer.

1.º

Deveríamos começar por definir a realidade, medir-lhe os seus dois elementos formadores. Biparte-se — logo no primeiro impulso da pesquisa — em dois planos evidentes: um, ligado ao efêmero, ao terrestre, objeto de morte como corpo criado; outro, associado a um destino eterno, permanente na própria vida. Enraizada nessas linhas, oscilando entre êsses elementos, a realidade teria que recrutar necessariamente o ser humano. A criatura humana, historicamente estudada, ontologicamente vista, surge na realidade como uma parte de formação. Ela manifesta, em verdade, o destino eterno da realidade.

Compreendido isso — *que o destino eterno da realidade é assegurado pela presença do homem*, — já se torna possível descrever esse homem, pesar o seu extraordinário valor no conjunto das coisas, e apontar a causa que o coloca aí, nesse lugar de plenitude e superioridade. E essa causa, essa força de valorização, outra coisa não é senão a pessoa, essa pessoa que definimos *como sendo a inteligência sacrificada à alma* (1.º). Mas, porque sacrificar a inteligência, desmoralizá-la perante a alma, para justificar a pessoa? É uma nova pergunta que se responde relacionando, em um mesmo ponto, a inteligência e a alma.

E o ponto escolhido é precisamente a eternidade, aquele sentido eterno que apontamos na realidade. Ora, se a alma é quem alimenta essa eternidade, é quem nos dirige para um fim divino, a ela, portanto, está entregue o destino de todas as realizações da criatura. A ela, na verdade, e não à inteligência. Com isso, demonstrando a insuficiência da inteligência em face da alma, queremos esclarecer ainda mais a impossibilidade de separar-se uma da outra. *Separar a inteligência da alma será separar a arte da eternidade*. Sim, porque a arte vem da inteligência, e como garantir-lhe eternidade, como so-

(1.º) — ... e não, como geralmente se pensa, uma inteligência inteiramente liberta; o homem totalmente abandonado à própria inteligência...

brepô-la ao tempo, se não encontra uma base na alma? Agora, poderemos concluir o seguinte: *a inteligência, para assegurar a eternidade da arte, não pode prescindir da alma*. E não prescinde, em verdade. Associa-se a ela, deixa-se absorver, submete-se de tal forma que a ela quase se confunde.

Conhecido esse quadro, exposto em suas menores particularidades, resta-nos resumi-lo para maior compreensão, e melhor ordem do estudo que tentamos realizar. Vejamos:

— é na pessoa humana que a realidade encontra o seu destino eterno; nessa pessoa, o destino eterno se situa na alma. E porque é assim, porque a alma é o índice de eternidade, é que a inteligência a ela se associa quando executa arte. A inteligência, desse modo, buscando eternidade para a arte, unindo-se à alma, *define-se como um atributo personalista*. No entanto, através de que corpo, através de que objeto a inteligência projeta esse personalismo? A resposta é uma: a inteligência projeta o personalismo *através da crítica*.

Eis aí uma grande verdade. Verdade que justifica o trabalho de crítica como um puro trabalho de arte, como um trabalho também de natureza eterna. Assim, favorecida pela inteligência, com responsabilidade de revelação da pessoa no ser humano, e porque também está ligada à eternidade, a crítica se apresenta com duas funções essenciais:

- a) — distinguir os trabalhos de inteligência pura (ligados à alma);
- b) — distinguir os trabalhos só de inteligência (desligados da alma).

Estruturada sobre essas funções, entrosada nessas leis, a crítica interpretará o trabalho criado pelo ser. Apontará sua presença sob uma realidade determinada. Classificará existencialmente o seu destino como destino de eternidade ou destino de morte. E elucidará, finalmente, o trabalho criado, organizando uma hierarquia de valores eternos.

2.º

Uma hierarquia de valores eternos — eis o alicerce em que se baseia a própria consciência da crítica. Dir-se-ia, quando se corresse os olhos sobre o panorama da crítica universal, trabalharmos num espaço subjetivo, de evidente fuga ao possível. Não o dizemos em contrário. Na verdade, intencionalmente, pesando mesmo as palavras, foi que abandonamos o possível

— e como não abandoná-lo, como não ir além, se movíamos com um fenómeno indeterminado? Essa indeterminação da crítica, herdada da inteligência, da alma, da pessoa, provocando êsse movimento de idéias, trouxe-nos a conclusão necessária:

— ou a crítica organiza uma tabela de valores eternos, sistematizando tôda a arte, orientando-a para uma infinita duração sôbre o tempo, ou também ela se fará negação da arte, *destruirá na arte a sua essência divina*.

E com interêsse que chamamos a atenção para êsse ponto. E com mais acentuado interêsse ainda porque na arte, nos seus elementos mais acanhados e nos seus planos mais sérios, o que vale precisamente é essa incorporação à essência divina. É essa quase co-existência com o divino, essa implantação do divino nos seus nervos. E por que essa necessidade do divino como medida eterna para os trabalhos de arte? Bastaria mencionar a primeira origem da arte, *focalizá-la como uma resultante da alma*, para que se esclarecêsse tudo. Nascendo da alma, dessa alma que é uma em cada criatura, é que a arte se diviniza, é que realiza mesmo criação eterna. Divinizando-se assim — porque tôda criação eterna é teandricamente consentida —, possuída de semelhante tema, a arte só poderia viver, e vive realmente, uma vida pessoal.

Aprisionada dêsse modo à alma humana, dela extraindo a sua divindade, a arte viria revelar-se, à maneira da crítica, como uma ação de vida pessoal. Emergindo assim do último interior de nós mesmos, *precisando os caracteres de uma pessoa*, fácil será compreender, agora, as inúmeras exigências de que se reveste. Fato divinizado, força que imprime a eternidade humana no tempo, teria necessariamente que disciplinar leis, formular códigos, instituir uma ordem rigorosa e essencial.

E não podia ser de outro modo, e não podia mesmo deixar de ser assim. Em verdade, constituindo quase um estado de graça — desde que a graça sugere sempre os movimentos mais fundo da alma —, a arte havia de selecionar, entre os homens da terra, os capazes de executá-la. Sômente os de pureza extrema, os de consciência ferida pela angústia de uma solicitação, sômente êsses podem avançar o espirito sôbre a eternidade. Degradados que sejam, pusilânimes na existência comum, quando a missão aparece, e que a exigência se faz, mutilam-se, desfiguram-se, morrem passageiramente, mas a arte é composta, a alma se redime. E isso que acontece, essa redenção por intervalos, essa comunicação do “sang de son âme” (2.^o) ao trabalho feito, menos que um acontecimento extraordinário.

(2.^o) — Stanislas Fumet.

Adonias Filho

é tão somente a justa confirmação *de que a arte é uma para cada artista*. É uma para cada alma.

E se a arte é isso, é essa contribuição do homem para a eternidade, é essa ascensão da alma sobre o homem — *só existe arte onde existe alma, onde existe o divino que a alma encerra*. Não fôra inutilmente que se rasgara a carne do rosto, que se abrisse olhos na face humana. E se nos rasgara a carne, e se nos abrisse olhos na face, não foi *senão para que víssemos uma arte já criada*, e nela buscássemos uma inspiração, jamais um modelo. Escrevendo assim, queremos dizer, e queremos lembrar *que só uma beleza se faz divina*. Explicamo-nos:

— só a beleza criada pelo homem, a beleza realizada, que corresponde à deificação da criatura (3.^o), *só essa beleza se faz divina*. Sim, porque a beleza exterior, essa que vemos em todos os instantes, *essa é divina por origem*, nasceu divina como a mais pura criação de Deus. Supõe-se daí, evidentemente, uma representação de beleza que se pode qualificar exatamente em dois tipos: *um tipo subjetivo* (que nasce do homem e vai para Deus); *um tipo objetivo* (que nasce de Deus e vai para o homem).

Indispensável agora, já que chegamos a essa divisão, indispensável saber qual o tipo de beleza autêntico, representativo da arte como consequência da alma. Não valeria enumerar citações, organizar digressões inúteis. Basta-nos afirmar — fundamentando a afirmação na conclusão acima — que o tipo subjetivo de beleza é *esse tipo autêntico*. É tudo isso porque, como vimos, é ele quem nasce da alma, e é criado pelo homem, e expressa uma ação pessoal. Assim, caracterizado dessa maneira, *ele se identifica ao trabalho de inteligência pura*.

Mas, se o tipo subjetivo de beleza manifesta um trabalho de inteligência pura; o tipo objetivo, por outro lado, *reflete um trabalho só de inteligência*. De qualquer modo, porém, o que é certo, é a *necessidade da crítica* para classificá-los. Aqui, como se vê, como já acentuamos na primeira parte deste estudo, encontra a crítica a sua grande finalidade, o seu momento mais alto. E se a crítica tem por função determinar o sentido verdadeiro da arte, sondá-lo em presença do eterno, seria fatal a condenação sumária de toda atividade de extroversão, que tivesse garras no mundo exterior. Os trabalhos só de inteligência, tipos de beleza objetiva, *esses seriam riscados como negação mesma de arte*. No entanto, isso acon-

(3.^o) — Berdiaeff.

tece assim? E, já que não aconteça, como conciliar o julgamento da crítica? Como justificá-la em face da sua própria função?

Apresenta-se, provocado por essas perguntas, um novo aspecto da crítica.

3.º

Apresenta-se, em primeiro lugar, com uma resposta decisiva: só a arte trabalhada pela inteligência pura, plasmada sobre a beleza subjetiva, só essa arte é autêntica. E isso não também realizem arte. Realizam-na, é certo, mas sempre numa direção inferior, sem contar com possibilidades de duração sobre o tempo. Mas, por que também arte na beleza objetiva quando só a beleza subjetiva permite a criação de uma arte autêntica? Então, quando deparamos essa pergunta, é que compreendemos ainda existir alma, num grau primário, mas existir a-pesar-de tudo nos trabalhos *de interpretação do mundo exterior*.

Dizemos interpretação do mundo exterior e, sendo interpretação, é necessariamente um entendimento, uma compreensão de que também participa a alma. É a alma presente num plano evidentemente negativo. Ela, a alma, *compreende, sente, aceita uma beleza já criada* — mas não cria, não realiza beleza, como acontece na esfera subjetiva. A presença da alma, como se vê, é limitada. E apenas nesse caso, de interpretação da beleza originalmente criada — dessa beleza que, para Amiel, é um fenómeno de espiritualização da matéria —, apenas nesse caso, diremos, subsiste arte.

E partindo daqui, dessa necessidade da alma nas ações da inteligência humana, dessa presença da alma em maior ou menor plenitude — princípio que orienta todo este estudo — que chegamos a conhecer as funções da crítica. *Medindo essa presença da alma na arte, levantando uma hierarquia de valores eternos*, a crítica já pode descer à arte literária. E é mesmo a arte literária, essa que percebemos no mundo brasileiro, o que principalmente nos interessa. Não visamos, em absoluto, sistematizar elementos para uma inquirição completa. Seria demais exaustivo, e não seria mesmo possível sem uma análise retrospectiva, sem a direção de estruturas enormes, e particularidades cada vez mais complexas e difíceis.

Pensávamos escrever tudo isso, num esboço para um estudo demorado e mais amplo, buscando entre os críticos bra-

sileiros alguém que pudesse ilustrá-lo, quando recebemos o livro de Rosário Fusco.

Rosário Fusco — "VIDA LITERÁRIA"
— (SEP) Sociedade Editora Panorama — São Paulo — 1940.

Lendo-se esse livro, que condensa a nossa atividade literária durante um ano (1938), vendo-o nas suas discordâncias, verificamos o que a crítica brasileira tem feito até aqui. A não considerar um ou outro trabalho de natureza mais profunda (4.^o), inútilmente procuramos, entre os nossos críticos, um que tenha sabido compreender o fenômeno da crítica como ele merece ser compreendido, entendê-lo no seu significado próprio. Ordinariamente, ela se restringe à composição de bibliografias, à revelação de depoimentos impressos em opiniões apressadas e panfletárias. Tão somente isso. A mesma falta de seriedade e preocupação, o mesmo hábito de frivolidade e pilhéria, quase sempre crônicas de anedotário mais ou menos bem pôsto. E o nosso crítico faz isso com a mais santa ingenuidade deste mundo, não sabendo que o seu trabalho é inútil, mesmo ridículo, porque documenta um estado normal na literatura brasileira.

Um estado doloroso que explicamos pela formação viciada de nossa literatura (romance, poesia, ou crítica). Em verdade, sobre um plano histórico, a literatura brasileira não nasceu aprisionada a um método de evolução. Contrariando as normas clássicas de nascimento, veio como imposição, simples imposição do espírito passivo e indefinido do nosso homem. O primarismo da infância — realidade vergonhosa que se estende em período de mediocre criação — esclarece o seu vício de origem. Nesse período, que se diria exíguo de intuicionismo, naturalmente inexpressivo, nada houve que despertasse interesse. O temperamento emocional do povo, reclamando sentimentalismo, desviou a literatura da sua função verdadeira. Impediu que ela nascesse como atividade séria do pensamento. E quando veio para a vida, satisfazendo o desejo popular, trouxe no corpo uma natureza de baixo intelectualismo, uma consciência falha de pensamento autêntico. Natureza e consciência que.

(4.^o) — Como o ensaio de Hamilton Nogueira sobre "Dostolewaki"; alguns estudos de Tristão de Ataide e Andrade Muriel; o livro de Otávio de Faria sobre Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes; outros estudos de Tasso da Silveira em "Tendências do Pensamento Contemporâneo" — para ficar apenas nos vivos.

caracterizando-a inicialmente, marca-a ainda agora, principalmente nessa espécie de crítica que achamos justo acusar.

Acusamos, acusaremos sempre porque é ela, entre inúmeras outras causas, quem, entre nós, gerou essa indigência artística em que nos debatemos. A crítica provocou na literatura brasileira uma miserável vacuidade artística. Assim, desde o seu nascimento, a literatura brasileira vive, é verdade, mas vive como uma sombra. Vacilante, derramada sobre o mais reles conservantismo, incapaz por si mesma de transfigurar-se, esperou mediocre que a crítica, nascendo da pessoa, rompendo com o espírito popular, viesse orientá-la. E que fez a crítica? Subordinou-se também, imprecisa na sua traição, ao espírito do povo e, como a literatura, escreveu para o povo as tolices que o povo exija.

Contra isso, contra essa sujeição da arte ao espírito do povo, contra essa absurda democratização estética, deve levantar-se a crítica autêntica, *aquela que se orienta sobre uma hierarquia de valores eternos*. Já não podemos permitir que uma crítica falha de independência, que não venha de pessoa humana, não possua um acento personalista, fale em nome de qualquer coisa. E os incapazes de sustentar a luta contra as platéias que se retirem, que se recolham, mas não prejudiquem a vocação ainda virgem de nossa literatura.

Literatura é arte — é justamente para proteger essa arte, livrá-la das mãos coletivas, é que existe a crítica. Por isso mesmo é que a sua função é irremovível, e deve ser amparada pela alma. Recolhendo-se à alma, distendendo-se sobre a pessoa, afasta-se do espírito popular. Essa deve ser a sua posição mesma. Posição necessária, indispensável, que a protege da absorção característica a todo corpo coletivo. O espírito coletivo, como todo poder quantitativo, tende a destruir, absorvendo, as realizações pessoais. E a realização pessoal, realização do ser, em defesa espontânea, apoiando-se na alma, impede que a absorção se concretize.

4.º

Daqui, considerando essa necessidade da crítica como ação pessoal, foi que folheamos o livro de Rosário Fusco. E, a bem da verdade, confêssamos a nossa surpresa, a nossa grande surpresa em face desse livro. Rosário Fusco, já porque resolvesse orientar-se pela "crítica verdadeira, exata e justa do sr. Tristão de Atalde" (pg. 15); já porque compreendesse, em parte, a função da crítica *como uma tabela hierárquica de valores eternos*;

conseguiu, em verdade, organizar um livro muito mais sério do que propriamente útil. Esse livro, que aproveitamos para ilustrar este estudo, assegura-nos a presença de uma vocação de crítico, vagamente deformada por defeitos, mas sempre uma vocação capaz de frabalar, entre nós, a crítica indeterminada, aque'a crítica que se subordina à alma, e que julga a arte nas suas possibilidades de perpetuação sobre o tempo.

De princípio, procurando no livro uma definição que o autor realizasse sobre crítica, deparamos com a linha adotada para os seus estudos. É a mesma linha que mostrávamos, aquela que *concentra na crítica a revelação da pessoa, que a entende como fenômeno de inteligência total, que se define como ação organizadora de uma hierarquia de valores eternos*. E por que — quais os elementos apanhados — para afirmarmos isso? (pg. 165). Tão somente a afirmação do autor de que só seria possível crítica quando se demonstrasse, "dentro do possível, os elementos de ordem interior determinantes da manifestação artística".

Elementos de ordem interior — que elementos poderão ser esses senão a inteligência, senão a alma, já que a inteligência não pode se separar da alma? Em verdade, o que o autor exige é a *determinação do trabalho de arte pela intensidade de alma possuída* (5.º). Exige, em uma palavra, que a crítica organize a tabela hierárquica, prendendo-se às funções essenciais: *distinguir os trabalhos de inteligência pura; e distinguir os trabalhos só da inteligência*.

Indiretamente, como acabamos de ver, Rosário Fusco apresenta a crítica como uma ação pessoal. E tanto é assim que, para modelar um conceito de arte literária, não esquece a beleza. Condena os que destruíram o "belo" em favor da "vida" (pg. 118). Mas, se a beleza é o fim de toda arte (pg. 118), como não chegar à divisão a que chegamos nós? *Como não distinguir a beleza criada pelo homem da beleza criada por Deus?* Como não qualificar a beleza em tipos, subjetivo e objetivo?

Aqui, quando julgávamos que Rosário Fusco concluísse *pela superioridade da beleza subjetiva sobre a beleza objetiva* — o que já ficou demonstrado no capítulo 2.º —, contra todas as expectativas, ele procurou conciliá-las, harmonizá-las qualitativamente. E, aí chegando, impelido pelo primeiro erro, não temeu escrever que a obra-de-arte "nunca é puramente pessoal" (pgs. 170 e 171). Mas, como não ser pessoal se é forma-

(5.º) — ... o que permitiu, na literatura de outros povos, obras como a de Charles du Bos, mesmo alguns ensaios de Thibaudet, e, pelo menos, o Papini dos estudos sobre Petrarca, Boccaccio, Catarina de Siena.

da pela alma, essa alma que encerra o divino em nós e que, por isso mesmo, é a única garantia de eternidade para a arte? Deixariamos as perguntas soltas, cortaríamos mesmo o assunto, não se referisse o autor, condenando embora, a falsa tese de Levy Bruhl (pg. 19). De modo algum — e por isso precisamente foi que falamos dos artistas como de criaturas escolhidas — de modo algum, dizemos, a alma do artista pode se condicionar a acidentes históricos e deixar-se determinar pelas formas de uma sociedade. E por que o dizemos, e como poderemos justificar? Dizemos e justificamos porque temos nos olhos o problema quase insondável da vocação. Que é vocação? Como explicá-la?

Não seria aqui, nas páginas deste estudo, o momento de desenvolver problema tão complexo. Contentamo-nos, por isso, em dizer que *a vocação, coagindo o homem ao trabalho de arte, reflete a presença do divino na alma do artista*. E se o artista autêntico trabalha por vocação, e se a vocação é um reflexo divino na alma do artista, e se o divino está acima da própria carne — a obra-de-arte, em consequência, é um fato puramente pessoal.

Enfim, era precisamente esse desvio de Rosário Fusco, o que visamos focalizar quando discordamos da sua compreensão sobre a crítica. Em parte, até o momento de marcar as funções da crítica, de transformá-la em operação qualificadora *dos trabalhos de inteligência pura e dos trabalhos só de inteligência*, até o momento de estabelecer dados para a criação de uma hierarquia de valores eternos — nós sentíramos a presença do crítico que necessitamos. Era o crítico lúcido, esclarecido, capaz de penetrar em nossa literatura sobre domínios profundos. No entanto, como vimos, preso em obstáculos graves, escreveu um livro que tão somente o indica, mas ainda não o apresenta.

5.º

Deante de tudo isso, da grande dificuldade em designar um critério exato para a crítica, e já que a caracterizamos inicialmente como sendo um atributo personalista, resta-nos dizer apenas como Rosário Fusco: "Não é somente a capacidade de concentrar-se, ou de "se assistir", que acentua o temperamento crítico, mas, sobretudo, a capacidade de fundir-se na obra analisada, num mergulho vertical até à pesquisa mesma dos elementos que a determinaram, que a explicam ou que a justificam" (pg. 233).

Dêsse modo, como o artista mais puro, também o crítico é um "désireux d'un autre monde", para repetir as palavras de Maurice Barras. É um inconformado contra a vida comum, um rebelde que não pode ocultar o seu desejo de fuga, de emancipação em face da própria existência. Talvez por isso, em consequência dessa vontade de neutralizar o quotidiano, dessa angustia de restaurar-se pela evasão, é que se explique a loucura do desespero na sua arte. Há no crítico o desespero de todos os artistas. O desespero bruto, insondável, de querer refazer-se, recriar-se com as próprias mãos.

Adonias Filho

Um grande filósofo

DEPOIS de Farias Brito surge, igualando-se ao pensador cearense, o preclaro filósofo mineiro — Lídio Machado Bandeira de Melo.

Partindo êles de pontos diferentes, pois Farias Brito é *panteísta idealista*, e Lídio Bandeira de Melo é *espiritualista*, vão ambos confluir no mesmo objetivo: a existência do espírito e de *Deus*.

No seu panteísmo idealista, Farias Brito diz que o mundo é o *pensamento* de Deus.

São dele estas palavras profundas, insertas em seu "O Mundo Interior": "Como afirmar ou negar qualquer coisa, sem reconhecer-se a si próprio como espírito aquele que

afirma, ou nega, uma vez que só um espírito, isto é, uma consciência, pôde afirmar, ou negar? A matéria pode ser negada, porquanto o que se nos apresenta no espaço, e aí ocupa um lugar e se move, pode ser uma ilusão, como acontece no delírio da febre, ou nos fantasmas do sonho."

O espiritualismo tem três formas: 1.ª) Admite Deus e a Matéria, ambos eternos. Deus é a alma e a Matéria é o corpo do Universo. 2.ª) Admite Deus como criador da Matéria, que, em certos casos, pode assumir consciência e pensamento. Dai, os vivos; dai o Homem. 3.ª) Admite Deus como criador das almas e dos corpos, havendo assim três categorias de seres: Espírito criador — Deus; espíritos

criados, de natureza diversa da do Criador — as almas; a Matéria criada, universal.

À ultima forma do espiritualismo filia-se o emérito pensador mineiro. Duas são as suas obras capitais: "O Problema do Mal" e "A Procura de Deus".

Com o Mal, que serviu, há mais de dois mil anos, de argumento para o espírito sutil de Epicuro negar a existência de Deus, Bandeira de Melo afirma a existência de Deus. Antes de entrarmos na apreciação dos argumentos teístas de Bandeira de Melo, recordemos a argumentação ateuista de Epicuro: "O Mal existe, e uma de três: 1.^a) Deus sabe que o Mal existe, pôde suprimi-lo e não quer fazê-lo. Esse Deus seria mau, logo inadmissível. 2.^a) Deus sabe que o Mal existe, quer impedi-lo e não o pode; neste caso, não seria todo-poderoso; consequentemente, inadmissível. 3.^a) Deus não sabe que o Mal existe, sendo assim ininteligente; por consequência, inadmissível." Reaviamo-nos e prossigamos com o nosso Bandeira de Melo. Com o seu espírito metódico, habituado à disciplina da Matemática, de que é também cultor esclarecido, o insigne pensador mineiro divide os ateus em *românticos* e *racionalistas*. Os primeiros dizem que um Deus misericordioso não criaria o mundo com o Mal. Existindo este, Deus não existe. Deus e o Mal

são incompatíveis. (Pela classificação do proecto pensador brasileiro, Epicuro foi um ateu *romântico*). Os segundos abeberam-se na "Crítica da Razão Pura", do filósofo imortal de Königsberg. A Razão, dizem eles, fracassa, miseravelmente, na sua empreitada de construir a Metafísica, pois não pode livrar-se das antinomias: encontra argumentos de igual valor, apoiando cada tese e defendendo a sua antítese. Prova, portanto, a necessidade e a desnecessidade de Deus. Resultado: a Dúvida, irremediável e inevitável, a respeito da Origem e do Porquê das Coisas e dos Homens. O princípio de causalidade, prosseguem eles, é o que nos leva à crença em Deus; mas este princípio é, como os axiomas, subjetivo, é uma criação da Razão. Consequência: Deus não tem existência objetiva, é simples invenção da Razão...

Para refutar os ateus *românticos*, Bandeira de Melo concebeu "O Problema do Mal", em que se lê esta argumentação golpeante contra os que negam Deus, baseados na existência do Mal: "O pecado supõe *liberdade* (definida como *poder de escolher entre o Bem e o Mal*). Se o cloro expulsar o iodo do ácido iodídrico, não peca: é apenas instrumento; cumpre, queira ou não queira, uma determinação natural. Mas, se um de nós expulsar, pela violência o vizi-

nho, de sua casa, e se apoderar de sua mulher e de seus bens, não está isento de pecado. Por conseguinte: a) o homem, que pôde escolher o Mal e cair, poderá escolher o Bem e subir; b) a liberdade explica a transitoriedade do Mal e a consequente perfectibilidade humana. A Matéria é determinada; logo, não pôde errar, nem pecar. Deus é perfeito, é superior ao Bem e ao Mal; não erra, nem peca. Consequentemente, o que pode errar e pecar não é Deus, nem a Matéria: só pode ser um espírito criado. Existe, pois, a alma humana ou espírito finito."

Esta argumentação de Bandeira de Melo não explica somente a coexistência do Mal e de Deus: confuta, igualmente, o materialismo e o panteísmo.

Filho de pais católicos e educado em estabelecimentos católicos, o eminente homem de letras mineiro afasta-se da filosofia da Igreja. Para ele é um erro a doutrina da Predestinação, esposada por Santo Tomás de Aquino. Se dos homens, diz Bandeira de Melo, fôssem uns destinados ao Mal e outros, ao Bem, não haveria necessidade da vinda de Cristo, que veio para chamar os pecadores ao arrependimento.

Se houvera Predestinação, não haveria necessidade da Redenção. Por aqui se vê que a doutrina tomista, frisa o pensador patricio, fere fundo a razão de ser do Cristianis-

mo: a salvação dos que estão na senda do Mal. Segundo Bandeira de Melo, Santo Tomás abeberou-se em São Paulo, que, admitindo a Predestinação, judaizou o Cristianismo. Com efeito, a Predestinação sempre esteve na massa do sangue judaico.

Impregnados de um hiper-patriotismo de caráter religioso, os judeus sempre se julgaram o povo eleito de Deus e predestinado ao domínio da Terra, com direito de tomar o que quisesse, porquanto os outros povos, rejeitados por Jeová, não têm direitos, predestinados que são à derrota, à chacina e à servidão.

São Paulo, que se conservou mais judeu do que cristão, ao dizer de Bandeira de Melo, fala-nos, de fato, em sua Epístola aos Romanos, cap. 9, v. 21 ("Bíblia", tradução de João Ferreira de Almeida), que Deus, qual um oleiro, fez vasos para a honra e vasos para a deshonra...

Palavras de Bandeira de Melo, em "A Procura de Deus", pág. 110: "Se fôssemos predestinados, a Razão e sua ilusão de liberdade seriam um sarcasmo de Deus contra a criatura, um dom tremendamente irônico, um lógro de Deus para brincar conosco."

Para refutar os ateus racionalistas, eis, em síntese, os seus argumentos matemáticos, contidos no aludido e luminoso "A Procura de Deus": Kant considerava o princípio

de causalidade como um juízo sintético *a priori*, uma lei da Razão, lei subjetiva, que nos leva à existência de um Deus *mental*, e não, de um Deus *real*. Contraditando a Kant, o filósofo mineiro reputa um contrassenso o juízo sintético *a priori*. Para Bandeira de Melo só há dois juízos: sintético (que sempre é *a posteriori*) e analítico (que sempre é *a priori*).

Acresce que a lei de causalidade não é *subjetiva*: é *objetiva*. E a prova de que ela é independente da Razão, é esta: O número infinito é absurdo; conseqüentemente, não há um número infinito de causas sucessivas; conseqüentemente, há uma causa primeira. E, como o Nada não pode dar existência ao Ser, quem criou o Universo foi um Ser, foi Deus. Na qualidade de matemático, Bandeira de Melo não admite que o Universo seja uma sucessão *infinita* de fenômenos: é uma sucessão *finita*. E esta sucessão de fenômenos é medida pelo Tem-

po, que fica sendo uma sucessão *finita* de instantes.

O Universo, portanto, não é eterno, e o Tempo começou com o Universo. Antes, havia a Eternidade, que é contraditória do Tempo. Efetivamente, raciocina Bandeira de Melo, a Eternidade contradiz mais o Tempo do que a linha reta contradiz a linha curva, porque a curva pode ser retificada, ainda que aproximadamente, e a Eternidade não pode ser temporizada (o Tempo, como vimos, é sucessão *finita* de instantes).

Eis, em rápido e descolorido gizar, o pensamento do inculto intelectual mineiro, cujo sistema filosófico, imbuído de profundo sentimento cristão, deve ser conhecido e meditado por todos os que amamos a Filosofia, e a quem, ao contrário do que se fez com Farias Brito, devem ser prestadas, em vida, as homenagens da cultura brasileira.

José Vieira de Mendonça

Melo Nóbrega OLAVO BILAC

Sobre Olavo Bilac escreveu o sr. Melo Nóbrega um ensaio ligeiro mas encantador. Não há muito tive ocasião de registrar aqui, não só o apurado senso crítico do sr. Melo Nóbrega, na sua biografia de Batista Cepellos, mas ainda as suas delicadas qualida-

des de poeta moderno, de grande evolução espiritual. Está em saio sobre Bilac, que ele considera — "o maior dos nossos poetas" (p. 109), confirma as qualidades de compreensão, de bom gosto e de finura que caracterizam a crítica do sr. Melo Nóbrega, que sabe manejar com grande habilidade, o pedal da surdina, para dar-nos uma crítica de

meios tons delicados e de considerações sutis.

Para analisar os seis pontos que considera capitais, na poetica de Bilac, escolheu com argúcia seis versos expressivos, cada um dos quais encabeça o capítulo correspondente. "Deusa serena, serena forma" mostra o amor de Bilac pela forma exterior do verso, que a princípio o prendeu ao parnasianismo banviliano, mas que depois se integrou numa maturidade menos exteriormente formalística e mais interiormente racial.

"A força e a graça na simplicidade", mostra a preocupação da simplicidade que sempre acompanhou Bilac em sua carreira poética e o fez, como se sabe, repudiar o epíteto de parnasiano, que lhe evocava impossibilidades e arabescos que não condiziam com sua natureza passional e eufônica. Mostra o sr. Melo Nóbrega — "a assiduidade dos motivos greco-romanos em sua obra. A falta de crença religiosa levava-o instintivamente ao paganismo decorativo" (p. 34). Mas esse helenismo obsidente às traduzia sempre por uma preocupação arquitetônica de bom gosto e de medida, sem retórica e sem riqueza exagerada de vocabulário.

"Última flor do lábio" é o título do capítulo em que nos mostra a preocupação constante de Bilac pela boa linguagem, que não se prendia entretanto entre grades arcaicas. "A lingua natal, na obra de Bilac, sem perder o toque de ouro-velho, ganhou brilho novo e nova sonoridade" (p. 65). Bilac chegou a dizer que a essência da pátria é o idioma.

"Pátria latejo em ti", esse novo fragmento poético é o índice, para o sr. Melo Nóbrega, de outro traço típico do grande poeta, o seu patriotismo constante, que terminou com a famosa campanha pelo Serviço Militar, em 1916, que tanto concorreu para a sua imensa popularidade. Bilac é, hoje em dia, o poeta mais lido do Brasil. Mais, porém, do que o seu patriotismo, concorreu para isso o seu paganismo latente

ou antes o seu erotismo constante, que o sr. Melo Nóbrega resume no verso famoso — "esplendor imortal da carne e da beleza". Esse erotismo aliás, como indica com razão o crítico arguto, não assumia aspectos abjetos mas era uma consequência do "fetichismo da perfeição plástica" (p. 115), que foi sempre obsecante em Bilac. "Se há realismos nós, nos versos de Bilac, nunca sua poesia descambou para a imoralidade" (p. 121).

Finalmente, com um sereno alexandrino, — "para o deslumbramento augusto do mistério", mostra o poeta d' "Outro lado da montanha" que a obra de Bilac não pode ser dividida radicalmente em duas partes — a fase dos sentidos, que seria a sua primeira maneira, e a fase do pensamento, que seria a última — mas que houve em Bilac, como em todos os homens, o sentido da descida e o sentido da subida. Se naquela não chegou à negação total, também nessa última não chegou à perfeita afirmação. Ficou numa harmonia constante. "Bilac foi um dia luminoso, desses de certas regiões equatoriais, em que os raios do sol custam a morrer"... "A poesia de Bilac foi assim. Não conheceu trevas. Passou da fulgidez meridiana para as mortecoras crepusculares. Extinguiu-se com o derradeiro raio de sol de uma tarde estival, antes que a lua despontasse. Os poemas não chegaram a esfriar-se na brisa noturna. E se já não queimavam os nervos, conservavam o calor e a luminosidade das horas de canícula" (p. 137).

Como se vê, a figura canicular de Bilac foi muito bem pegada pelo seu crítico de hoje que, — sem fazer uma obra definitiva, pois temeu demais o inevitável e indispensável aparelhamento crítico de uma biografia completa, — deu-nos um livro de interpretação inteligente, e muito na linha daquela função completativa e repercutiva da crítica.

Tristão de Ataíde

(*O Jornal* — 14-4-40).

Jônatas Serrano **FARIAS BRITO**

Poucos são os brasileiros de hoje que não consideram Farias Brito como o príncipe dos pensadores nacionais. Apesar disso, pouquíssimas foram as homenagens prestadas àquele patricio e, assim mesmo quase que exclusivamente, todas elas partiram do Centro D. Vital, no Rio de Janeiro. Sobre a sua vida, a não ser artigos esparsos e de pouca divulgação e o trabalho de Nestor Vitor, parecia-nos que nada mais havia. Esta produção de Jônatas é uma das primeiras que nos aparece: é a abertura dos olhos dos brasileiros, para o maior de todos os nossos filósofos, morto há 23 annos apenas cujas obras ainda continuarão no silêncio "dessa voz miraculosa, dessa exceção espiritual no Brasil confuso de ontem", como já o classificou um nosso cronista literário. Pelo fato de não ter deixado discípulos e de não ter possuído uma cátedra, a sua obra que também foi pessoalmente editada, ainda não teve a repercussão merecida.

Jônatas Serrano serviu-se de um artifício interessantíssimo para confeccionar esta biografia. A exemplo de Flaubert, que foi visitar e estudar os escombros da antiga Roma para produzir o "Salamô", procurou estar em contato com todos aqueles lugares afastados em que se formou o espirito do biografado. Foi assim que esteve em S. Benedito, longínquo vilarejo da serra de Ibiapaba, no Ceará, onde nasceu Farias Brito, descrevendo a paisagem, fotografando todos os accidentes. Depois abalou para Ipô, onde o autor da "Finalidade do Mundo" iniciou o estudo das primeiras letras. Segue depois para o Estado do Pará e, finalmente, ambienta-o no Rio de Janeiro, onde o nosso "filosofo por excelencia" depois de tantas lutas passou-se para o além, defi-

nitivamente. Para muitos esta circunstância pode passar despercebida. Entretanto, qualquer um que queira meditar um pouco sobre ela, verá, para logo, as suas imensas vantagens, sendo uma das principais, o cunho vibrante da verdadeira honestidade de que o autor quis se munir para apresentar a sua biografia.

Além disto, este fato, tem como consequência, doar o seu trabalho de um método muito mais perfeito, conseguindo uma muito maior firmeza na sequência dos vários incidentes do biografado. Tendo a biografia como principal significação o desenvolvimento e a transformação dos seres humanos, é inegável que o método para a sua confecção, seja um dos mais primordiais fatores. Por elle, podemos afirmar si uma biografia é boa ou má.

Um outro ponto de grande valor no trabalho do sr. Serrano foi o das pesquisas sobre datas por ele levadas a efeito. É certo que muitos escritores incorreram em erro ao fixar a data certa do nascimento de Farias Brito, inclusive o padre Leonel Franca, na sua "Historia da Filosofia", dando 1864, quando deveria no certo ser 1863. Não queremos aqui censurar o padre Leonel Franca que não teve grande culpa nesta falta, pois que o próprio tumulto do grande filósofo exarava este erro. Entretanto, não podemos deixar de elogiar Jônatas Serrano que foi buscar o registro de nascimento para fixar uma data certa e não incorrer na mesma falta histórica que cometeram muitos outros escritores de peso. Este fato serve bem para mostrar a sua autonomia e, mais uma vez, a sua grande honestidade como historiador.

Um outro fator de grande interesse neste trabalho é a sua absoluta sequência cronológica, ponto de grande importância para o desenvolver de um esboço perfeito, e também muito útil

Miguel Gonçalves da Silva

para uma mais fácil assimilação do leitor apressado de hoje. É certo que Farias Brito, na sua grande simplicidade, observava que a sua vida era extremamente simples. Chamava-se de homem sem história porque nunca ocupou posição saliente, nem alcançou vitórias ruidosas e também não pretendeu ser um condutor de massas. A sua modestia infinita, ao lermos o trabalho de Jônatas Serrano, pode muito facilmente ser constatada. É certo que a sua vida foi isenta de qualquer complexidade, entretanto é bem difícil analisar a obra daquele que sempre viveu das suas idéias e que fez da verdade a regra condutora das suas ações. Conhecendo perfeitamente a obra do biografado, o sr. Serrano, além de uma análise simples e acessível, conseguiu oferecer-nos um trabalho despretençioso, mas de grande utilida-

de e de agradabilíssima leitura, ainda que se manifeste contrário às chamadas biografias romancizadas.

Realmente o autor desse livro logo às primeiras páginas do seu trabalho, escreve: "Estamos infelizmente em uma época em que se procura romancear a história para torná-la menos árida ao leitor comum, apressado e superficial. Grande erro e grave prejuízo para a verdadeira cultura. Não contestamos que seja bom negócio, às vezes, de editores. E até de autores pouco escrupulosos ou sem formação técnica ou erudita. O leitor come "gato por lebre" e gosta. E pode mais..."

Miguel Gonçalves da Silva

(Correio Popular — 23-4-40 — Campinas).

Livros recebidos

Espigão da Samambala — (Ed. Guirara — Curitiba) — Leão Machado.

Brasileia (Epopéia Nacional Brasileira) — Augusto Meira.

Aspectos de "O Contrato de Edição" (Tese) — Teles Neto.

Nomes Geográficos Aborígenes (Glosário popular) — Cristóvão de Mauricéia.

Ovação dos humildes (Poemas) — Santino Gomes de Matos.

Contos da Mata Mineira (Menção honrosa da Acad. Bras. Letras) — Alberto Furtado Portugal.

Da Analogia e sua influência na linguagem (Tese) — Céclil Meira.

Os novos ideais (discursos) — Céclil Meira, R. de Sousa Moura, Daniel Coelho de Sousa.

Queixa Crime (Delito de Imprensa) — F. Barros Franco.

Discurso — José de Matos Rebouças.

Movimento (revista de letras, cortes, ciência) de Fortaleza — Ceará.

Som N.º 13 (revista do Instituto de Música do R. G. do Norte sob a direção técnica do Maestro Valdemar de Almeida).

Escreva certo! — Por um professor — Atena Editora — São Paulo.

O testamento político — Cardinal de Richelieu — Atena Editora — S. Paulo.

Breviário de Estética — Benedito Croce — Atena Editora — São Paulo.

Inala — Poema — Rosário Congo.

Livros estrangeiros

O drama de Nijinsky

NÃO acho inconcebível que a literatura em prosa venha a ser, um dia, quase inteiramente absorvida pelos gêneros pessoalíssimos e humaníssimos que são o "diário íntimo", as memórias, a auto-biografia e a biografia escrita, à maneira de Nijinsky, por uma testemunha pessoal da vida retratada. Quando viesse a desfalecer inteiramente o interêsse pela pura obra de ficção, o romance, o teatro, o conto, ou mesma pela história ou pela obra de pensamento, ainda perduraria no homem a infinita curiosidade pelo drama real das grandes vidas, — por êsse drama, porém, autênticamente registado, quer dizer, comovidamente revivido por quem o viveu ou de muito perto o assistiu. Falei em drama das grandes vidas, mas estou quase a dizer que o drama de qualquer vida, da mais obscura e humilde que seja, se eficazmente evocado, conseguirá sempre empolgar a inquieta inteligência do homem. Porque, em verdade, a nossa grande sêde é a do mistério das almas e dos destinos. É talvez êste mistério que mais procuramos no fundo de tôda obra de arte ou de pensamento. Por isto mesmo, o romance mais sãbiamente arquitetado — no qual sabemos, no entanto, que a imaginação criadora agiu com a sua surpreendente autonomia, — ou a página de história do mais rigoroso objetivismo — erguida, contudo, sôbre o documento morto, — jamais terá para nós a prestigiosa eficácia que sôbre o nosso espirito alcança o mais simples documento autêntico de uma vida.

Sobretudo, porque, de fato, cada vida, cada destino individual é um mistério tremendo. Mistério, não apenas no seu sentido último, mas na sua verdadeira significação presente, sempre diversa da que podemos imaginar à custa dos dados exteriores que a manifestam.

A de Nijinsky, *verbi gratia*: que estranhamente diferente se nos apresenta, através do testemunho da mulher que o amou, da imagem que dela todos fazíamos. Um dansarino célebre, embebedado de glória efêmera, e suspeito de tendências sexuais inconfessáveis? Não, senhores. Mas, sim, uma alma cheia de dignidade interior e dos tormentos de consciência e da extrema e benigna doçura da alma de um Michel-Ângelo, por exemplo. E' como a do Buonarrotti, agrilhoadá a uma incoercível vocação de sonhar e de criar poderosamente.

Escolhi o exemplo de propósito. Se não evocasse a massiça figura do imaginário prodigioso do Renascimento, símbolo de força criadora exasperada na complexa história da arte no Ocidente, não transmitiria, dêsse mago do gesto e da atitude de beleza esplêndida mas que morre no instante mesmo em que nasce, — não transmitiria da sua arte fluidica, transitória, efêmera, a impressão que me veio no livro de Romola Nijinsky.

Logo no segundo capítulo do volume há uma afirmação da autora que fundamente nos surpreende. "Seu fim, diz ela falando de Nijinsky, era aliviar, compreender, educar e dar alegria á humanidade. Em seu talento espantoso, éle via apenas um dom recebido de Deus para que realizasse os seus desígnios".

Uma cabriola no ar, um salto que antes parecia um vôo de pássaro, uns passos sábiamente medidos, uma inclinação de cabeça ou de busto, — um ritmo que aos poucos se tornava em força hipnótica, em sortilégio, — a dança de Nijinsky: instrumento de Deus para agir sôbre as inteligências e as almas.

Sim: era como o dansarino sentia o seu dom de criar. E observe-se que não se trata, no caso, de qualquer vaga sentimentalidade religiosa. Nijinsky era convictamente católico romano.

Fora, aliás, desta consideração, deve-se notar que Nijinsky veio, em verdade, com um destino incoercível de dansarino. De qualquer maneira que tivesse realizado êsse destino, estaria cumprindo uma rigorosa determinação divina. Para começar, éle foi, como diz Romola, "em tôda a força do termo, um filho do bailado": sua mãe dansou até uma hora antes de éle nascer. E desde que nasceu até mergulhar na grande sombra em que a esta hora ainda vive, a sua única realidade, interior e exterior, foi apenas a dança: a dança que, quando éle era menino, lhe deu aos pés, e quem sabe, a todos os músculos, nervos e ossos uma anatomia semelhante á dos pássaros...

A autora do livro nos leva com habilidade extrema através de todo o processo de gestação e desenvolvimento do mundo interior da grande arte de Nijinsky.

* * *

Quero acentuar apenas que, como com tão deliciosa simplicidade nos faz ver esse livro, toda a vida conciente de Nijinsky se desdobrou sob esse duplo aspecto: o do homem de fé clara e definida e o do criador por necessidade insofismável, tão mais insofismável quanto essa necessidade era por ele sentida como um imperativo de Deus.

Se num Bach tal atitude de alma é, por assim dizer, normal, num Nijinsky, devemos confessá-lo, nos pareceria inexplicável, incompreensível, se não fôra o testemunho da que nasceu com o destino também exclusivo de glorificá-lo.

A consciência religiosa de Nijinsky nunca se desmentiu, nem mesmo após a loucura. Nos mais amargos, ou nos mais gloriosos instantes de sua vida, manteve-se integralmente pura. Em face do ciúme dos colegas de escola, das injustiças inevitáveis do mundo, da hostilidade cruel dos que, ao tempo em que foi prisioneiro de guerra, tudo fizeram para perdê-lo, da campanha tremenda que lhe moveu Diaghileff — que o amara de amor inaceitável e, exasperado, com ele rompeu quando do seu casamento — como em face dos grandes triunfos que lhes demarcaram o caminho, — essa consciência se afirmou sempre pela sua perfeita isenção de orgulho, pela sua serena capacidade de perdão, pelo seu profundíssimo interesse por todas as angústias humanas, pela sua severa compreensão da arte. “Levar uma vida ascética e pura, escreve Romola, instruir as multidões, procurar a verdade, tudo isto singularmente o fascinava. Mas sempre o seu violento amor pela dança vencia tudo”.

Em várias passagens do livro Romola procura dar-nos, aliás com força de sugestão notável, uma impressão vivaz da arte, para nós perdida, de Nijinsky.

O que dá ao livro de Romola Nijinsky uma preciosa substância, não só de experiência e dramaticidade, mas de beleza pura, — não obstante a despretensão do estilo e a sua feição de narrativa direta e simples, — é que ela, que vê Nijinsky com os olhos do amor e de uma veneração ardente, quero dizer: com mais agudeza do que qualquer outro, — funde perpétuamente numa unidade maravilhosa essas duas faces complementares da personalidade do grande artista: a do contemplador de Deus e a do estigmatizado da arte. De sorte que o espetáculo que nos faz evocar se torna, de fato, sumamente empolgante. Melhor,

mais transfigurada e etêreamente do que Isadora Duncan em *Minha Vida*, Nijinsky, nas páginas de Romola, fica dansando infinitamente para nós. Dansando uma dança cujo ritmo é marcado, menos pelo das partituras que êle interpretou do que pelo eterno ritmo dos mundos, que exprime diretamente a presença de Deus. Tanto mais que, mergulhado na noite da loucura, êle continúa, a esta hora, de corpo imóvel embora, a desdobrar em movimentos imaginários inconcebíveis, e em ritmos que serão talvez tão profundos e suaves como os que movem os espiritos angélicos, a arte fluídica, etêrea, tênue, de que foi, na Terra, o mais alto realizador até hoje.

Tasso da Silveira

M. de C. Pereira

GÊMEAS

Gêmeas, o novo romance do sr. Manuel de Campos Pereira, é, possivelmente, na obra do autor de "As pobres Suzanas", — um erro grave.

Em "As pobres Suzanas", o sr. Manuel de Campos Pereira atingiu uma realização que, como disse no breve ensaio que a respeito escrevi, abria fundas perspectivas de esperança para o romance em língua portuguesa. Exatamente porque inaugurava um retorno à clara objetividade, entendida esta expressão em particularíssimo sentido. No sentido de uma fuga à perpétua introspecção e ao perpétuo freudianismo do romance universal destes últimos tempos, — coisas que já vão fatigando o público — exaurindo o espírito criador — assim como de uma volta às fontes vivas da realidade palpitante, sempre generosas e fecundas, e sempre tão cheias de significação.

Em "Gêmeas", o romancista lusitano abandona o filão profundo. Não porque se ponha a fazer o romance introspectivo, ou psicanalítico, ou freudiano. Mas porque "inventou", porque "procurou" um tema original, de audá-

cia suficiente para... abafar a banca, como se diz na gíria patricial deste instante. No estabelecimento dêse tema, ficou ainda na pura objetividade. Mas não da pura objetividade que preconizo, que é a das dores e alegrias humaníssimas, a da vida que flue arrastando águas barrentas ou límpidas pela nossa pele, pelo nosso corpo, e arrastando-nos com ela; a do "trágico cotidiano", vulgar e transcendente a um só tempo e do qual um Dostoiévski, urbi gratia, arrancou a substância inteira das suas criações formidáveis. O sr. Manuel de Campos Pereira, em "Gêmeas", ficou objetivo, porque não faz análise introspectiva, nem vai à procura do tempo perdido, como Proust, mas caiu numa falsa objetividade, que não é a de que "As pobres Suzanas" nos indicavam o rumo.

O que temos em "Gêmeas" é o ambiente de falsa objetividade, da realidade "inventada" das tragédias danunzianas. — "A glória" por exemplo. Não que a vida não seja capaz de, por si mesma, produzir um drama como o de "Gêmeas". A vida contém todos os possíveis e é infinitamente mais imaginosa do que o mais imaginoso romancista. Mas os dra-

mas à maneira do de "Gêmeas" aparecem, nela, como que à margem dela mesma, não participam da sua substância profunda. Transportados para o romance, aparecem-nos como falsos e insidiosos.

Falei nas tragédias danunzianas. Elas são tecidas todas, desse elemento equívoco. Por isso, ao que me parece, estão perdidas. A vida profunda, a vida de sempre, nelas não se reconhece. O que acontece, igualmente, com o novo romance do sr. Manuel de Campos Pereira.

Além disso, todavia, devo dizer que, como expressão, "Gêmeas" é uma admirável obra, patentemente de poeta.

Devo também registrar que a edição da revista "Ocidente", com ilustrações de mestre, de Jorge Barradas, é um primor de finura e de bom gosto.

T. S.

Sertillanges

O CRISTIANISMO E AS FILOSOFIAS

O plano da mais recente obra de Sertillanges, da qual, aliás, só o primeiro volume foi publicado por enquanto, não é novo. Em "O Cristianismo e as filosofias", o insigne filósofo e teólogo desdobra o conhecido pensamento de que a Santo Tomaz de Aquino deve, não apenas a filosofia an-

tiga a salvação da sua substância de valor, mas também a inteligência dos nossos dias um critério seguro de julgamento e triagem do que há de erro ou de verdade profunda na filosofia moderna e contemporânea. Outros pensadores já haviam desenvolvido o tema, e até eu, do fundo de minha obscuridade, foi o que tentei fazer no pobre ensaio sobre Santo Tomaz de Aquino, a que dei o título de "Sol dos Séculos".

Apenas, Sertillanges leva a termo a tarefa com uma proficiência incomparável. E com uma força de fecundidade surpreendente.

O primeiro volume diz respeito à recuperação do passado, vale dizer: ao aproveitamento, por parte do espírito cristão, do trigo verdadeiro das colheitas pagãs, na complexa elaboração do seu pensamento filosófico próprio; assim como a expressão definitiva desse mesmo pensamento na luminosa síntese tomista. O segundo volume, a publicar-se ainda, dará conta dos acertos e desvios da filosofia da modernidade, segundo os sólidos critérios estabelecidos pelo Doutor Comum.

Há margem para se escreverem sobre esta nova obra de Sertillanges numerosos ensaios, destacando-lhe as faces mais luminosas e felizes.

T. S.

...E esta, de resto, uma publicação interessantíssima, vassada em moldes rigorosamente inesusados entre nós e cheia da maior atração para todos os que, neste país de botocudos, costumam reservar meia hora da labuta quotidiana ao trato dos volumes.

M U R I L O M O T A
D' "O Estado" - 3-7-939 - Fortaleza

Antologia

Recordações de Jorge Faleiros

JORGE FALEIROS nasceu para a vida ampla dos que a sabem ver com olhos de artista, de lábio aberto para o riso, de compleição magnífica para vencer. Bem cedo, entretanto, os seus olhos se anuviaram e na sua boca o riso, que seria da satisfação completa, se diminuiu, reduzindo-se às proporções do sorriso amargo do humor, coando-lhe pelos rebordos a amargura profunda e inconsolável da sua alma atormentada. Trouxe de seu berço as audácias dos paulistas que por lá deixaram as suas façanhas abertas em garimpos e roteiros destemidos e a bondade hospitaleira de Minas sempre desfeita em ouro e pedrarias, ao alcance de todos os corajosos. Apesar de tudo, Faleiros fechou-se dentro de si mesmo, numa timidez que só lhe foi nociva, numa modéstia que só lhe trouxe dissabores e passou pela vida quase desconhecido, adorado apenas por um grupo de amigos que o descobriram. Conheci-o ainda não contaminado da idéia fixa do próximo trespasse e da inutilidade da sua existência. Tinha a veia satírica, a facilidade do epigrama cáustico, dos trocadilhos felizes, escrevendo para o teatro e nele representando com felicidade. A alegria fora a sua primeira companheira de arte e desde as aulas de Antônio de Paula até o ginásio diocesano de Batatais, Faleiros amava a existência e abençoava a Deus que lhe dera um coração capaz de se encher de poesia e de transbordá-lo pelos caminhos dos outros. Ainda depois quando já lhe não sorria a vida e a sua visão se ressentia daquele bem longo meditar na morte que é o primeiro pão oferecido ao espírito nas manhãs do levita, várias sátiras lhe esvoaçaram dos lábios, mordentes, cautérios de fogo, perfeitos desabaços de uma arte amordaçada, mas, por isso mesmo, vibrantíssima.

O sacerdócio é ainda hoje um ideal: a cruz refulge para muitos com os esplendores do céu e Deus se manifesta a vários sob a luz roxa do martírio desconhecido, do heroísmo ignorado.

Faleiros teve esta visão e lembro-me ainda de quando o vi, todo de branco, nos jardins do seminário, como se tivesse vindo a noivar. A sua fisionomia impressionava por um certo ar de velhice precoce: a fronte vasta, quase calva, o rosto severo e de algumas rugas prematuras. Os olhos, porém, punham a alma a descoberto e a sua mocidade crepitava no fagulhar das pupilas inteligentes e penetrantes. Dois dias depois todos o adoravam, até mesmo as viboras de língua bifida que habitam as sombras dos santuários. Até êsses réptis dos lugares santos se continham respeitosos ante aquele moço que tinha por si a robustez de uma inteligência, a firmeza de um caracter sob a beleza raríssima de uma grande modéstia.

A vida do seminário produziu profundo abalo em tôda a personalidade de Jorge Faleiros: a sua saúde ressentiu-se muito do clima e do trato e como as sombras fazem com as últimas vibrações da luz, a rotina do claustro apagaram tôda a sua rutilante alegria de moço mal saído dos dezoito anos sonhadores. A existência surgiu-lhe com outras cores e o seu futuro de poeta encheu-se de tons proféticos, com o espectro da morte por quase única inspiração. Já passou a ser a sua leitura predileta; o pessimismo sufocou-lhe os derradeiros clarões da alegria de jovem e, por várias ocasiões, o surpreendi, sózinho, a meditar no problema da sua vocação, indeciso entre o sacerdócio e o mundo, entre o seminário e o lar. Foi num desses momentos que êle escreveu êstes versos amargurados:

*Tarde... cinza que vem do céu! Passado...
O coração em cinza, em pó!
Lá fora, tanta luz, tantas flores no prado,
tanta gente feliz, tanto noivado
e aqui dentro eu tão só!*

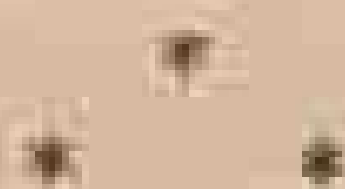
Com a idéia do abandono veio-lhe a do aniquilamento, a do Nirvana. Foi esta a palavra mágica das suas composições até ser o nome do seu livro de versos, que não pôde ver publicado. Que entendia, entretanto, por esta palavra *Nirvana*? Não era católico? Nunca deu uma explicação clara do seu pensamento e creio que *Nirvana* era apenas o símbolo de um ideal nunca atingido, de uma vaga região para a qual convergiam todas as ânsias, tôdas as aspirações humanas:

*Deserto e mar azul de infindas caravanas,
onde vão naufragar as angústias humanas;
doce região do céu, tão pura e tão tranquila,
onde a vida se esvai e o mundo se aniquila.*

Foi sempre religioso este humilde cantor que fez os seus hinos à sombra dos claustros, das cruzes e encheu de misticismo a sua lira dolorosa. Viveu continuamente resignado ainda quando as circunstâncias lhe permitiriam um desabafo mais íntimo e natural ao homem que sofre. Sofreu calado o martírio da vida e principalmente desta vida intelectual, toda feita de pequeninas invejas, de pequeninos desprezos, ele que tinha tanto talento e que via frustrar-se toda a sua inspiração de poeta. Bem poderia aplicar-se este verso que lhe escapou da pena, um dia:

*Vem comigo e terás, num companheiro d'armas,
e, pulsando a teu lado, ao toque das alarmas,
neste peito de herói, um coração de santo!*

Eis realmente o que ele foi: um coração de santo!... por que, num meio de fanfarrões qual é o nosso, onde os mais chochos de inteligência são, precisamente, os que mais ressoam; num meio de cabotinos qual o em que vivemos, onde os mais vazios são, justamente, os que mais refinem, só um santo poderia calar-se quando sentia no cérebro luz bastante para iluminar muitos quilômetros de sombra e no coração inspiração suficiente para emudecer tantas líras que só a ignorância e a estultície fazem vibrar.



Patrocínio do Sapucaí foi o seu berço. Numa verdadeira romaria de veneração, vencendo as mais longas distâncias, fui a Patrocínio do Sapucaí para de perto surpreender a fisionomia da terra em que nascera o poeta amigo, para depor na casa do seu nascimento a mais sincera das minhas saudades. Lugar propício ao sonho, desde as primeiras pedras que o tom rubro da poeira ensanguenta, tudo me provocava na alma uma grande e dolorosa ressurreição. Foi nesta quietude amiga de Patrocínio, neste remanso iluminado e tranquilo, onde um céu muito alto convida a meditar e uma população inteira de irmãos faz esquecer a ruindade humana que Jorge Faleiros nasceu e entendeu, na rapidez dos poucos anos que viveria, toda a angústia do seu já imortalizado "Nivarna".

A casa antiga, de esquina, calma e acolhedora, de aparência meditativa, vive como a lembrar-se daquele que viu nascer. Não muito longe da casa de Faleiros está o jardim. Ele perfumava à minha passagem, todo ensombrado e silencioso. Quan-

las vezes não teria sonhado entre essas árvores confidentes a alma do poeta extinto! Tôda aquela fisionomia simples e comovida dos seus versos flutuava imponderável ao meu olhar. Tôdas as saudades do meu amigo, tôdas as suas mais íntimas recordações pareciam-me fluir dessas folhas imóveis, desses ramos calados, dessas flores silenciosas como um grande, um intenso perfume do passado, que, transbordando-me o coração, me aljofrava de lágrimas os olhos sinceros. Patrocínio inteiro aparecia-me como sempre o havia imaginado: cheio de sonhos e de cismas. Parecia-me ouvi-lo a dizer-me: "Foi junto a mim que Faleiros se inspirou, nos meus braços que o embalaram criança. Ele vive na tristeza calada dos meus ares e os seus versos marulham chorosos nas águas do meu rio." Do alto da torre, numa visão de conjunto, abrangendo com o olhar a cidade tôda, vieram-me à memória, sussurrados pela voz doceíssima da recordação, êstes versos dolorosos:

MINHA TERRA

*Venho de muito longe e trago as sete dores
no fundo do meu peito, em fundas cicatrizes;
não tive fé nem paz, nem jamais tive amores,
fui o mais infeliz entre os mais infelizes.*

*Como encontro mudado o berço de verdores
dos meus sonhos de infância, em meus dias felizes!
Este rio, este campo, estas casas, as flores,
a montanha e o céu já teem outros matizes.*

*Gleba que me criaste, a jornada me aterra!
Tem espinhos e cardo a estrada que palmilho!
Abre-me o teu regaço, êstes meus olhos cerra!*

*Venho tão pobre... vê como estou maltrapilho!
Ah! não mais te conheço a ti que és minha terra,
não me conheces mais a mim que sou teu filho!*

Abre-me o teu regaço, êstes meus olhos cerra!... não realizado desejo de um coração que Deus experimentou em tudo, até nisto, em dar-lhe para agonia uma casa estranha e para túmulo uma terra desconhecida: Jorge Faleiros repousa em S. José dos Campos.

Nascido em Patrocínio do Sapucaí, o poeta do "Nirvana" cresceu em Ituverava. Aqui também estive por duas vezes, cumprindo o meu desejo de conhecer as terras para sempre vincadas pelos pés de quem mal os tinha no solo, tão alto vivia a sua alma, arrebatado pelas inspirações do seu coração. Ituverava guarda como num escriptorio a memória de Jorge Faleiros e quem quizer conquistá-la é só apresentar-se envolto na sua lembrança. Senti-a pulsando ao meu lado, tendo a cada passo um amigo, porque eu levava a glória de haver vivido dentro dessa grande alma que eles adoravam.

O destino colocou-me ao lado do cantor quando iniciava o seu caminho de ilusões, entrando para o seminário. Rapidamente desiludido, precedeu-me no abandono do claustro e quando ainda o sonho me detinha nas sombras do santuário, já ele distendia as suas asas para o sol da vida. Infelizmente as trazia tão exaustas, tão vencidas, que ideal nenhum conseguia arrancar-lhe vôo mais alto, fechando-as definitivamente quando aos ventos da pátria, como um vistoso pássaro multicolor, a nossa bandeira se desdobrava para receber as carícias daqueles que nela depositam a melhor confiança do seu coração: Jorge Faleiros faleceu no dia 19 de Novembro de 1924.

Filho de família abastada, encerrou-se o poeta nesta Babilônia de S. Paulo, onde todos vencem, menos aqueles que trazem o caracter que ele trazia: tímido, convicto de que de nada valia, tendo horror aos homens, vivendo unicamente para si e para as suas inspirações. Não era cabotino e por isso ninguém o conheceu. Não tinha a coragem ou a insensatez que a muitos sobra de usar dois nomes (nome e pseudônimo) para mutuamente se elogiarem e por isso nada conseguiu. O contacto com os fátuos da nossa literatura o enchia de horror e por isso isolou-se, passando calado por este tumulto que é S. Paulo como se já não vivesse, mas fosse apenas a sua própria sombra. O característico principal deste poeta foi a sua completa renúncia a tudo quanto poderia servir de combustível à vaidade. Amigo de Amádeu Amaral nunca se apresentou a um jornal para oferecer colaboração. Escreveu alguns artigos na "Gazeta" a meu pedido. Algumas revistas como "A Vida Moderna", a "Garça" e a "Novela Semanal" publicaram trabalhos seus porque lá os fui levar. Nenhum ruído procurou ao redor de si para chamar a atenção do público, contra o método seguido por tantas nulidades que conhecemos e detestamos. Compare este pouco, em se referindo a um talento, a um preparo como era Faleiros, ao fragor dos tambores e dos clarins que costumam acompanhar a maioria dos nulos das letras, aos inconscientes da ignorância e ter-se-á uma idéia do que foi a grande renúncia desse moço poeta, cuja boca ressoante de ver-

sos magníficos, há alguns anos já se calou para sempre, no silêncio escuro do sepulcro. Há alguns anos já que esses lábios de poeta, tantas vezes inspirados, se emudeceram para nunca mais se entreabrirem na terra, numa prece que seja. Que amargo destino Deus reservou a este pobre filho das musas! Nem o seu livro pôde ver publicado e quando os primeiros louvores ressoavam sobre as páginas do seu "Nirvana" recém-editado, já não existia mais o poeta: os elogios passaram como uma dulcíssima harmonia pelos braços distesos da sua cruz de pedra. Quando as primeiras flores repontaram na haste que ele havia plantado, neste variado jardim das letras, já o seu túmulo estava erguido para recebê-las desfolhadas. Que amargo destino Deus reservou a este pobre filho das musas! Deu-lhe um berço rico e lhe encheu de provações a vida; fê-lo o melhor dos mortais e rodeou-o de almas ruins, de corações sem piedade; insuflou-lhe a grande chama da poesia e enclausurou-o num seminário onde lhe proibiram fazer versos; transbordou-lhe a mente de ideais quase divinos e negou-lhe um pouco de saúde para executá-los; entreabriu-lhe os dias radiosos da mocidade, pondo-lhe um amor ao lado de uma lira e matou-o aos vinte e cinco anos, quando os sonhos lhe vinham em revoada e as ilusões teciam em seu redor a trama divina das seduições humanas; colocou-lhe dentro dos olhos a visão de uma pátria estremecida, fê-lo ansiar pelo futuro do Brasil e, justamente quando o país celebrava o símbolo da nossa terra, varou-lhe o coração admirável!

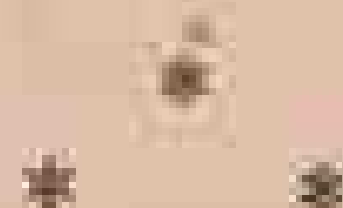
A Igreja nunca pensará em canonizar a Jorge Faleiros e isso não importa absolutamente aos olhos de Deus; mas que ele foi um santo, é verdade. Experimentem invocar-lhe o nome aqueles que acreditam numa outra vida e verão que as suas asas se distendem continuamente para ajudar, para proteger os que, cegos e tacteantes, procuram nestas sombras da vida, a réstoa de luz que os leva à perfeição.

Jorge Faleiros faleceu, de manhã, no dia da bandeira, em 1924. Passara a noite terrivelmente agitado. De madrugada, numa rápida melhora, encarou serenamente os seus últimos instantes: chamou os pais, falou-lhes dos amigos ausentes, dos seus trabalhos literários. A manhã vinha nascendo, como uma grande carícia sobre a cidade adormecida. Sentindo-se animado, pediu o chapéu, pois, queria passear, queria respirar aquele ar fino da manhã festiva. Tentou alguns passos e Deus o fez voltar, ferido de morte. Amparou-o aquela em cujo regaço desejou morrer:

*Mãe, sou teu filho,
acalenta-me um pouco,
venho tonto de sono e moido de cansaço...*

*Quero um seio materno,
em teu seio dormir, gozar no teu regaço,
o nirvanismo do meu sonho eterno!*

E como uma criança descansou nesse colo de mãe tão duramente provada a sua fronte aureolada de martírio, entrando para o Nirvana eterno do seu sonho, aos vinte e cinco anos de uma vida que fora uma sombra de vida.



Ó vós que sabeis o que seja um filho de vinte e cinco anos e vós, os que sabeis o que seja um poeta, erguei o vosso pensamento amargurado sobre o sepulcro deste que, sendo poeta, morreu ao desabrochar da sua inspirada mocidade!

S I L V E I R A B U E N O



SENHORA DONA SANCHÁ

*"Senhora Dona Sancha
"coberla de ouro e prata..."*

*Lindas meninas tão gentis, de voz tão grata
que cantáveis ao luar!
A noite está tão bela, o luar é de ouro e prata,
onde estais? Onde estais que não vindes cantar?*

*"Somos filhas do conde
e netas do visconde..."*

*Ó! meus castelos encantados e por onde
eu era tão feliz!
Mas, ó! filhas de conde, ó! netas de visconde,
jaz por terra o castelo que vos fiz!*

*"Senhora Dona Sancha
"coberta de ouro e prata..."*

*Lindas meninas tão gentis, de voz tão grata
que cantáveis ao luar!
Que é feito dela, assim coberta de ouro e prata?
Vinde cantar... Porque não vindes mais cantar?*

FALAS DE UM MENDIGO

*Sou mendigo. Estas úlceras já rasas
de pús, o sol as queima e a dor remorde-as.
Vou buscando por entre as outras casas,
a Santa Casa das Misericórdias.*

*A Santa Casa é a noite à luz da lua,
que entre os homens só há, no mundo ruím,
portas de todo abertas para a rua
e corações fechados para mim.*

*Arrasto, nos subúrbios da cidade,
meus andrajos, minha alma e o meu tormento,
no sofrimento augusto da humildade,
nesta humildade do meu sofrimento.*

*Bendito seja Cristo que a ventura
mais prometeu aos que padecem mais!
Conforme aquilo tenho fé segura
de ser o mais ditoso dos mortais.*

*E resignado o céu, às vezes, fíto,
na crença de Jesus crucificado:
Por ilusão, ao menos, acredito
ser oito vezes bem-aventurado.*

*Bendito seja o cão. Comigo mata
a fome que nos faz velhos amigos.
Porque é sincera e vem de longa data
a amizade dos cães e dos mendigos.*

*Todos me chamam vil, cheios de nojo
e de desprezo a olhar esta sacola;
Mais abatido, então, levo de roxo
esta balxeza de pedir esmola.*

*Passo as horas assim, como os molossos,
olhando a solidão do entardecer
e assim venho a sentir, dentro em meus ossos,
uma vontade grande de morrer.*

*Ó! vós! Ó! ricos de felicidade!
Dai-me uma esmola: — se não sois ateus,
dai-me um afeto só, por caridade,
— Amai-me, apenas, pelo amor de Deus!*

HINO AO SOL

*Ó! sol dourado, ó! sol bendito, ó! sol ardente
do Brasil, tropical, grão-visir do infinito,
senhor do mundo, autor da vida que é latente,
tu, meu pai, tu, ó! sol, se és deus ouve meu grito!*

*Mitiga a dor humana, aberto num sorriso,
desfaz a treva, acende o dia, o mundo invade,
despenda lá no espaço o azul do paraíso
e espalha aqui na terra a luz da liberdade.*

*Inebria-me, ó! sol, incendeia-me a fronte,
abrsa-me no olhar a lágrima retida,
e deixa-me sonhar scrutando o horizonte,
a alma lavada em luz, inundada de vida!*

*Enlouquece-me, ó! sol, ateia-me fecundo
no cérebro do poeta a floração inglória,
e deixa-me cantar, esmando pelo mundo,
tonto de claridade e bêbado de glória.*

*Assassina-me, ó! sol, queima-me esta caveira,
faze de mim um ser que a olhar ninguém se afoite.
Encinera-me, ó! sol, desmancha-me na poeira,
torna-me em fogo fátuo, em luz, dentro da noite!*

*Em luz que traga ao mundo um pouco de consôrto
E em poeira que lhe lembre o pó em que me fiz,
E eu terei a ilusão de ser, depois de morto,
O pó da minha terra e o sol do meu país!*

CRUCIFICADO

*Achei-a num desvio escuro do caminho;
abriu-me os braços e eu, gemendo, sem assombro,
lomei-a desde aí, exausto, sôbre o ombro
e arrasto-a com langor na estrada onde caminho.*

*Tropeço em cada pedra e sangro em cada espinho,
deixo um rastro de sangue e, de escombros em escombros,
prosigo sem gemer, mas, se o semblante ensombro,
entre os braços me aperta à guisa de carinho.*

*E viveremos sempre, assim, num laço estreito,
unidos rosto a rosto, unidos peito a peito,
até que um dia eu morra; e entre os madeiros nós.*

*Alguém há-de dizer, vendo os nossos abraços:
— Não sei se ele morreu com uma cruz nos braços,
não sei se ele morreu nos braços duma cruz.*

AUTOBIOGRAFIA

*Tu me pediste a minha história, a minha
simples vida infeliz de João-ninguém...
Foi assim: Em novembro, uma tardinha,
nasceu esse menino aqui; pois bem,*

*creceu e em breve n'alma eis se lhe aninha
pontade louca de ser poeta e sem
mais nada começou seu fado; tinha
de sofrer sempre e de cantar... e além*

*de ser poeta e de ser um desgraçado,
amou, amou de mais sem ser amado
e sucumbiu a tanta dor. E os seus*

*amores foram tais que, se me lembro,
numa tarde de abril... maio... dezembro...
não me perguntes pelo amor de Deus!*

Principio de Ano

MESMO na época de esplendor do cinema mudo, temia-se o verão, os primeiros meses do ano novo, como uma época de ausência de filmes. Habitados a um ano inteiro de mudanças semanais de programas que interessava conhecer (e, frequentemente, rever...), que importavam para o julgamento da produção anual, sentia-se a interrupção dos meses de verão e reclamava-se acerbamente contra essa contingência da nossa vida de cidade sujeita às duras leis da variação climatológica e da escravidão à paixão carnavalesca. O calor e o carnaval privavam-nos, então, de bom cinema e não nos podíamos conformar com essa limitação...

Lembro-me dessas reclamações, que formulávamos então, (e não com pouca violência...) como de uma dessas inconcebíveis exigências que só o excesso de riqueza, a plethora de elementos positivos, podia justificar. Tínhamos muito, tínhamos tanto que não suportávamos pequenas e relativas interrupções, exigindo o ano todo a sucessão de filmes novos e importantes que nos permitiam considerar o cinema como o novo meio de expressão em processo de desenvolvimento e contínua criação, como a arte cujo contínuo progresso nos era dado acompanhar de perto...

Referindo-me aos meses de verão dessa época como a períodos de pequenas e relativas interrupções, não exagero em nada, não fujo ao essencial do que estou querendo dizer em relação ao presente momento cinematográfico. Pois, a verdade é que, mesmo com o verão, não havia então colapsos tremendos como o que assistimos êsse ano, por exemplo. Para não precisar dizer mais nada, basta lembrar aqui que foi em fevereiro de 1929 que conhecemos "Docas de Nova York", de Sternberg, e que, em janeiro de 1930, vimos "Cadáver Vivo", de Ozep, e "Caixa de Pandora", de Pabst. Além disso, convém recordar: se os cinemas, nessa época, reprisavam muito, antes de começar a temporada oficial, os filmes que assim voltavam ao cartaz eram, frequentemente, grandes filmes, produções de in-

lerêsse que se revia com prazer, pelas quais mesmo, muitas vezes, se levava longos meses ansiando.

Assim, o contraste com o panorama cinematográfico do presente ano é verdadeiramente aterrador para nós, de hoje. Que filmes, esse verão, mereceram a atenção do crítico, do interessado por cinema, de um espectador mais ou menos esclarecido? E das reprises apresentadas, qual delas se pode justificar ante o olhar de um apreciador de cinema, mesmo dos mais condescendentes? Sem dúvida, terminado o carnaval, o panorama começou a se modificar um pouco e num ou noutro filme já o crítico se pôde deter alguns instantes. Distanciámo-nos um pouco dêsse início de ano, mediocre, vazio, completamente nulo, que a exibição de "Virgem Louca", de Henri Diamant Berger, (com que um de nossos melhores cinemas brindou o público em 1.º de janeiro...), parecia tão bem simbolizar...

Não há, naturalmente, nenhum grande filme a assinalar. Nada mesmo que ofereça um interesse maior. Mas, é inegável que em filmes como "Camaradas", de Julien Duvivier, ou "Chéri-Bibi", de Léo Mathot, há muita coisa a ver, e até mesmo, a admirar. Como há ainda que em proporções muito menores, e saindo um pouco do campo estritamente cinematográfico, em "Alucinação" de Charles Vidor, e em "Horas Roubadas", de Sidney Franklin. E mesmo filmes fracos, como "Atração da Carne", de Raimond Roulleau, ou "A Morte me Persegue", de William Keighley, não deixam de interessar, de apresentar momentos que prendem a atenção e fazem sonhar com um bom filme possível...

De todos êsses filmes, "Camaradas" é, sem dúvida, o melhor. Por certo, não se trata de uma produção de grandes proporções, e o próprio cenário determina implacavelmente os limites dentro dos quais Julien Duvivier vai poder se mover. Não é grande coisa, e por mais que o diretor se debata, se prodigue em golpes de virtuosismo técnico, não logra fugir a uma certa banalidade, não conseguindo se evadir inteiramente do gênero comum dos filmes franceses de primeira classe, que, é inegável, já começa a cansar bastante. Tem grandes cenas e passagens fracas, cansativas. Julien Duvivier conseguiu muito, mas, o cenário do filme era fraco e trazia em si as suas invencíveis insuficiências. Pode-se assistir "Camaradas", e com muito agrado até, mas, não se deve examiná-lo com grande rigor...

Em si, "Chéri-Bibi" trazia a possibilidade de se tornar um filme notável. Até um certo momento, aliás, tem-se a impressão de que Léo Mathot caminha nesse sentido. O filme vai

sendo construído com um grande rigor, uma sobriedade e uma precisão de direção raras, e a interpretação nada deixa a desejar (graças, aliás, ao esplêndido desempenho de Pierre Fresnay, e também, em parte, de Jean-Pierre Aumont). Do meio para o fim, porém, "Chéri-Bibi" começa a decair, e o final, apressado, convencional, quase inconvvincente, reduz enormemente as proporções do filme. Não entanto, não deixa de ser um bom filme, denso, rico, que se fica satisfeito de ter assistido quando se sai do cinema. No mesmo gênero de "A morte me Persegue", tem sobre ele grandes vantagens, apesar-da produção de William Keighley ser também bem interessante e, talvez mesmo, mais agradável de ser vista, por parte de quem procura um espetáculo, uma simples diversão.

Também "Horas Roubadas" e "Alucinação" valem mais como diversão do que como cinema. Charles Vidor dirigiu "Alucinação" com grande felicidade até o momento decisivo da demonstração da tese psicanalítica do filme. Fracassa mais ou menos aí, e o filme se torna convencional, quase sem interesse. Do mesmo modo, Sidney Franklin faz de "Horas Roubadas" um filme curioso, original, que traz à memória a lembrança sempre agradável de "A Morte em Férias", mas, não consegue, apesar-das sequências iniciais (onde se vê, por alguns instantes, bom e verdadeiro cinema), elevá-lo acima das proporções comuns. Assiste-se "Horas Roubadas" com muito interesse, com agrado em várias sequências, mas, a recordação que se leva para casa não é das melhores. A impressão de mistura, de impureza excessiva, domina e envenena tôdas as outras.

Mais fraca ainda é a impressão que deixa "Atração da Carne", de Raimond Roulleau. É verdade que, aí, o diretor teve de lutar contra a peça de Bernstein e as duas interpretações de Jean Gabin e Gaby Morlay. Dada a carga, não é de desprezar o que conseguiu obter: um filme que, em si, talvez nada valha, mas que, a todo momento, faz sonhar com a grande produção que se poderia tirar dele, se fôsse possível locar no cenário, torná-lo cinematográfico, e desconvenecer Jean Gabin, e sobretudo Gaby Morlay, de que são grandes atores...

Acrescido de uma bem fraca refilmagem de "Beau Geste", devida a William Wellman, eis o ativo desse início de ano, mais de três meses de produções semanais. Talvez a simples exibição de "Os Cavaleiros de Ferro", de Eisenstein, (que se anuncia para breve) nos pague de toda essa miséria. Mas, de qualquer modo, não começou muito bem o ano de 1940...

Octavio de Faria,

Arquivo

Crônica inédita de Coelho Neto

Escola...

Cheia de sonhos em o que se cega na jornada que o leva ao futuro. Não há muito que sonhar no mundo
presentemente porque o caminho é fácil e de boa vontade e até a liberdade humana sempre agitada
porque a terra, para não ser mais o mundo que a malta, é como um mundo com uma piedade
aberta ao infelice. [Ferreira Brasil, o cego que se vê apertado, o rei principal, muitas, muitas,
que vão, da terra de Abba, é como um infelice viver cego no mundo, o mundo para elle é
tudo de trevas: não vê, jamais, o esplendor de um sol de ouro ou a magia claridade de um luar
de Abba. [Tem a percepção da natureza pelo tacto e imagina. É a imaginação que lhe vai in-
dicando a alma dentro como os paneiros aluminados, dentro dos sonhos, os pequenos esplendores
que não vêem, não apertado que um paralítico, que tem os olhos, que não vêem as coisas
com clareza até às estrelas, elle vive na sombra, captivo dentro de si mesmo, tratando a
grande vida sobre um sonho de um regatão. [Além da sua consciência infeliz é um ser do-
grado do que o supponha porque houve quem lhe pusesse dentro d'alma, como uma lan-
terna n'um carcere, a instrução. [Os dedos são os seus tentáculos - é por elle que lhe so-
bri ao crebro todas as infelices: paneiros de luz, sobre os relvros do papel elle vai
traduzindo a verdade no bônho, no poeira, no sonho; apalpa as coisas, que um reza

Meia-hora

Com Miguel Reale

"A geração que Alberto Tôrres sonhou" — Miguel Reale em face da nova geração brasileira — Sentido realista e objetivo de sua obra — A poesia, expressão primária e fundamental do espírito — Como nasceu "O Estado Moderno" — O capítulo de Marx — Romance moderno — "Há escritores nacionais que são estrangeiros" ... — "O escritor brasileiro deve se por na tranquila serenidade de quem constrói — Livros em preparo.

"A nossa geração, com essa floração magnífica de escritores, sociólogos, jornalistas, orientados todos no sentido da suprema política de que depende a vida dos povos, é a geração que Alberto Tôrres sonhou. Ela aí está e sabe que o Brasil reclama o congraçamento de todos os contingentes humanos num grande partido, cuja razão de ser não decorra da política vulgar mas do estudo e da resolução dos problemas administrativos, econômicos, financeiros e sociais, movimento este que reúna tôdas as forças econômicas da nação" — Tenho em mãos o recorte de jornal de mais de sete anos com a entrevista que Ronald de Carvalho concedeu a Jaime de Barros e na qual grifei as palavras que transcrevi acima.

Lembrei-me delas agora, tendo na frente as fôlhas escritas por Miguel Reale. Fui procurar o velho recorte e vejo que a memória não me traiu. Queira exprimir, numa síntese, o significado político e espiritual da geração a que pertence o pensador de "O Estado Moderno" e encontro aquela afirmação de Ronald, lúcida como uma flecha luminosa: — "A geração que Alberto Tôrres sonhou"!

O grande esquematizador dos lineamentos de nossa arquitetura política morreu sem assistir ao menor movimento no sentido da realização de suas idéias. Na amargurada carta que

dirigiu a Pedro Lessa confessa francamente a sua desilusão de batalhador não ouvido, nem compreendido. Passou a vida inteira observando os fenômenos sociais e políticos do Brasil. Consagrou toda a sua inteligência, a sua cultura, a sua capacidade de observar, de criticar e de construir à elaboração de um programa doutrinário inteiramente induzido de nossas realidades nacionais. E velho ouviu em torno de sua obra aquele silêncio sem fronteira a que alude a ironia ferina de Gide a respeito de Paul Bourget.

Raimundo de Farias Brito foi mais feliz que o pensador fluminense. Na famosa carta que dirigiu ao fundador do Centro D. Vital confessou os trabalhos, os amargores, as decepções de toda a sua vida. O filósofo caboclo construiu a imensa obra, que hoje o torna dos maiores entre os maiores, enfrentando crises tremendas, de desalento e de desespero — como um “D. Quixote do pensamento”. No fim da vida, quando julgava inútil o seu esforço e pensava que morreria com ele o movimento de restauração da filosofia do espírito em nossa Pátria, conhece Jackson de Figueiredo; nota-lhe “qualquer coisa de estranho no olhar”. Descobriu o seu continuador. Ganha ânimo e grita: — “D. Quixote vencerá com os que vão fazer a renovação espiritual do mundo!”

De Alberto Torres jamais se ouviu afirmação idêntica. Mas ele deve ter sonhado — embora sem divisar nenhuma luz, nenhuma estrela perdida — com uma geração que entrasse violentamente na história e que realizasse o movimento enquadrado nas linhas gerais de seu pensamento político.

Esta geração advinhada por Farias Brito naquela página lindíssima em que descreve o rumor de longínquo exército que se aproxima, esta geração sonhada por Alberto Torres não faltou, segundo o testemunho insuspeito de Ronald. Espiritualista e nacionalista, construiu um programa político induzido de nossas realidades nacionais. Fundou o único movimento de caráter nacional da República, congregando todos os “contingentes humanos”. Entre muitas outras coisas que fez, destruiu o tabú do liberalismo, lançou os *alicerces de um estado forte*, arrancou a mocidade do materialismo e do ceticismo, desmascarou as manobras da finança internacional, e combateu o movimento comunista pela palavra, pela doutrina, pelo esclarecimento e até pelas armas nas barricadas das ruas e das praças públicas.

E entre os condutores da “geração que Alberto Torres sonhou” Miguel Reale se encontra nos primeiros planos. Sua obra de jurista, de pensador político e de sociólogo reflete, como sismógrafo preciso, os rumos doutrinários e os anseios da gera-

ção a que pertence. Apresentando-o a um auditório do Rio, Almeida Sales asseverou que o autor da "Formação da Política Burguesa" era codificador dos anseios dispersos da nova geração, fixador de rumos que haviam adquirido assentimento comum em tôdas as inteligências mas que estavam exigindo o trabalho difícil de embasamento.

Miguel Reale não parou a esta altura. Avançou. Tornou-se descortinador de perspectivas afastadas e criou obra portentosa que honra a inteligência brasileira e que dá prova estupenda da capacidade de estudo, de pesquisa, de meditação e de criação dos moços patricios. "O Estado Moderno", "Formação da Política Burguesa", "O Capitalismo Internacional", "Atualidades de um mundo antigo", "Atualidades brasileiras" e a "Teoria Geral do Estado" (ainda no prelo) provam-no exuberantemente.

Com Miguel Reale, os moços estudiosos do Brasil abandonam a velha linha de romantismo doutrinário e político que assinou no Império (com exceção feita de Nabuco, o grande pensador político do segundo reinado, e, em parte, de Tavares Bastos) e na República (exceção feita de Alberto Torres, de Jackson de Figueiredo, de Oliveira Viana e de Plínio Salgado) a passagem sucessiva das gerações. Sem perder a ligação essencial com as *atualidades de um mundo antigo*, sem abandonar a fonte de experiência política e de informação espiritual da civilização européia, Miguel Reale entra em contacto com as *atualidades brasileiras*, estudando objetivamente os nossos problemas administrativos, econômicos, financeiros e sociais, procurando fotografar a nossa maneira de existir como povo culturalmente autônomo. Dêsses estudos, arranca deduções de caráter prático e objetivo. E não cruza os braços, numa atitude de pesquisador desinteressado e inútil. Sai à rua. Vive suas idéias. Prega-as em centenas de conferências e discursos em tôdas as cidades da Pátria. Sua obra é, portanto, vivida. E tem uma qualidade excepcional neste país: é realista e objetiva.



Nesta entrevista não aparece, contudo, o agitador ou doutrinário político. Os leitores vão passar meia-hora com o escritor, na intimidade de suas recordações, de seus pensamentos mais íntimos, de sua vida e de seus projetos.

Miguel Reale começa contando que iniciou pela poesia.

— "É possível que cause estranheza o fato de ter começado pela poesia quem sempre timbrou em dar cunho positivo o prático às suas pesquisas de ordem jurídica e econômica. No

entanto, isso não pode causar perplexidade ou admiração. E por dois motivos, ambos relevantes.

"Em primeiro lugar, penso que começar pela poesia é quase um sinal de evolução lógica. A poesia é o grande começo. Se a princípio era o Verbo, a princípio era também a poesia, posição espontânea e natural do espírito diante do inefável. A poesia liga-se ao "eu" mais profundo, ao "eu" que é anterior à própria consciência porque esta já apresenta resíduos de objetividade, já traz alguma coisa que é do mundo acrescido ao que é puramente nosso. Em segundo lugar, a poesia, por ser uma expressão primária e fundamental do espírito, banha todas as matrizes da criação. Prefaciando os "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho, o grande Euclides adverte: "aos que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas". Se assim é para o engenheiro, não o é menos para o jurista ou para os estudiosos de ciências políticas. O Direito é a arquitetônica das ciências sociais, é aquela que é síntese e harmonia. Em verdade, o jurista sem poesia não vai além da letra morta da lei, e os seus comentários são como rendilhados de tranças nos amarelados *in folios*."

"Comecei, pois, pela poesia, embora guardando para mim quase todos os versos que compus. Não creio, porém, que se comece pela poesia, como disse alguém, para depois se "passar à prosa" que é forma completa, mais evoluída da expressão." Nunca pude me conformar com esse preconceito de ser a prosa superior à poesia como expressão de madureza e complexidade. Dest'arte, não me alegro somente por ter começado pela poesia, mas também por nunca me ter separado dela, até mesmo quando o meu espírito cuida de áridos problemas de economia e de finanças."

— *Qual o primeiro trabalho que publicou?*

"O primeiro trabalho que dei à publicidade foi um soneto", disse Miguel Reale talvez procurando a surpresa escondida nos olhos do reporter. "Ainda estava nos bancos ginasianos, em plena adolescência. É um soneto da velha escola, composto na época em que começava a grande e fecunda reação modernista em S. Paulo. Dêsse soneto talvez só se salve a tradicional e tão procurada chave... de ouro, rematando todas as ansiedades da adolescência:

— *E na febre dos sonhos mais vívidos
sinto a dúvida atroz de me perder
na Torre de Babel dos meus sentidos.*

"Qual a sensação que tive ao vê-lo em letra de forma? Se não me engano foi de absoluta calma, de absoluta certeza de ser grande poeta..."

Miguel Reale apareceu no cartaz com um estudo sério que fez grande ruído. Coisa rara no Brasil, país dos romances em série... O reporter arrisca perguntar como nasceu este primeiro ensaio.

— "Desde os primeiros contactos com os compêndios e tratados de Direito Público, tracei um plano de estudo e concebi uma obra que se poderia chamar *cíclica*: um estudo sobre a origem e a formação do Estado, desde a antiguidade clássica até aos nossos dias, procurando uma explicação global para as diferentes doutrinas, analisando as suas múltiplas causas, colocando-as sempre em direto contacto com os fatos sociais e económicos, e as contingências históricas. Concebi esse plano de trabalho pela necessidade que sentia e sinto de uma revisão integral da matéria, para ver até que ponto devem estar separados certos conceitos que as paixões lançam uns contra os outros, ou se devem continuar unidos determinados princípios consagrados pela tradição. Obra crítica, portanto, que exigia muita pesquisa e muita objetividade. Pôs mão à obra aos dezenove anos e, aos vinte e dois, já tinha esboçado o plano em suas linhas gerais, tirando as conclusões de ordem imediata."

"Foram esses três anos os de maior meditação e estudo. Aos vinte e dois anos incompletos, logo após a Revolução de São Paulo, quis viver a vida política intensamente, afim de, como disse depois, *teorizar a vida e viver a teoria na unidade indissolúvel do pensamento e da ação.*"

"A vida política, porém, se me deu mais senso de relatividade e de positividade, por outro lado alterou todo o plano de minha obra. Exigências de ordem prática obrigaram-me a um sacrifício; a publicar as conclusões da obra antes dos estudos de elaboração, o último volume como se fôsse o primeiro. Essa a origem de "O Estado Moderno".

"Muitos o consideram o meu melhor livro, mas para mim não é um livro separado dos outros, separado de "Atualidades de um Mundo Antigo" (que deveria ter o primeiro volume a ser publicado), de "Formação da Política Burguesa" e "O Capitalismo Internacional" que constituem respectivamente introdução *política e económica* ao estudo do Estado Moderno. Trata-se de uma obra que só um dia ainda eu re-elaborarei, acrescentando o único anel que falta à cadeia ("Alicerces de um Estado Forte"), se é que assiste ao autor o direito de modificar criações que adquiriram fisionomia própria e vivem por si.

— *Em sua formação intelectual, sofreu influência de algum autor?*

“Não posso destacar nenhum autor dentre os que exerceram influência sobre a minha formação intelectual. Em plena adolescência eu teria dito: Karl Marx. Mas depois dessa época, outros escritores tomaram folgadoamente o lugar desse destruidor emérito.”

— *E a respeito de autores nacionais e estrangeiros...*

— “...não tenho preferência determinada por escritores nacionais ou estrangeiros. Essa é uma questão relativa. Há escritores nacionais que são estrangeiros, assim como há escritores estrangeiros que querem ser universais, mas têm o cuidado de fazer coincidir, como acontece com os franceses, o chamado espírito universal com o próprio.”

“Dos escritores nacionais prefiro aqueles que sabem ser modernos sem partir os liames que os prendem ao filão mestre de nossa literatura.”

“Até agora não me convenci, por exemplo, da necessidade de ignorar a gramática para fazer obra nacionalista, nem da vantagem de transformar o romance em introdução elementar e gostosa ao estudo da sociologia...”

“Aliás, os melhores romances modernos, de que Graciliano Ramos dá admiráveis modelos, são aqueles que não traem, a cada passo, a preocupação da côr local, o esforço que fazem no sentido de parecerem *brasileiros*. A brasilidade, para o verdadeiro artista, é um ambiente, uma atmosfera natural que se torna imperceptível, assim como só nos apercebemos da existência do ar quando este nos falta.”

“Sem perdermos contacto com os escritores da estirpe de Euclides da Cunha e de Machado de Assiz, podemos revelar as facetas mais palpitantes de nós mesmos e da vida que nos circunda.”

“A época do exagêro explicável e necessário já passou. Em lugar de perseverar na tensa atitude de quem reage, o escritor brasileiro moderno deve se pôr na tranquila serenidade de quem constroi.”

— *Tem algum livro em preparo?*

“Além de um trabalho de Direito Público já concluído e de próxima publicação, tenho esboçados vários outros, inclusive um sobre *Estética* e análise do sentimento artístico que não tenho pressa de terminar, porque representa, como disse, a poesia que gosto de ter sempre comigo. É possível que dentro de dois anos estará terminada também uma pequena síntese das idéias políticas no Brasil, livro de que tanto carecemos.”

GERALDO DE CARVALHO SILOS

Fatos e comentários

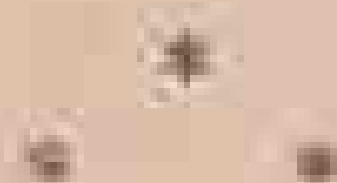
Lições e profecias de Rui

RELENDO algumas páginas de Rui Barbosa, em busca de lenitivo às minhas inquietações, deparei lições admiráveis, merecedoras da meditação dos moços brasileiros.

Em 1920, no seu célebre discurso de paraninfo, escrito para aqueles que então concluíam o curso na Faculdade de Direito de S. Paulo, Rui Barbosa, descrevendo certos aspectos lamentáveis da mentalidade brasileira, emitiu conceitos que, de quando em quando, devemos recordar. Revoltado contra a supremacia da incompetência e o mandonismo dos incultos, bradou corajosamente o grande Rui: "A esses homens-panacéias, a esses empreiteiros de tôdas as empreitadas, a esses aviadores de tôdas as encomendas se escancaram as cancelas da fama, do poderio, da grandeza, e, não contentes de lhes aplaudir entre os da terra a nulidade, ainda, quando Deus quer, a mandam expôr à admiração do estrangeiro". E acrescentou: "vai-se até ao incrível de se inculcar o medo aos preparados, havê-los como cidadãos perigosos, e ter por dogma que um homem, cujos estudos passarem da craveira vulgar, não poderia ocupar um posto mais grando no govêrno, em país de analfabetos. Se o povo é analfabeto, só um ignorante estará em termos de governar."

Os grandes homens, os de fato geniais, raramente podem ser compreendidos pela geração dos seus contemporâneos. Só a posteridade lhes fará justiça, esculpindo-lhes os nomes, em devido relevo, nas páginas da História. Rui Barbosa foi uma dessas personalidades que de raro em raro nos é dado contemplar. Quando morreu a Águia de Haia, eu cursava, no Rio, um dos primeiros anos da Faculdade de Medicina. Idolatrava Rui. Tanto que, ao lêr a notícia de sua morte, não pude exprimir por palavras o sentimento que, naquele instante, me dominara. Constringindo-me a minha garganta, apenas algumas lágrimas

rolaram sobre a mesa do estudante. É que, naquela hora grave, eu me compenetrara de estar presenciando uma catástrofe nacional.



Em março último, na data comemorativa do 17.º aniversário da morte do excelso brasileiro, relei *ORAÇÃO AOS MOÇOS*. Quantas lições! Que admiráveis profecias! Aquelas páginas devem ser lidas, relidas e, mais ainda, meditadas pelos moços brasileiros, maximé nos momentos de desânimo e possível descrença nos gloriosos destinos nacionais. Falando a futuros magistrados, Rui estudou os conceitos de Lei e de Justiça, resumindo assim o seu pensamento: "De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: Não há justiça sem Deus". Essas conclusões do mestre bastarão para reanimar todos aqueles que porventura estejam sofrendo as consequências da arrogante justiça dos homens. Para quem se acovarde diante de situações difíceis, preparadas por inimigos insidiosos, *ORAÇÃO AOS MOÇOS* contém lições que tranquilizam e confortam. Abrindo o livro da sua vida, Rui demonstra "a que ponto o acervo das provações espurga, tempera, nobilita e regenera a natureza humana", exaltando finalmente, que "imensa dívida cada criatura da nossa espécie deve aos seus inimigos e desfortunas". E conclui: "Descrêr da cegueira humana, sim, mas da Providência, fatal nas suas soluções, bem que tarda nos seus passos, isso nunca."

Expondo a situação internacional do Brasil naquela época, Rui emite sentenças estupendas, que devem ser meditadas em 1940: "Não busquemos o caminho da volta à situação colonial. Guardemo-nos das proteções internacionais. Acautele-mo-nos das invasões económicas. Vigie-mo-nos das potências absorventes e das raças expansionistas." E, adiante, como um farol gigantesco, ilumina o caminho a seguir: "Mas o que lhe importa (ao Brasil) é que de comêço a se governar a si mesmo; porquanto nenhum dos árbitros da paz e da guerra leva em conta uma nacionalidade adormecida e anemizada na tutela perpétua de governos, que não escolhe. Um povo dependente no seu próprio território e nele mesmo sujeito ao domínio de senhores, não pode aspirar seriamente, nem seriamente manter a sua independência do estrangeiro."

Rui Barbosa, que até então fora a figura mais genial de sua Pátria, talvez por isso mesmo, não foi bem estudado e compre-

endido pelos moços seus contemporâneos. A mocidade de hoje, porém, já entenderá melhor a palavra do grande apóstolo do Direito. Leiamos sempre, em religiosa meditação, a sua empolgante peroração, da ORAÇÃO AOS MOÇOS, proferida há vinte anos.

J. VENCESLAU JÚNIOR



● O EXÍLIO — Foi, alguma vez, composto por alguém, um hino ao exílio, esta força criadora do destino que levanta o homem na sua queda, e que, sob o duro constrangimento da solidão, concentra de novo e de uma maneira diferente as forças enfraquecidas da alma? Os artistas nunca deixaram de condenar o exílio, como uma interrupção aparente da ascensão, um intervalo sem utilidade, um cruel rompimento. Mas o ritmo da alma precisa dessas paradas violentas. Porque somente conhece a vida quem conhece a desgraça. Somente o infortúnio dá ao homem toda a sua força para o combate. O gênio criador, sobretudo, tem necessidade, de tempos em tempos, de uma tal solidão forçada, para medir da profundidade do desespero, do exílio longínquo, o horizonte e a extensão da sua verdadeira missão. As mensagens mais importantes da humanidade vieram do exílio; os criadores das grandes religiões, Moisés, Cristo, Maomé, Buda, todos foram obrigados a penetrar primeiro no silêncio do deserto, longe dos homens, antes de pronunciar a palavra decisiva. A cegueira de Milton, a surdez de Beethoven, a prisão de Dostoiévsky, o cárcere de Cervantes, a moradia forçada de Lutero em Wartburg, o exílio de Dante, o banimento voluntário de Nietzsche, no meio das zonas geladas da Engadina, tudo isso não foi senão uma exigência secreta de seu próprio gênio, oposto ao de-

sejo superficial do ser humano. Ora, mesmo no mundo político, o qual é mais inferior e mais terrestre, uma retirada momentânea dá ao homem de Estado uma nova finura de percepção, um meio melhor de refletir e de calcular o jogo das forças em ação. Por conseguinte, nada pode acontecer de mais feliz à carreira de um homem político do que uma interrupção momentânea, porque aquele que não vê o mundo senão do alto de uma nuvem imperial, do cimo de uma torre de marfim e da sumidade do poder, não conhece senão o sorriso dos seus subordinados e a sua diligência perigosa; aquele que tem sempre nas mãos o poder, esquece seu verdadeiro valor. Nada enfraquece mais o artista, o general, o homem de ação do que a vista contínua de necessidades, a satisfazer, conforme a sua vontade e o seu desejo; não é senão pelo insucesso que o artista toma contacto imediato com a sua obra; não é senão pela derrota que o capitão corrige os seus erros; não é senão pela desgraça que o homem de Estado adquire a verdadeira clarividência política. Uma riqueza constante torna o homem efeminado; aplausos contínuos entorpecem o espírito; somente a interrupção deles dá ao ritmo, desentrelaçando-se no vácuo, uma nova mola e uma elasticidade criadora. Somente a desgraça dá uma visão larga e profunda das realidades deste mundo. O exílio é uma dura escola, mas é uma escola onde se

aprende bem; ele amassa da novo e concentra a vontade do fraco; contorna resoluto o homem indeciso e acrescenta mais firmeza Àquele que já a tem. O exílio é sempre para o homem verdadeiramente forte, não uma diminuição, mas um aumento de força.

Stefan Zweig

● **FOLCLORE NORTE - RIO-GRANDENSE** — Um dos aspectos curiosos do livro "Várzea do Assú", de Manuel Rodrigues, é o registo do material folclórico, tão desprezado, tão esquecido, tão desdenhado pelos nossos literatos de ontem, ante-ontem e hoje.

Aí ao redor de 1921 comecei a estudar o Folclore e reunir elementos para análise. Não podendo inventar, tinha de recorrer aos que, vivendo no interior do Estado onde superstições e tradições não se haviam deturpado completamente, podiam informar mais legitimamente. Houve mesmo um caso interessante. Um professor, rapaz inteligente, escrevendo nos jornais, recebeu uma minha carta solicitando alguns dados sobre o **Lubishomem**. O professor achou grande graça na idéia mas ficou arrufado. Devia ser atrevimento ter alguém escrito a um mestre, perguntando por essas idiotices de **Lubishomem** e **Burrinha-de-Padre**. Não respondeu minha carta, mas a enviou ao dr. Manuel Dantas, ógide educacional. Manuel Dantas, como magnificamente o evocou Elói de Sousa, era espírito curioso por todas as atividades intelectuais. Foi um dos primeiros norte-riograndenses a estudar nossas tradições e transmiti-las não escrevendo, mas contando. Lendo a carta do professor, mandou-a para mim, escrevendo, à margem, esse epitáfio: — veja você... Anos depois esse mesmo professor, em minha casa, admirava a extensa bibliografia folclórica que se publicara no Brasil. Lastimava eu a

ausência de um livro norte-riograndense e não esqueci dizer-lhe que não o fizera porque minhas cartas não eram respondidas. O mestre mudava de cor, arrependido, mas o mal estava feito, e muito material que se tinha podido obter, em 1921, já não era possível em 1936, quando estávamos juntos.

Naturalmente, habituado a trabalhar sozinho, não desanimel, e pude concluir um volume de mais de 350 páginas, sobre os mitos secundários e gerais, batizando-o com o nome de **GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS**, com longa e preciosa documentação.

Mas esse livro não é o Folclore do Rio Grande do Norte. Continua aberta a vaga para um candidato que se queira inscrever sem recompensas e sujeito à incompreensão e desestima, como soufri tantos anos seguidos. Hoje o ambiente mudou. Ninguém discute que o Folclore é uma cultura que apaixona os países velhos e novos do Mundo. Os Estados Unidos têm setenta e nove associações exclusivamente dedicadas a esse estudo. Não há terra desse globo sublimar que não as possua. A Finlândia tinha três (digo ~~três~~ *três* porque os russos podem ter incluído no tratado a morte das três sociedades), uma em Suomi, outra em Abo e outra em Helsinki. Há dois anos houve em Paris, no Palácio do Trocadero, a Conferência Internacional de Folclore, com a representação de sessenta nações.

O professor patricio, citado, não tinha motivo para zangar-se por lhe ter perguntado da existência do **Lubishomem** na zona de sua sabedoria.

O Rio Grande do Norte, dentro de vinte anos, terá perdido 90 % de suas tradições populares. Tradições, e não lendas. As rodovias, o rádio, o automóvel, aproximaram sertão e litoral de modo completo. O sertanejo de hoje, à noite arrancha na calçada do patrão para ouvir notícias pelo rádio como outrora sentava-se para ouvir conversas dali mesmo.

Mário Melo contou-me que, nos arredores de També, numa fazenda, longe de tudo, deparou um rádio acompanhando o jogo Brasil-Itália. É um sertanejo, de chapéu de couro, que ouvia atento, informou a outro que chegava: — *Vámo ruim, compáde, pé-nôti contra nós...* Mário Melo deu um suspiro e registou a vitória do rádio e do espírito moderno.

A hora de ouvir história de Trancoso, história de onça, de assombração, de bicho encantado, remédios populares, superstições em geral, gestos rituais, frases cabalísticas, orações fortes, mil outros temas, é esta. É hora que está passando depressa. Daqui a tempos quando perguntarmos a um sertanejo tal ou qual crendice (com a ressalva de saber que ele não acredita) ouviremos possivelmente: — *Meu Pai falava nessas tolices, doutor, mas esqueci. Diga-me, de quantas válvulas é o rádio que o senhor usa? E ainda emprega fio de terra!*...

Luiz da Câmara Cascudo

● **"SANGUEIRO" EM VERSÃO CASTELHANA** — O romance de Lúcio Cardoso acaba de aparecer em versão castelhana, traduzido por Benjamin Garay. Em prefácio, o tradutor faz um interessante estudo da obra do romancista brasileiro.

● **UMA CADEIRA DE LINGUA E LITERATURA CASTELHANAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO** — Foi instituída no curso de Línguas Neo-Latinas da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo uma Cadeira de Língua e Literatura Castelhanas. Foi contratado para reger a Cadeira o prof. Braulio Sanchez Sáez, ilustre redator dos *Cadernos*.

● **EMÍLIA BERNAL E O BRASIL** — A poetisa e escritora cubana ara. Emília Bernal, que esteve recentemente em visita ao nosso país, realizou, a 7 de Março último, em Havana, sob os

auspícios da Secretaria de Educação, uma conferência sobre o tema: "O Brasil das crianças, dos poetas e dos heróis".

● **O CINCOCENTENÁRIO DA FACULDADE DE DIREITO DA BAIÁ** — O 50.^o aniversário da Faculdade de Direito da Baía foi brilhantemente comemorado com a realização de conferências por antigos alunos.

● **MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ** — Por iniciativa da "Casa dos Poveiros", constituiu-se no Rio de Janeiro uma comissão para tratar dos trabalhos necessários à ereção de um monumento a Eça de Queiroz em Póvoa de Varzim, sua terra natal. A idéia encontrou eco não só no seio da colônia lusitana, como também entre os brasileiros admiradores do romancista de "As Cidades e as Serras".

● **LUÍZ DA CÂMARA CASCU DO AGRACIADO PELO GOVERNO ITALIANO** — Tendo o escritor Luiz da Câmara Cascudo publicado o livro "Em memória de Stradella" para perpetuar o nome e a obra realizada no Amazonas pelo cientista italiano, resolveu o Rei Victor Emmanuel da Itália, em reconhecimento, conferir-lhe a Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália.

● **O "DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA"** — A Academia Brasileira deliberou encarregar o sr. Afrânio Peixoto da elaboração do "Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa". Aceitando o encargo, comprometeu-se aquele acadêmico a entregar seu trabalho dentro de dois anos, tomando por modelo o Dicionário da Academia Espanhola.

Os verbetes serão distribuídos aos acadêmicos, em cadernos mimeografados, devendo ser devolvidos no prazo de quinze dias, com as emendas e observações. Destarte, todos os membros do "Petit-Trianon", poderão colaborar na feitura do Dicionário.

● **GABRIELA MISTRAL** — Encontra-se no Rio de Janeiro a poetisa chilena Gabriela Mistral, recentemente designada para a representação consular de seu país em Niterói. Gabriela Mistral é candidata ao Prêmio Nobel.

● **OS HERDEIROS DE JOAQUIM NABUCO E O EDITOR GARNIER** — O Supremo Tribunal Federal não tomou conhecimento do recurso intentado pelo editor Augusto Garnier com o fim de anular a ação de rescisão de contrato, ganha em juízo pelos herdeiros de Joaquim Nabuco.

● **A LITERATURA DA UCRAÍNA** — O escritor Ossep Stefanovitch pronunciou, na sede da Associação Paulista de Imprensa, uma conferência sobre a literatura da Ucrânia.

● **LUIZ GUIMARÃES FILHO** — Luiz Guimarães Filho, recentemente falecido, além de diplomata, era poeta e escritor de mérito. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1917, sendo recebido por João do Rio. Publicou: "Santa Teresinha", "Poesias", "Versos íntimos", "Livro de minha alma", "Ídolos chineses", "A aranha e a mosca", "Ave Maria", "Uma página de Quo Vadis", "Pedras preciosas" e "Cantos da Luz" (poesias) e em prosa: "Samurais e Mandarins", "Holanda" e "Fra Angélico".

● **PRÊMIO ANTÔNIO ALCÂNTARA MACHADO DE 1940** — Em sessão solene presidida pelo sr. Alcântara Machado, a Academia Paulista de Letras fez entrega à sra. Dinah Silveira de Queiroz, autora do livro "Flordas na serra", do Prêmio "Antônio Alcântara Machado" de 1940

e da menção honrosa ao sr. Rubens Rocha, autor de "A Derrocada".

Em nome da instituição, saudou os premiados o sr. Oliveira Ribeiro Neto. A sra. Dinah Silveira de Queiroz e o sr. Rubens Rocha responderam, agradecendo.

● **NONO CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA** — A Comissão Organizadora do Nono Congresso Brasileiro de Geografia, presidida pelo ministro Bernardino José de Sousa, tem recebido grande número de adesões de todos os pontos do país para o importante conclave a se reunir em Florianópolis.

● **HISTÓRIA DAS BELAS ARTES NO BRASIL** — A "John Simon Guggenheim Memorial Foundation" dos Estados Unidos, encarregou o sr. Robert Chester Mith Junior, diretor da Seção Espanhola do Congresso norte-americano, de preparar uma "História das Belas Artes no Brasil" dos tempos colombianos até os nossos dias.

● **GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS** — O escritor Luiz da Camara Cascudo está acabando um ensaio de grande valor, chamado **Geografia do Brasil Holandês**, com oito ilustrações de Barlaens e uma de Matias Beck, todas flamengas da gema.

● **ANTÔNIO ROCCO** — Dia 3 de abril p.p. o pintor Antônio Rocco inaugurou a sua exposição de pintura, em S. Paulo, no salão do prédio das Arcadas, à rua Quintino Bocaiuva, n.º 54.

● **C. C. C.** — Recebemos o número 1 do Boletim do Centro Cultural de Casa Branca, que ora reinicia suas atividades.

● **ALPHONSE DAUDET** — A França apresta-se para celebrar agora em maio o centenário do nascimento de Alphonse Daudet.

● **O CENTENARIO DE ZOLA** — Realizou-se em abril p. p. a sessão pública da Academia Brasileira de Letras, comemorativa ao centenário de Emilio Zola, que foi o seu primeiro sócio correspondente, eleito em 1 de outubro de 1898.

● **JOSÉ CAMPELO** — Faleceu dia 15 de abril no Auditório da "Gazeta", como representante da intelectualidade pernambucana, o sr. José Campelo sobre "A influência de S. Paulo e Pernambuco na formação da nacionalidade".

● **O INCONCIENTE NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS** — Discorreu sobre esse tema dia 19 do mês p. p. na sede da Associação Paulista de Medicina, o dr. Luiz Ribeiro do Vale. O conferencista discorreu com profundidade sobre os tipos de Machado de Assis.

● **FRAGMENTO DE UMA NOTA SOBRE O N.º 6** — *Cadernos da hora presente*, cujo número sexto temos à vista, constitui publicação mensal, em forma de livro, abrindo regularmente com um trabalho literário de mais fôlego, no qual se seguem outros de atualidades.

... O seu fascículo de janeiro abre com a tradução do capítulo XXX dos "Ensaio de Montaigne: Des Cannibales". O tradutor Luiz da Câmara Cascudo, recorda, num pequeno prefácio, que em 1933, por ocasião do quarto cen-

tenário do nascimento de Montaigne, Ronald de Carvalho pensou em comemorar a data com uma série de estudos brasileiros, distribuindo-lhe o capítulo XXX dos "Ensaio", o estudo de Montaigne sobre "Des Cannibales", tão citado e ainda sem versão em português.

Pinheiro Júnior

(Estado de S. Paulo — "Revista das revistas" — 10-4-40).

● **ALBERTO DE OLIVEIRA** — Dia 23 de abril faleceu em Lisboa o embaixador Alberto de Oliveira, membro da Academia de Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Deixa inúmeras obras literárias, entre as quais "A outra bandeira de Portugal", "Eça de Queiroz", "Poesias" e "Sermões não encomendados".

● **RIBEIRO COUTO** — Encontra-se entre nós, novamente, o escritor e diplomata patriótico Ribeiro Couto, membro da Academia Brasileira de Letras, após quase um lustro de permanência em Hala, no desempenho de suas funções de secretário da nossa Legação.

Ribeiro Couto, depois de alguns anos sem publicar nenhum livro novo, oferece-nos agora o "Cancioneiro de D. Alfonso", edição primorosa de admiráveis poemas, feitos de reminiscência e saudade.

● **CARNEIRO RIBEIRO** — O sr. Danilo Carneiro Ribeiro, autor da interessante biografia de seu avô, o grande filólogo patriótico Ernesto Carneiro Ribeiro, anuncia-nos, para breve, um romance.

Conto mensal

Agora, sou eu

O trem largara moroso, como quem sente enfado de repetir a mesma caminhada de todos os dias. Quase vazio o meu carro e, por isso, escolhi lugar, sentei-me à vontade. O sol entrava e saía a cada curva dos trilhos, um sol meio morno, de quase anoitecer. Meus olhos fugiam às páginas do livro que abria. Acontece-me sempre isso, em viagens. A paisagem, seja a própria monótona do mar, atrai-me mais a atenção do que a leitura. Coqueirais de Afogados, praia distante de Boa Viagem, agora areiais de Tigipiô, e, pouco mais, transpusemos Jaboatão com a verdura meio tostada de suas matas e os pinotes das suas águas. Fazia gosto olhar lá para fora. Só não o fariam aquele negociante de gado a discutir peso e preços de bois com um colega de profissão e um senhor baixo, rochunchudo, tipo de chefe de secção, que preferia ler o Diário Oficial.

A locomotiva resignara-se a refazer o trajeto quotidiano e corria. Passavam cercados de engenhos e casas-grandes já em sombra. Acenderam-se as lâmpadas do vagão. Ouvia-se uma tossezinha irritante, seca. Num outro extremo do carro. Vi o dono dessa tosse. Era um homem magro, encolhido, com um chale nos ombros. A certo ponto ergueu-se para cerrar a vidraça, porque começava a se sentir o frio das altitudes. Não o conseguiu. Falta de força, talvez. Levantei-me, fui auxiliá-lo.

— Mas, e você, Fábio?!

Sim, era Fábio de Campos. Ia doente para São Bento. O clima haveria de curá-lo. Compreendi tudo. Nem ele quis me esconder nada. Estava tuberculoso. Tentara o possível, na capital, sem resultado. Ia aguardar a sentença do sertão.

O repouso, o ar, o leite... O trem subia a serra das Russas resfolegando. Não se distinguiram quase os túneis porque estava de todo escuro. Na passagem dos viadutos parecia que as rodas faziam cocegas no espinhaço das grandes pontes lançadas sobre os imensos abismos.

— Foi numa cidade do sul para onde eu me largara depois de formado. A clínica foi chegando. Sorriu-me a prosperidade. Não tinha de que me queixar. Clientes, boas contas, nome, figura... Numa festa do Mocidade Tennis Clube aconteceu o que acaba acontecendo aos moços. Vi uma moça que me despertou um interesse mais demorado do que as outras. Gostei de verdade de Debora e ficamos noivos. O casamento marcado. Estava perto quando Debora adoeceu de uma gripe. E, depois dela, um mal-estar constante, uma fraqueza, uma tosse...

O trem parara em Gravatá. Gente na estação. Pregões de boloscabanos, água-fresca, os vespertinos de Recife. De novo a marcha. E Fábio prosseguiu:

— A nada cedia essa magreza, essa debilidade de Debora. Ao contrário. Por mais que disfarçássemos tínhamos de reconhecer nela um aspecto dia a dia menos animador. Tive desconfianças, mas não me favorecia a coragem bastante para encarar a realidade. Eu próprio me enganava. Afinal, um dia, pedi a Debora para ir ao meu consultório afim de eu auscultá-la. Até então ela se recusara a isso com um certo pudor. Mas, desta vez, consentiu e foi com a mãe. Imagine v. minha expectativa! Quando a vi pronta para o exame, meu coração batia como o de um réu que espera a sentença de morte... Por outro lado, Debora tinha um horror indescritível da tuberculose porque já vira uma irmã morrer dessa doença. Pus o ouvido no seu seio e nas suas costas, procurando penetrar a fundo o segredo de seus pulmões. Continuava-me para não tremer. E a revelação, a certeza do que eu vinha supondo, mau grado minhas esperanças, se confirmara. Debora estava tuberculosa e, ai! de mim!, bem adiantada... Fiquei sem saber como reerguer a cabeça, como fitá-la, como mentir. Continuava a ausculta sem necessidade, para demorar, para retardar o momento do meu diagnóstico. Diagnóstico que eu nunca pronunciaria diante de Debora: tísica galopante...

Fábio tossiu muito forte, respirando a custo. Quis que deixasse o resto da história para mais tarde. Recusou-se.

— Tive de mentir, de sorrir, de enganar. Não era nada de mais. Apenas uma fraquezazinha. Debora não acreditava. Exigiu um juramento. Jurei. Com injeções, boa alimentação,

um outro clima conveniente tudo passaria. Partimos juntos para esse clima. Uma cidade maravilhosa para a cura dos físicos. Porém Debora nem ali alcançou melhoras. Começou a ter desconfianças mais rebeldes a uma negativa minha. Uma tarde, uma hemoptise. Apavorou-se. E eu ainda redobrei nas mentiras... Falava-lhe no nosso "próximo" casamento. Certa vez trouxeram-lhe o leite. Ela bebeu uns goles e de repente me disse com um ar de ânsia e de incerteza: "Eu só acredito que não tenho nada nos pulmões si você beber este resto de leite". Bebi esse sobejo. Desde esse dia tudo que ela levava aos lábios, eu pressuroso, também levava a minha boca. Água, frutas, chocolate, doces... E via a paga do meu sacrifício no sorriso que ela me dava. Sem saber bem si era de confiança no meu diagnóstico mentiroso ou si de egoísmo por me estar também arrastando à morte... Um mês depois Debora morreu...

No horizonte subia a mancha vermelha de uma queimada. A locomotiva diminuía a marcha. Apitou. Caruarú, onde eu deveria ficar, surdira muito iluminada, com o seu cruzeiro também em luzes no alto do monte do Bom Jesus.

Fábio ainda me disse, num tom de perfeita concordância:
— Agora, sou eu.

M A R I O S E T E



A hora nova

De uma coisa poderá estar certo todo aquele que se mostrar impressionado com a gravidade a situação atual dos espíritos, considerando as incertezas do problema da civilização e a crise por que tem passado o espírito humano, no exercício de sua função própria e na luta pela realização de suas mais altas aspirações: — é que o momento é de renovação e reconstrução; é que o momento é de revigoração moral, sendo certo que a época de demolição e desmoronamento chegou a seu termo e um ideal novo anuncia as aproximações de sua entrada no mundo.

F A R I A S B R I T O

(*"Mundo Interior"*)

BIBLIOTÉCA CLÁSSICA

1.	Erasmus de Rotterdam — O Elogio da Loucura	9\$000
2.	René Descartes — O Discurso sobre o Método	7\$000
3.	T. Campanella — A Cidade do Sol	8\$000
4.	Plutarco — Alexandre e Cesar	10\$000
5.	Platão — Apologia de Socrates	7\$000
6.	Denis Diderot — O Sobrinho de Rameau	9\$000
7.	Alfred de Musset — A Confissão de um Filho do Século — 2 volumes	16\$000
8.	François Rabelais — Gargantua	12\$000
9.	Plutarco — Demóstenes e Cicero	8\$000
10.	M. T. Cicero — Da República	9\$000
11.	Blaise Pascal — Pensamentos	12\$000
12.	J. J. Rousseau — Discursos sobre as Ciências e as Artes e sobre a Origem da Desigualdade	10\$000
13.	J. J. Rousseau — As Confissões — 3 volumes	30\$000
14.	Plutarco — Agis e Cleômenes e Tiberio e Caio	9\$000
15.	Demóstenes — A Oração da Corôa	9\$000
16.	"I fioretti" de S. Francisco	10\$000
17.	La Bruyère — Os Caracteres — 2 volumes	16\$000
18.	Thomas More — A Utopia	10\$000
19.	Voltaire — Dicionário Filosófico	14\$000
20.	Dante Alighieri — A Vida Nova	8\$000
21.	C. Tácito — As Histórias — 2 volumes	16\$000
22.	G. Beccaria — Dos Delitos e das Penas	10\$000
23.	Ch. Baudelaire — Pequenos Poemas em Prosa	10\$000
24.	Suetônio — As Vidas dos Doze Cesares — 2 volumes	18\$000
25.	Alph Daudet — Tartarin de Tarascon	8\$000
26.	Voltaire — Cândido	9\$000
27.	N. Machiavelli — O Príncipe	9\$000
28.	B. Cellini — A Sua Vida — 2 volumes	22\$000
29.	Law, Sterne — A Viagem Sentimental	10\$000
30.	Petronio A. — Satiricon	12\$000
31.	N. Machiavelli — Escreitos Politicos	8\$000
32.	Cardenal de Richelieu — O Testamento Politico — 2 vols.	16\$000
33.	Aristóteles — A Ética	2\$000

PERFIS

1.	G. Bertoni — Dante	4\$000
2.	E. Buonaiuti — Jesus	4\$000
3.	A. Galletti — Savonarola	4\$000
4.	M. Bontempelli — S. Bernardino	4\$000
5.	F. Momigliano — Tolstoi	4\$000

APOLOGIAS

1.	E. Buonaiuti — Catolicismo	4\$000
2.	C. Formichi — Budismo	4\$000
3.	Su-Sung-Ku — Confucianismo	4\$000
4.	U. Janni — Protestantismo	4\$000
5.	G. Tarozzo — Positivismo	4\$000

Todos os volumes são encadernados.

Pedidos à

ATENA EDITORA

Avenida General Olimpio da Silveira, 331

S. PAULO

Duas coleções da SEP

HOMENS E IDÉIAS

Direção de
TASSO DA SILVEIRA

ESTUDOS E DOCUMENTOS

Direção de
EURYALO CANNABRAVA

- I — Gil Vicente e outros estudos portugueses — Tasso da Silveira.
- II — Crítica Pura — Henrique Abílio.
- III — Plena Música (Estética e crítica) — Andrade Muriel.
- IV — Farias Brito — Nestor Vitor.
- V — Meditações sobre Machado de Assis — Candido Mota P.
- VI — Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito — Jackson de Figueiredo.
- VII — Farias Brito e a reação espiritualista — Almeida Magalhães.

Vida Literária — Rosário Fusco.

Seis ensaios do espírito moderno — Euryalo Canabrava.

Introdução ao Direito Moderno — Tristão de Alalde.

Tendências do novo humanismo — Euryalo Canabrava.

Introdução à Pedagogia Contemporânea — Teobaldo de Miranda Santos.



PRÓXIMAMENTE

BREVEMENTE

"Caderno Azul" de Augusto Meyer

Amiel de Rosário Fusco.

Ensaio de arte — Mário de Andrade.

Rabel (romance) — Cláudio de Araujo Lima.

Corpo Vivo (romance) — Adonias Filho.

Novos volumes de autores de momento, entre os quais:

Afonso Arinos Sobrinho

Luiz Camillo de Oliveira Neto

Sergio Buarque de Holanda

e outros



Experimente

CLAREIA OS DENTES • EMBELLEZA O SORRISO

**CONSELHOS DE SAÚDE
PARA OS QUE SOFREM DO
FIGADO:**

**PARA OS DOENTES
DO FÍGADO**

**OS MEDICOS ACONSELHAM
O REMEDIO**

EPATOBILAN

Remédio para os males do
Fígado, a última descober-
ta da ciência.

**EPATOBILAN é líquido
e é agradável**

**EM TODAS AS FARMÁCIAS E
DROGARIAS**

CONSELHO

"A SERVIÇAL", aconselha a todos os interessados em registro de MARCAS, pedidos de PATENTES e LICENCIAMENTOS de preparados farmacêuticos e análises bromatológicas, e antes de depositá-los, consultar seus arquivos próprios, com todas MARCAS, PATENTES REGISTRADAS E FORMULAS LICENCIADAS, enriquecidos diariamente com todas as anotações de pedidos de registros de MARCAS, PATENTES, etc., em todas as suas modalidades, busca essa que orienta o interessado sobre as possibilidades do registro a pleitear-se.

A SERVIÇAL LTDA

ROMEU RODRIGUES

Agente Oficial da Propriedade Industrial

SÃO PAULO

Rua Direita, 54 (ant. 6) 3.º andar
Salas 5, 6, 8, 9, 10 a 12.
Telefones: 3-3831 e 2-8934
Caixas postais 2631 e 1431

RIO DE JANEIRO

Avenida Calogeras N.º 4
(Edifício Pan America)
5.º andar — Apto. 54
Tel. 42-9285 — Cx. postal 3344

LEIAM

A Mulher que fugiu de Sodoma

grande romance de

JOSE' GERALDO VIEIRA

ENCADERNADO . . 12\$000

Pedidos à Administração dos CADERNOS